



MARÉ GRAFIA

CARTOGRAFIA DAS ARTES E ARTISTAS NA MARÉ

APOIO



FORD
FOUNDATION

REALIZAÇÃO

rede^{da}smqré



Projeto Editorial e Coordenação:

Pâmela Carvalho

Projeto gráfico:

Jorge Teixeira

Ilustração de capa:

Robert Silva

Equipe de pesquisa:

Alan Muniz, Gabiá Santos,
Karla Rodrigues, Washington Braga

Técnica em cartografia:

Gabiá Santos

Supervisão de Pesquisa:

Jaqueline Andrade

Mentoria:

Lucas Buda Capoeira

Produção:

Mariane Rodrigues

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	Pág. 06
Nota de Pesquisa.....	Pág. 08
Prefácio Edson Diniz.....	Pág. 09
Quem somos nós	Pág. 11
Introdução Contexto da Pesquisa	Pág. 21
Georreferenciando de artes e artistas na Maré.....	Pág. 22
Perfil dos artistas individuais e produtores culturais na Maré.....	Pág. 26
Cor/Raça	Pág. 27
Identidade de gênero	Pág. 28
Orientação Sexual	Pág. 29
Religião.....	Pág. 30
Escolaridade.....	Pág. 31
Idade.....	Pág. 32
Renda Individual	Pág. 33
Renda Familiar.....	Pág. 34
Práticas Culturais.....	Pág. 35
Apoio, Formalização e Financiamento	Pág. 36
Principais respostas por favela	Pág. 40
Artistas individuais e produtores culturais da Maré na pandemia.....	Pág. 51
Perfil dos coletivos artísticos na Maré.....	Pág. 56
Perfil dos equipamentos culturais na Maré	Pág. 58
Fazeres Artísticos, Identidades e Memórias na Maré Grupo Focal.....	Pág. 60
Narrativas e Trajetórias de artistas na Maré.....	Pág. 65
Artistas Individuais	Pág. 66
Para lembrar (ou jamais esquecer) de Cadu Barcellos	Pág. 67
Coletivos e grupos	Pág. 170
Equipamentos e espaços.....	Pág. 194
Conclusões e reflexões	Pág. 209
Referências Bibliográficas	Pág. 214

MARÉGRAFIA



CARTOGRAFIA DAS ARTES E ARTISTAS NA MARÉ

A Redes da Maré é uma instituição da sociedade civil que tem como território de atuação o conjunto das 16 favelas da Maré, onde residem cerca de 140 mil pessoas. Fundada por moradores da Maré, tem como missão elaborar projetos estruturantes que em médio e longo prazo modifiquem os indicadores sociais e de violência da região, contribuindo, dessa maneira, para a melhoria da qualidade de vida de seus moradores.

Com o objetivo de transformar as condições de vida na Maré e materializar projetos que contribuam com seu propósito maior, a Redes da Maré definiu como prioridade atuar a partir dos seguintes eixos de trabalho: (I) Educação, (II) Arte e Cultura, Memórias e Identidades, (III) Desenvolvimento Territorial e (IV) Segurança Pública e Acesso à Justiça. Dessa maneira, fazemos um percurso metodológico que passa pela produção de conhecimento sobre a realidade das favelas da Maré, a elaboração de projetos e ações que respondam a demandas da população e, ainda, pela mobilização dos moradores e moradoras para que, de maneira organizada, reivindiquem dos governos políticas públicas que sejam revertidas em direitos efetivados.

Em outubro de 2020, a iniciativa Maré que Queremos,¹ da Redes da Maré, lançou uma chamada pública com o objetivo de selecionar 17 colaboradoras/es para um trabalho cooperativo. O intuito foi a realização de três ações que contribuem para aumentar o nosso conhecimento sobre as condições de vida nas favelas da Maré, mas também, criar possibilidades de serem elaborados e efetivados projetos que tenham impacto concreto na região. O trabalho aconteceu a partir da formação de equipes que atuaram de modo integrado, em diálogo com a coordenação do edital e recebendo também o apoio de mentores e parceiros locais que tem envolvimento com os temas propostos pelas iniciativas.

Uma das ações pensadas no âmbito da chamada pública Maré que Queremos 2020, surge de uma percepção institucional que se intensificou durante a pandemia de COVID-19: a importância de fazer ações que apoiem artistas locais e contribuam para maior visibilidade de suas narrativas e produções. Ao se falar em arte, cultura, memórias e identidades na Maré existem diversas potências que protagonizam suas criações mas têm suas trajetórias invisibilizadas e estão em situação de vulnerabilidade.

O trabalho foi desenvolvido no contexto do eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades e do Núcleo de Memórias e Identidades da Maré (NUMIM), a partir do projeto Maré que Queremos 2020

¹ A Maré que Queremos é uma iniciativa que reúne um conjunto de ações em torno da mobilização e articulação da população local. A ideia que a justifica gira em torno da construção de agendas permanentes que possam materializar o acesso pleno a direitos para os 140 mil moradores que vivem na região.

AGRADECIMENTOS

Em tempos conturbados, agradecer torna-se ainda mais essencial. Assim, agradeço às forças espirituais que possibilitam que tudo aconteça neste plano. Na forma e no tempo em que tem de ocorrer. Agradeço à Redes de Desenvolvimento da Maré, organização que ajudo a construir e que me constrói. E que oportuniza trabalhos tão importantes quanto este. Agradeço à toda equipe Maré que Queremos, projeto do qual esta publicação é fruto. Agradeço a Julia Rossi, Mariane Rodrigues, Alan Muniz, Gabiá Santos, Karla Rodrigues, Washington Braga, Jaqueline Andrade, Lucas Ferreira e Robert Santos. Sem esta equipe nada disso seria possível. Agradeço a cada um e a cada uma dos e das artistas que doaram um pouco de seu tempo, de sua disponibilidade e de sua história, para que juntos criássemos essa cartografia. Por fim, agradeço a Maré, por ser sempre um solo tão fértil.

PÂMELA CARVALHO

Agradecemos a todo o povo favelado que, com sua história, memória e ancestralidade lutou e resistiu bravamente, fazendo arte e cultura, produzindo conhecimento para o viver em coletividade. Também agradecemos aos anciãos e anciãs que fundaram esse complexo de favelas, aqui-lombando pessoas e sonhos em um mesmo lugar. À Redes de Desenvolvimento da Maré (Redes da Maré) pelo apoio, incentivo, por abrir caminhos, por instrumentalizar e empoderar artistas fomentando o fazer artístico no nosso território. Agradecimento especial a todos artistas que se disponibilizaram e colaboraram para a construção desta publicação que é extremamente importante para nós.

LUCAS BUDA

Ao som de: *“eu acredito é na rapaziada, que segue em frente e segura o rojão. eu ponho fé é na fé da moçada, que não foge da fera e enfrenta o leão.”*² Agradeço a quem veio antes e abriu caminhos para que a arte pudesse ser construída nas ruas de nosso território. Agradeço às oportunidades e apoio oferecidos pela Redes da Maré à toda população, sobretudo, para artistas e para a juventude mareense. Agradeço a participação de cada pessoa na construção dessa cartografia, por acreditarem nos seus desejos e não desistir. Sigamos juntas nessa jornada!

ALAN MUNIZ

² Trecho da canção “E vamos a luta”, composta por Gonzaguinha em 1980.

Agradeço a quem acredita na arte como forma de oração.
Agradeço a quem segue fazendo, vivendo e vivão.
Agradeço às geradoras de vida e a quem fez esse trabalho possível.

GABIÁ SANTOS

Agradeço a arte por preencher minha vida, agradeço a Maré por ser meu lar e me permitir ser artista! Agradeço também a meu pai Xangô por proteger meu ori e por se fazer presente na minha vida. E por último agradeço a essa equipe incrível e a todos os fazedores de arte que contaram um pouco da sua história pra gente. Axé!

JAQUELINE ANDRADE

Agradeço a oportunidade de participar de mais essa realização da Redes da Maré, agradeço à equipe de trabalho pelo afeto e parceria, aos artistas pela atenção, troca e simpatia. Por último, e também muito importante, obrigada à Maré que nos acolhe, e, muito fértil nos permite, a partir dessa realidade tão envolvente, criarmos, artistas ou não, modos diversos de nos expressarmos e sermos felizes.

KARLA RODRIGUES

Enquanto meu corpo negro viver serei grato e terei orgulho de ter feito parte desta Marégrafia. Agradeço a Redes; a nossa equipe que fez essa publicação com tanto amor em um período tão caótico e aos artistas da Maré. Grate,

WASHINGTON BRAGA

Agradeço especialmente a todos e todas que vieram antes, que prepararam o solo para que coisas maravilhosas brotassem, porque convenhamos, para fazermos a diferença hoje, algum grão de areia explodiu por aí. Agradeço por toda oportunidade, agradeço à Redes de Desenvolvimento da Maré e à toda equipe.

Muito obrigado.

ROBERT SILVA

NOTA DE PESQUISA

A pesquisa ocorreu entre os dias 10 de novembro de 2020 e 8 de fevereiro de 2021. Durante este período, a equipe se reuniu semanalmente para definir as metodologias, objetivos e instrumentos a serem utilizados, além de avaliar o andamento da pesquisa. Essa equipe foi composta por uma coordenadora, um mentor e seis colaboradores que foram selecionados através da chamada pública “A Maré Que Queremos” com o apoio da Fundação Ford.

Entre os dias 08 de dezembro de 2020 e 01 de fevereiro de 2021 os pesquisadores enviaram o formulário elaborado durante as reuniões para artistas, coletivos e equipamentos culturais do território da Maré. O principal objetivo foi dialogar sobre a dinâmica da arte e cultura na Maré, tanto quantitativa quanto qualitativamente. Além disso, um grupo focal com 7 pessoas foi realizado e acompanhado para aprofundarmos as narrativas do fazer artístico dessas pessoas.

Para o grupo focal, utilizamos um roteiro de questões, acrescidas de mais algumas perguntas qualitativas para estimulá-los a contarem suas histórias.

As entrevistas aconteceram via formulário, na plataforma Google Formulários, durante reuniões gravadas pelo programa de reuniões Zoom, pelo whatsapp e de forma presencial, com visita aos artistas, seguindo todos os protocolos de segurança e higiene no contexto de pandemia de COVID-19.

Os gráficos e mapas foram elaborados pela técnica de cartografia e pelo designer-diagramador entre 01 a 20 de fevereiro a partir das respostas geradas pelo formulário de pesquisa, utilizou-se as plataformas Prezi, Google Formulários e Google Maps.

PREFÁCIO



Edson Diniz

Morador da Favela da Maré por 40 anos, é graduado em história pela UERJ (1999), mestre em educação brasileira e doutor em sociologia da educação pela PUC-Rio. Cofundador da Redes de Desenvolvimento da Maré, criador do Núcleo de Memória e Identidade dos Moradores da Maré (NUMIM), por onde publicou dois livros sobre a história da Maré e a memória de seus moradores. Atualmente, desenvolve pesquisas nas áreas de sociologia da educação, segurança pública, história das favelas, direitos humanos e arte e cultura das favelas.

A “**MARÉGRAFIA: Cartografia das artes e artistas na Maré**” aqui apresentada é fruto de uma pesquisa inovadora, no âmbito do projeto Maré que Queremos, da Redes da Maré. Ao identificar iniciativas artísticas e seus produtores, a pesquisa aponta para a riqueza, variedade e a importância do fazer artístico-cultural para a vida dos quase cento e quarenta mil moradores da Maré.

Ao produzirem suas obras e intervenções, os artistas criam, a partir da favela, novas formas de ver, interpretar e intervir na cidade e no mundo. Movimentam, ao se expressarem, saberes e potencialidades ainda pouco conhecidos e valorizados por aqueles que detêm o poder de dizer o que é válido como arte e cultura.

Por isso, o trabalho dos artistas apresentados aqui ganha uma dimensão que vai além de um simples “catálogo”. Na verdade, esta “Marégrafia” é uma afirmação política e uma reivindicação de reconhecimento da importância da arte favelada que dialoga com o restante da cidade. Arte que, incorporando a produção da cidade ao seu fazer artístico, ao mesmo tempo, retorna para essa mesma cidade uma produção original, num movimento dialético, onde as obras e intervenções de artistas da Maré remodelam e recriam a cultura carioca.

Esse é um movimento revolucionário, pois rompe com o poder que se julga no direito de determinar ou de hierarquizar a arte e a cultura a partir de um padrão eurocêntrico, branco e rico.

A arte produzida na favela oferece de maneira bela e contundente uma outra interpretação da realidade. Uma realidade marcada por dificuldades de toda ordem: falta de apoio do poder público, práticas racistas e discriminatórias e tentativas de invisibilizar os artistas que não se enquadram no “modo padrão de produção”.

O fato é que da favela, a despeito dessas dificuldades, se produz arte e cultura negra, nordestina, imigrante, feminina e LGBTQIA+ que insiste em reivindicar o direito à cidade como legítimo e como condição primeira para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e livre.

A “Marégrafia” é a prova da potencialidade, visão e força dos artistas da Maré, que afirmam a importância da contribuição da arte e cultura das favelas para a cidade. Por isso, o que vocês, caros leitorxs, têm em suas mãos é um trabalho rico, bonito e poderoso. Aproveitem!



The image features a vibrant, abstract background. It consists of several overlapping, semi-transparent shapes in shades of teal, purple, pink, and green, set against a solid light orange backdrop. Thin, flowing yellow lines meander across the composition, creating a sense of movement and depth. The overall aesthetic is modern and artistic.

QUEM SOMOS NÓS

PAMELA CARVALHO

Coordenação



Educadora, Historiadora, Gestora cultural, pesquisadora ativista das relações raciais e de gênero e dos direitos de populações de favelas. É Mestra em Educação pelo PPGE/UFRJ onde defendeu a dissertação “Eu piso na Matamba”: Epistemologia jongueira e reeducação das relações raciais”. Foi bolsista do Projeto Personagens do Pós Abolição e faz parte do grupo de pesquisa Intelectuais Negras/UFRJ. É professora e bacharel em História também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É coordenadora do eixo “Arte, Cultura, Memórias e Identidades” na Redes de Desenvolvimento da Maré. Foi coordenadora da Lona Cultural Municipal Herbert Vianna e produtora do Centro de Artes da Maré. É fundadora do Quilombo Etu, coletivo que trabalha a cultura popular a partir de uma perspectiva de educação antirracista. É moradora do Parque União (Conjunto de Favelas da Maré).

LUCAS BUDA CAPOEIRA

Mentoria



Lucas Henrique Ferreira, jovem favelado, cria do complexo da Maré, Professor de Capoeira, Educação Física e pós graduando em Relações Étnico Raciais na educação Básica, pesquisador da cultura popular atuante na educação privada do Rio de Janeiro, Clínicas de atendimento a pessoas com deficiência, Educador esportivo especialista em Inclusão pelo Luta pela Paz e facilitador de cursos de formação de professores na perspectiva da inclusão Brasil a fora. Fundador e coordenador do projeto social Maré de Capoeira que oferece aulas gratuitas de capoeira e cultura popular para crianças e jovens no complexo da Maré.

Fruto da escola pública, filho de nordestina, não conheceu o pai biológico e nos projetos sociais na favela teve a sua vida transformada pela arte e cultura e hoje dedica a vida a educar através das mesmas ferramentas com as quais teve contato, a capoeira, o samba de roda, o hip hop, a música, o teatro e o esporte.

Nessa publicação atuou como mentor acompanhando a equipe de pesquisa e trabalhando com o grupo focal para entregar a você leitor ou leitora o melhor da arte e cultura do complexo da Maré.

JAQUELINE ANDRADE

Supervisão de Pesquisa



É atriz e fundadora da Cia Marginal, integrando o grupo desde 2005, também fundadora do Coletivo Paralelas, em 2015. Pela Cia Marginal produziu e atuou nos espetáculos: Qual é a nossa cara? (2007), Ô, Lili! (2011), In_Trânsito (2013), Eles não usam tênis naique (2015), indicado para o Prêmio Questão de Crítica 2015 e que circulou por mais de 40 cidades em 15 estados brasileiros entre 2018 e 2019 e Hoje não saio daqui (2019), que foi apontado como um dos dez melhores espetáculos de 2019 pelo jornal O Globo e indicado ao Prêmio Faz Diferença de 2019. Em 2014 estreou o espetáculo UMDOUM pelo Coletivo Paralelas. É integrante do elenco do espetáculo “Corpo Minado” do Grupo Atiro. Atualmente trabalha como pesquisadora e produtora do projeto Entidade que tem como objetivo pensar uma escrita territorial a partir das trajetórias e memórias de pessoas LGBTQIA+ da Maré e também é roteirista do reality show online Canceladas, do Coletivo Arame Farpado.

ALAN MUNIZ

Pesquisador



O sertão me gerou, a favela me pariu, a cidade inteira é meu lugar. até aqui: me chamo Alan Muniz, tenho quase trinta e vivo na maré. artista, pesquisador e concluindo a graduação em história da arte, na escola de belas artes/ ufrj. Me dedico a pensar, pesquisar e produzir sobre o que me atravessa nesse caminho.

Interessado em arte contemporânea, imagem, cultura, educação e modos de existir. Estive em sala de aula construindo oficinas de arte no brasil; expondo no Galpão Bela Maré e Paço Imperial; na rua, sempre que possível, andando e observando as existências.

Como investigação pessoal, dado o atravessamento de pertencimento, e para tornar em arte, pesquiso sobre identidade, ancestralidade e lugares. Partindo de minha vivência de pessoa favelada, com família vinda do sertão nordestino, seus esforços e suas trajetórias.

Comecei muito cedo a rabiscar, sendo minha brincadeira e refúgio. tenho a palavra como aliada.

Me encontro hoje na produção e pesquisa em arte, cultura e educação. Encontrando formas de resistir nesse campo e ter subsídios para estar em contínua atividade e pagando as contas trazidas pela existência nessa cidade tão dura, apesar de maravilhosa.

GABIÁ SANTOS

Técnica em Cartografia



Gabiá Santos, menina-mulher preta gorda, paulista periférica, poeta em movimento, bibliotecária e cientista da informação em formação. Biblioartista. Graduanda em Biblioteconomia pela UFRJ, é idealizadora do projeto Voz Preta, foca sua pesquisa na biblioterapia, construção de bibliografias, referenciais e curadorias de narrativas negras, marginais e periféricas. Mapeadora dos caminhos abertos pelos que vieram antes e propagadora do bem-viver. Atua nessa Marégrafia como técnica em cartografia, com o olhar de quem chega, construindo coletivamente a partir do afeto e dos atravessamentos de ser e estar, ocupar território.

KARLA RODRIGUES

Pesquisadora



Deusa, Louca ou Feiticeira? De tudo um pouco, essa geminiana, é incrível: bacharel em Teologia, mãe solo do Pedro Rodrigues, pela Universidade Veiga de Almeida cursa Letras-inglês, tradutora, pesquisadora, um furacão. Também encontra tempo para estudar Mandarim além de já falar Inglês e Espanhol! Essa carioca, preta, cria do Complexo da Maré há 37 anos, mesmo agnóstica se sabe sob a influência arquetípica de Iansã, Eparrey! Adora ler, contar histórias para crianças na vizinhança, ouvir música e dançar. E, claro, ela também integra essa maravilhosa equipe realizadora do Mapeamento de Artes e Artistas da Maré!

WASHINGTON BRAGA

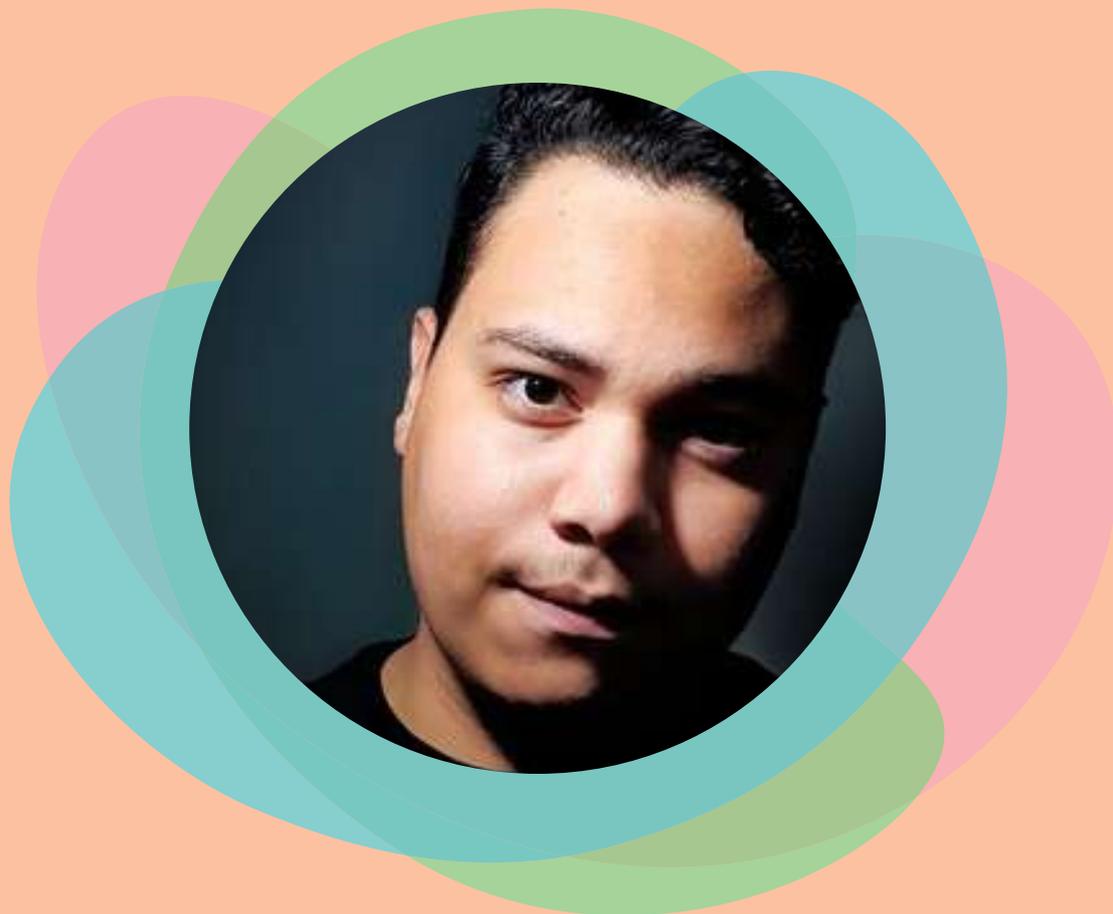
Pesquisador



No vai e vem a favela só cresce. Cria da Maré, também atende pela alcunha de Tom Braga. Tem 24 anos e desde criança morou em diversas favelas da Maré, no momento reside na Nova Holanda. É graduando de Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio. Costuma dizer que é o Bibliotecário mais artístico que conhece. Faz parte de projetos teatrais da faculdade, que levam cultura e entretenimento para cidades de interior e favelas. Também é autor, escreve sobre a vida severina e suas veredas na favela: “Entre becos e vielas, mas me levanto e sigo em movimento.” “Preto mesmo, acredito que o afeto preto pode curar tudo. Vejo em nós as coisas mais lindas do mundo.”

ROBERT SILVA

Designer e Diagramador



Vinte e um, número postal do rio, é também o tempo que faz desde que Robert foi concebido nesta terra plena (te peguei), e após este período intenso de, talvez, uma inatividade, procura mostrar a que veio. É com essa cinematográfica introdução de um herói desaparecido que eu gostaria de me apresentar. Mas não ache que estou dizendo que sou herói de algo ou alguém, não, muito pelo contrário: sou apenas alguém tentando ser o protagonista de sua própria história, e essa história se inicia com arte. Desde muito pequeno, tenho estragado minha postura e visão, esticando o pescoço e espremendo os olhos para fazer detalhes minuciosos nos meus “desenhinhos” de Pica-Pau e Naruto. O tempo passou, mas nada mudou, os bons-maus-hábitos continuam os mesmos, só que agora, pra fazer o mínimo de diferença. Minha trajetória profissional caminha lado a lado com a da vida, tendo origem na Maré, só que mais especificamente através da Redes da Maré, onde fui editor de vídeo na chamada pública “Novas Formas de Fazer Arte”, com o projeto “Vamulê” e ilustrador, designer e diagramador, na chamada “Maré que Queremos”, onde participei deste projeto, a “Marégrafia: Mapa Artístico da Maré” e na “Campanha Climão: Precisamos falar sobre mudanças climáticas na Maré”. Sou certificado em animação 2D Cut-Out pelo “Estúdio Escola de Animação” e atualmente curso Publicidade e Propaganda, na Universidade Veiga de Almeida.

MARIANE RODRIGUES

Produtora



Graduanda em História da Arte pela UFRJ com pesquisa em Teoria da Imagem e Comunicação com ênfase em Mídias Digitais. Mobilizadora Ambiental e Educadora na Redes da Maré. Trabalho com as metodologias de escuta ativa, ferramenta da Comunicação Não-Violenta e Justiça Restaurativa. Atualmente, integro as frentes de comunicação de ações de impacto socioambientais e de combate à COVID-19, criando estratégias de divulgação de informações, coleta de dados e produção de conteúdo para mídias sociais digitais e analógicas. Minha área de pesquisa acadêmica permeia meus hobbies e paixões. Me conecto com a cibercultura e games, pesquiso os efeitos das nossas relações com as tecnologias digitais desde a criação de narrativas virtuais, passando pelas subjetividades do level design até a interface e relação direta com o consumidor.

INTRODUÇÃO

Produzir arte e cultura nunca foi fácil, principalmente para a população negra, favelada e LGBTQIA+, mas para muitos artistas esse fazer arte é questão de sobrevivência, do corpo físico e da saúde mental. A pandemia do COVID-19 mostrou o quanto esse fazer artístico é importante para quem produz, mas também muito importante para quem consome arte.

Lives, vídeos gravados, podcasts e streamings de áudio foram algumas das ferramentas utilizadas por milhares de artistas para continuar conectando as pessoas às suas obras, seria lindo se ficássemos por aqui imaginando o quanto as pessoas se emocionaram, riram, choraram e refletiram assistindo a muitas dessas apresentações, mas a verdade é que isso funcionou muito bem para os grandes estúdios e produtoras, que tiveram patrocínio de grandes marcas. Na favela, onde a maioria dos artistas estão na base dos espetáculos, tocando em bares e restaurantes, performando, educando e produzindo com arte e cultura, esse desafio foi dobrado. A instabilidade de conexão interrompeu diversas lives, a ausência dela inviabilizou reuniões de produção e fez com que ficasse ainda mais difícil produzir nesse período. Comer e colocar comida na mesa das nossas famílias nos motivou a continuar insistindo em editais ou chamadas públicas, e qualquer trabalho que apareceu trouxe a sensação de que o pior dos cenários iria passar. Para além de se manter financeiramente, o que é muito importante, mas acima de tudo sobreviver, e seguir colocando na nossa obra o que está dentro

da gente, insistindo em continuar educando as novas gerações através da nossa música, poesia, rima, dança e toda expressão artística presente nesse território.

Sobre produzir arte e cultura em condições desfavoráveis, a favela deu aula. A chamada pública Novas formas de fazer arte e cultura na Maré de realização da Redes da Maré e parceiros, por exemplo, recebeu mais de 70 propostas de artistas de todo o conjunto de favelas, foram mais de setenta formas diferentes de fazer arte e cultura, em um formato completamente diferente e desafiador, e a favela venceu! O resultado desse projeto foram diversos trabalhos com muita potência que fizeram a diferença na vida de muita gente.

Todo esse fazer artístico nos revelou dados importantes sobre as artes e artistas presentes no Conjunto de Favelas da Maré. Quem são essas pessoas que estão dedicando suas vidas na produção de arte e cultura na favela, para a favela e além dela? A sociedade precisa conhecer a realidade dos artistas que aqui vivem e produzem seus trabalhos, precisamos conhecer suas histórias, suas potencialidades e suas dificuldades. Esse documento foi construído através de muitas mãos, como o aquilombamento que acontece aqui, no Conjunto de Favelas da Maré.



GEORREFERENCIANDO

ARTES E ARTISTAS NA MARÉ

³ Marégrafo é o instrumento que registra o fluxo e o refluxo das marés em determinado ponto da costa.

⁴ As entrevistas aconteceram via formulário, na plataforma Google Formulários, durante reuniões gravadas pelo programa de reuniões Zoom, pelo whatsapp e de forma presencial, com visita aos artistas, seguindo todos os protocolos de segurança e higiene no contexto de pandemia de COVID-19.

No sentido figurado, “Ir com a Maré”, é a força que impele as ações humanas, com avanços e recuos, fluxos e refluxos. Essa “Marégrafia” se propõe a mostrar dados do movimento artístico da Maré, e, assim como um marégrafo³, ser um instrumento para olharmos atentamente quem são os artistas formados por esse território.

Aqui, apresentaremos um recorte coletado durante a pandemia, dentro das possibilidades da quarentena, isolamento e distanciamento social. Não pretendemos de forma alguma esgotar as discussões sobre artes e artistas na Maré. Tampouco, temos pretensão de apresentar a totalidade dos artistas que atuam no território. Compartilharemos reflexões, narrativas e trajetórias de uma amostra que nos ajuda a entender as dinâmicas das produções artísticas e culturais no Conjunto de Favelas da Maré.



Para além do grupo de 86 artistas individuais, coletivos e equipamentos culturais que responderam ao questionário quantitativo, contamos com a colaboração de 30 “fazedores de artes”, que na impossibilidade de responder o formulário, contribuíram com suas biografias, constando na parte final desta publicação. Desta forma, 30 artistas, coletivos e equipamentos contribuíram apenas com suas biografias e fotos, não constando nos dados e gráficos. Destes, temos:



Nas próximas páginas apresentaremos os dados coletados no questionário, localizando geograficamente no Conjunto de Favelas da Maré. Dividimos as respostas e resultados em três categorias: artistas individuais ou produtores culturais, coletivos ou grupos e equipamentos culturais. O mapa abaixo apresenta as 16 favelas da Maré.

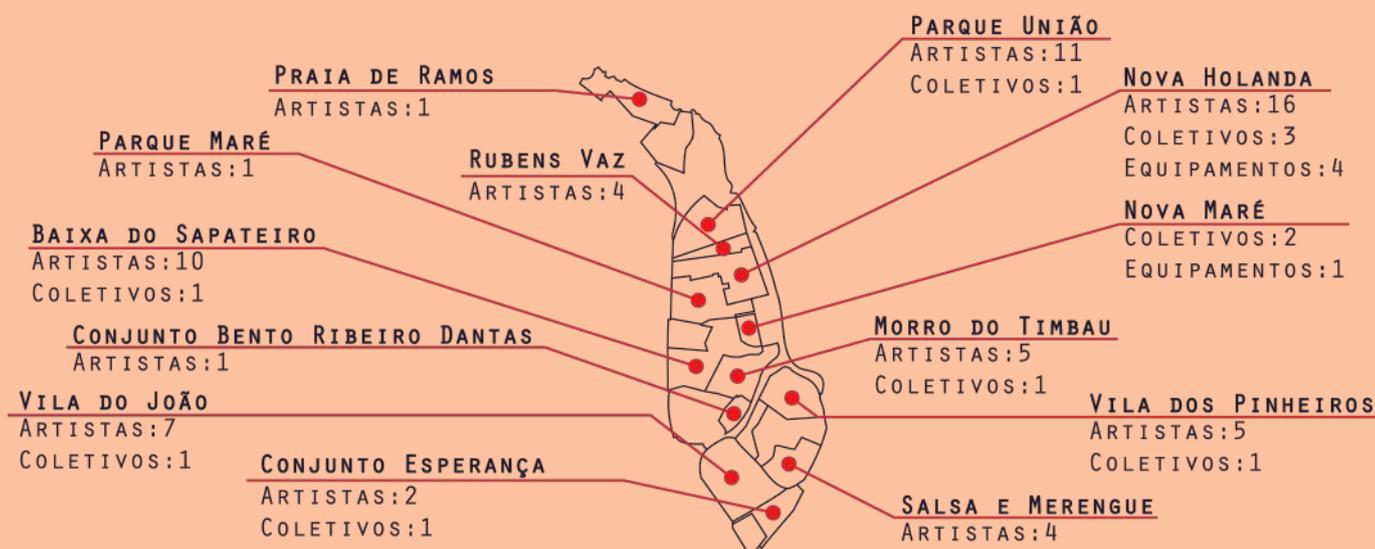


FIGURA 1. Quantidade de respostas por favela. https://www.redesdamare.org.br/media/livros/GuiaMare_26mai.pdf.

MAPA - MARÉ POR REGIÃO

- 01** Conjunto Esperança
- 02** Vila do João
- 03** Conjunto Pinheiro
- 04** Vila Pinheiro
- 05** Vila Pinheiro (Parque Ecológico)
- 06** Novo Pinheiro
- 07** Bendo Ribeiro Dantas
- 08** Morro do Timbau
- 09** Baixa do Sapateiro
- 10** Nova Maré
- 11** Parque Maré
- 12** Nova Holanda
- 13** Parque Rubens Vaz
- 14** Parque União
- 15** Roquete Pinto
- 16** Praia de Ramos

- 17** Marcilio Dias
(Sem Representação)

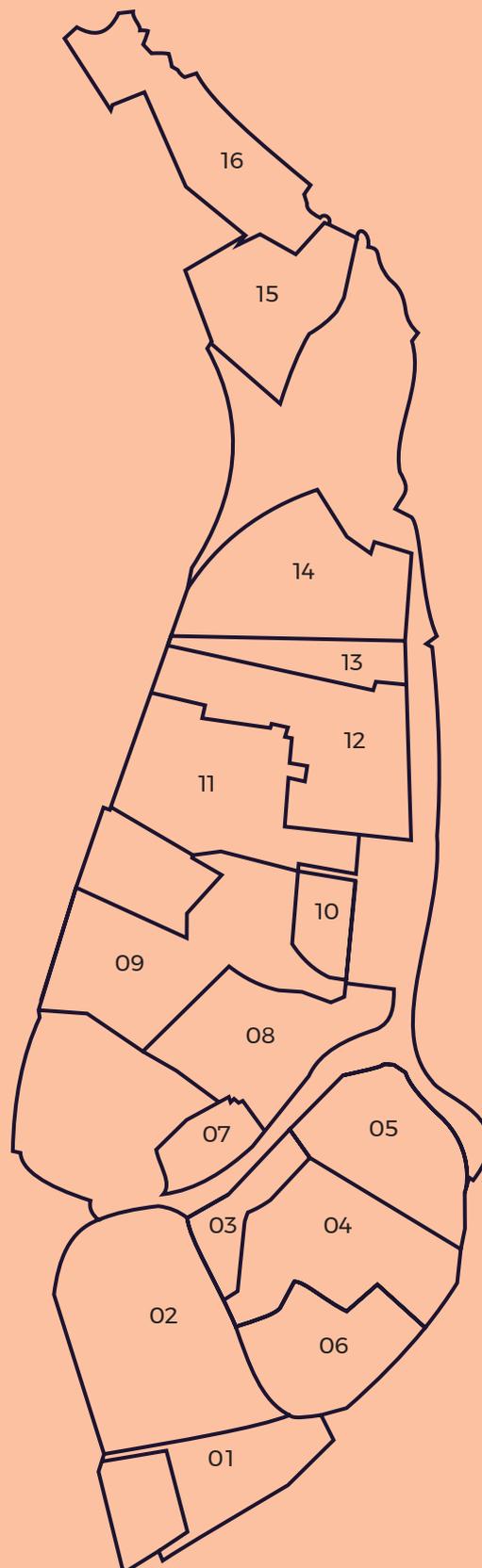
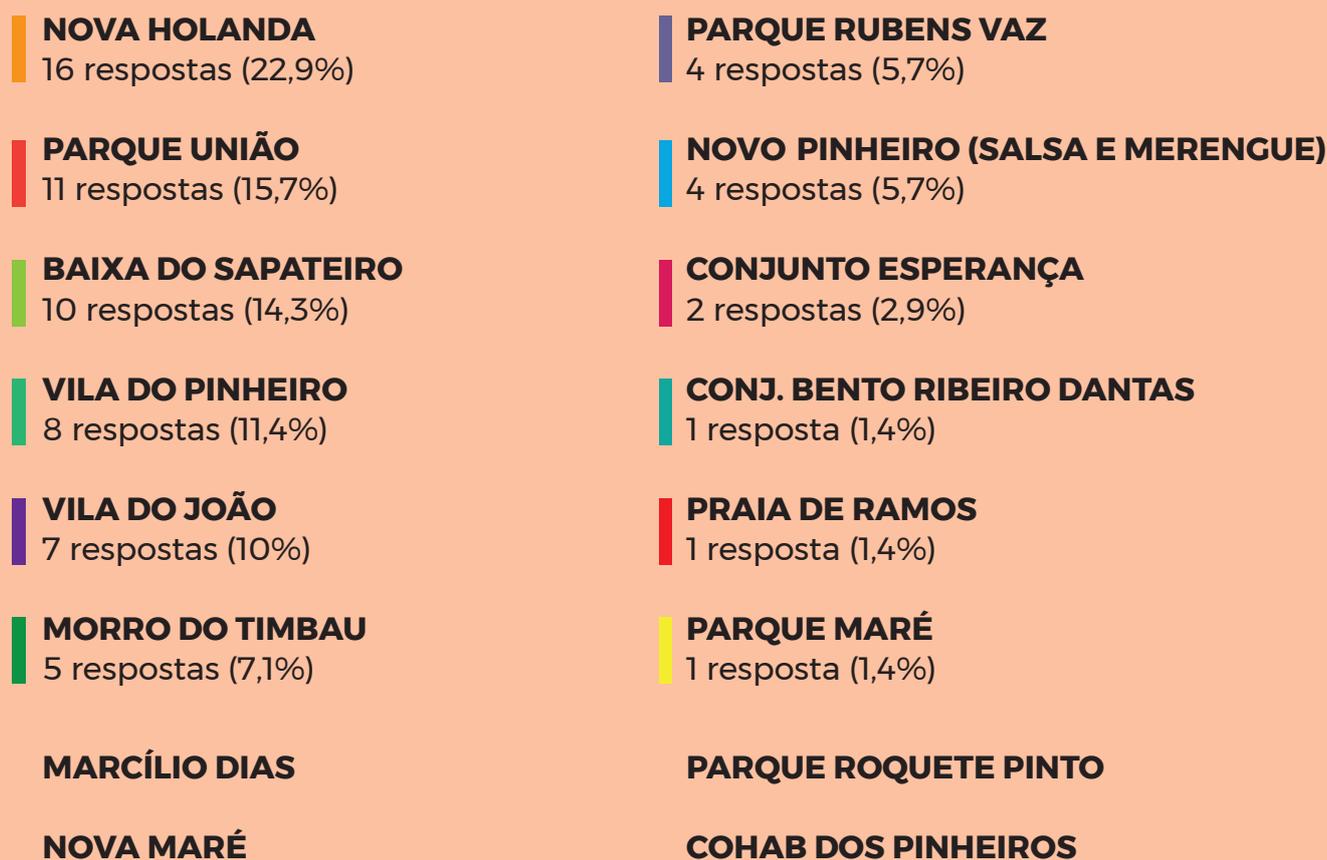


FIGURA 2. Mapas de ruas e satélite da Maré gerados pelo Maps.

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS



FIGURA 3 Artistas que responderam ao formulário em cada uma das favelas da Maré.



Nas respostas coletadas, não obtivemos resultados de artistas individuais nas favelas Nova Maré, Conjunto Habitacional dos Pinheiros e Parque Roquete Pinto, o que de forma alguma indica que não há artistas individuais ou produtores culturais nestas comunidades.

The background features a large, abstract graphic on the left side, composed of overlapping, semi-transparent shapes in teal, green, purple, pink, and blue. Thin, wavy yellow lines are overlaid on these shapes, creating a sense of movement and depth. The right side of the page is a solid, light orange color.

PERFIL DOS ARTISTAS

INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS NA MARÉ

COR / RAÇA



GRÁFICO 1 Cor/Raça dos artistas que responderam ao formulário.

Artistas Pretos
40 Respostas

Artistas Brancos
10 Respostas

Artistas Pardos
8 Respostas

Artistas Indígenas
8 Respostas

Artistas responderam “Afroindígena”
1 Resposta

Artistas responderam “Negro”
1 Resposta

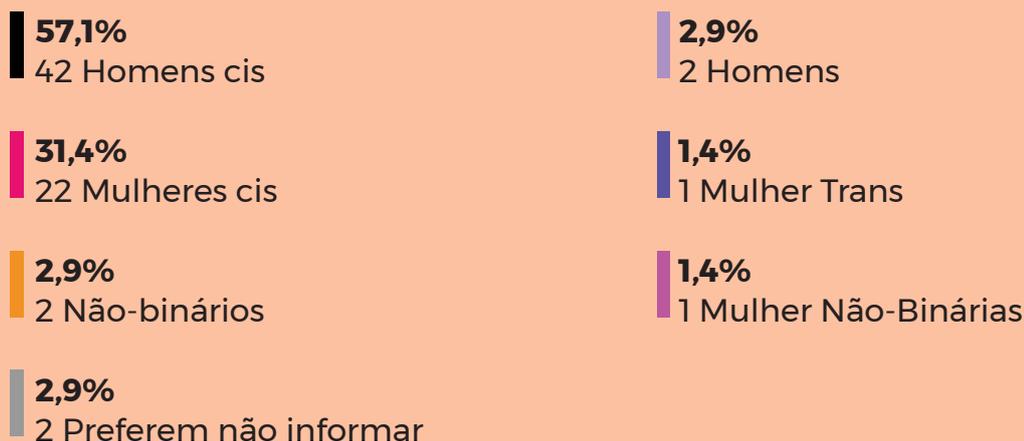
Artistas responderam “Não sei”
1 Resposta

Não houveram artistas autodeclarados asiáticos ou que preferiram não informar.

IDENTIDADE DE GÊNERO



GRÁFICO 2 Identidade de gênero dos artistas que responderam ao formulário.



Não houveram artistas que se declararam “homens trans” ou que não souberam informar sua identidade de gênero

ORIENTAÇÃO SEXUAL

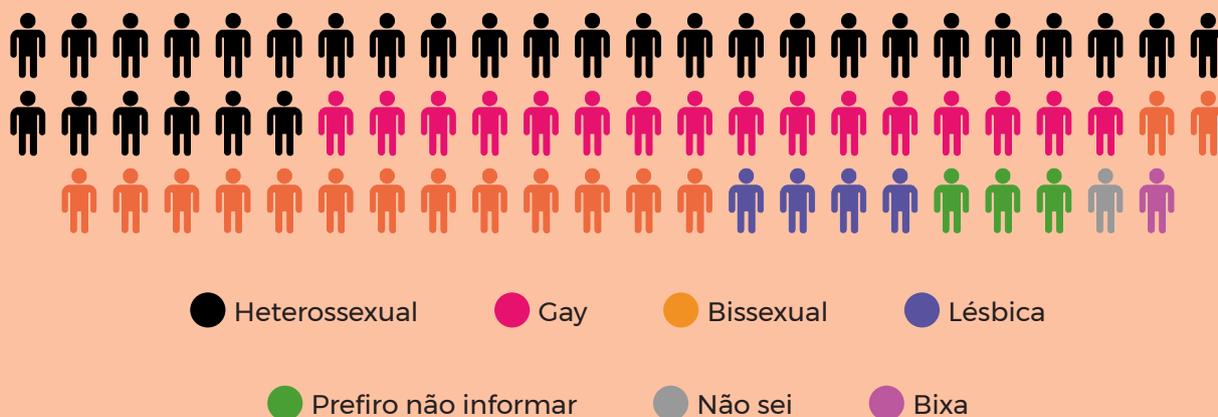
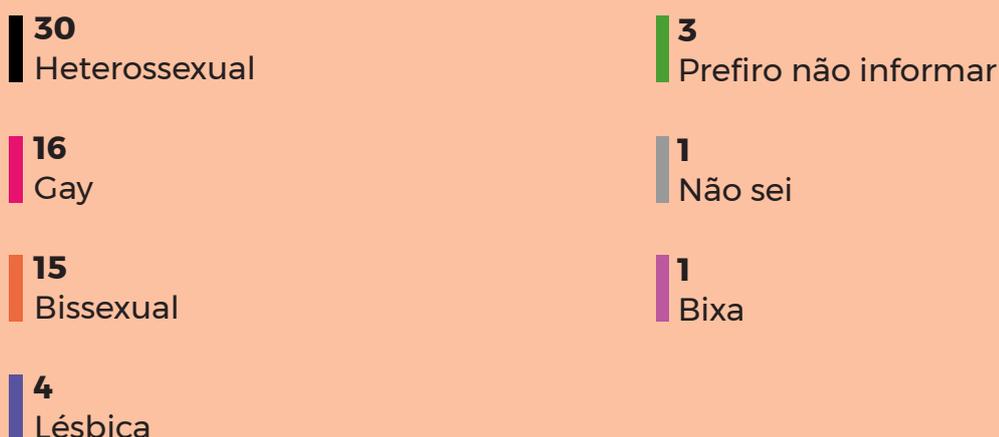


GRÁFICO 3 Identidade de gênero dos artistas que responderam ao formulário.



Não houveram artistas que responderam “Pansexual” ou “Queer”.

RELIGIÃO

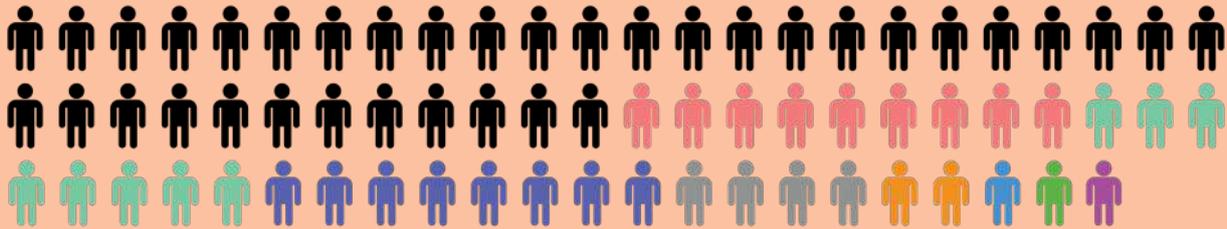


GRÁFICO 4 Religião dos artistas que responderam ao formulário.



Não houveram artistas que responderam Judaísmo, Hinduísmo, Budismo, Taoísmo ou outras.

ESCOLARIDADE

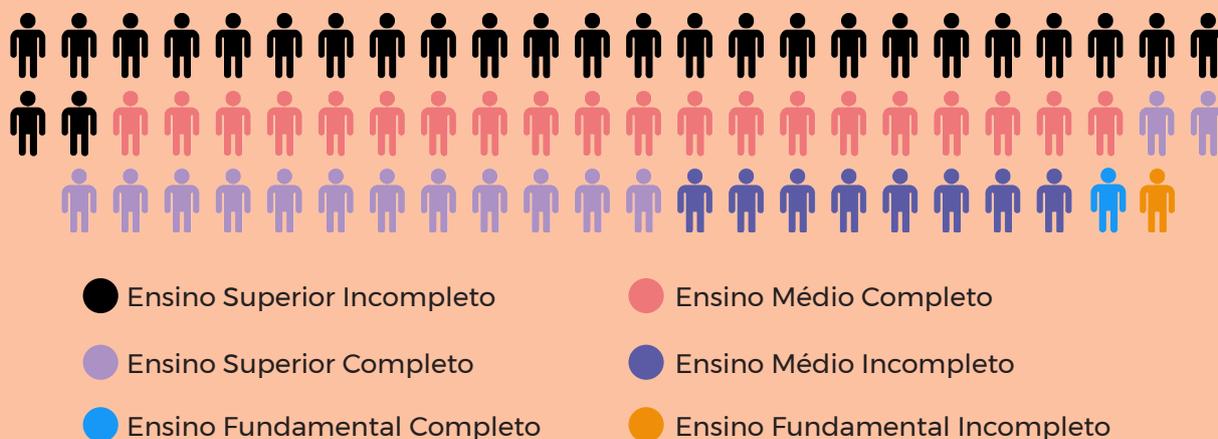


GRÁFICO 5 Escolaridade dos artistas que responderam ao formulário.

26 Artistas com o ensino superior incompleto

20 Artistas com o ensino médio completo

14 Artistas com o ensino superior completo

8 Artistas com o ensino médio incompleto

1 Artista com o ensino fundamental completo

1 Artista com o ensino fundamental incompleto

IDADE

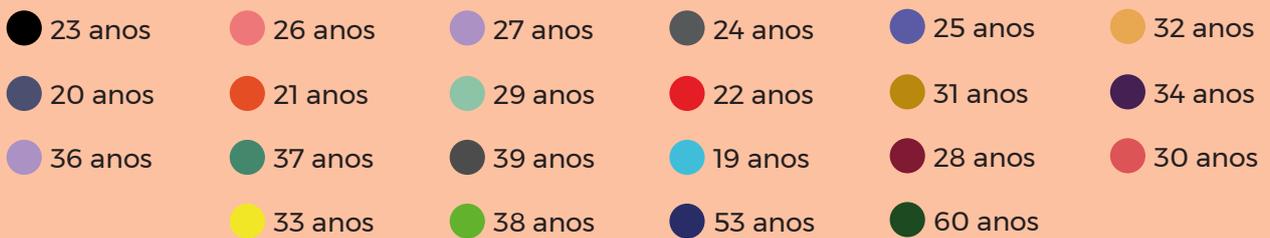
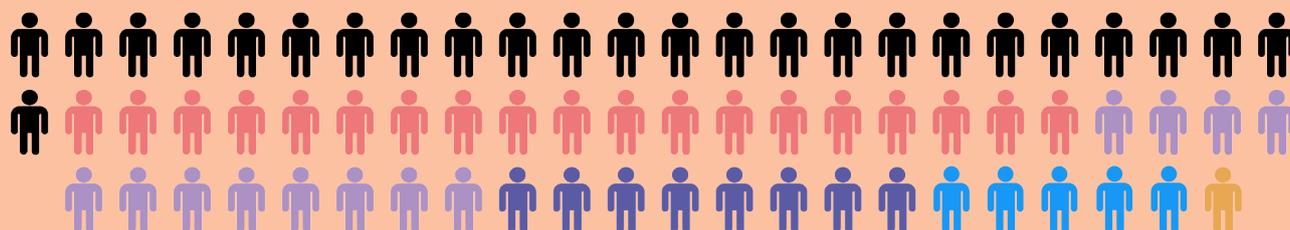


GRÁFICO 6 Idade dos artistas que responderam ao formulário.



RENDA INDIVIDUAL



- Recebem de \$1.045,00 a R\$ 2.090,00
- Recebem até R\$ 522,50
- Preferem não informar
- Sem Renda
- Recebem de R\$ 2.612,00 a R\$ 3.657,00
- Recebe mais de R\$ 3.657,00

GRÁFICO 7 Renda individual dos artistas que responderam ao formulário.

25 artistas recebem de \$1.045,00 a R\$ 2.090,00

20 artistas recebem até R\$ 522,50

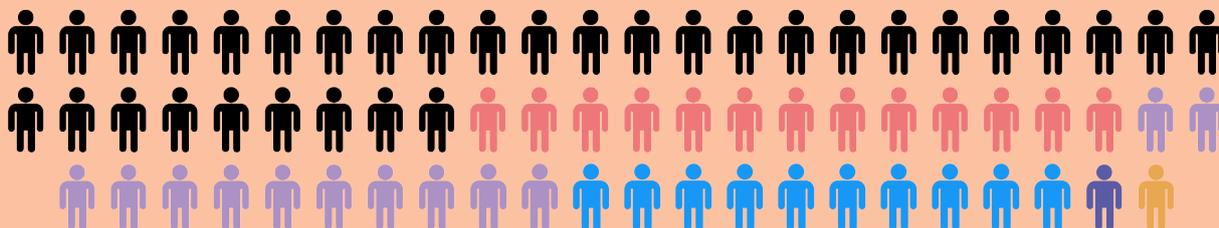
11 artistas preferem não informar

8 artistas sem renda

5 artistas recebem de R\$ 2.612,00 a R\$ 3.657,00

1 artista recebe mais de R\$ 3.657,00

RENDA FAMILIAR



- Recebem de \$1.045,00 a R\$ 2.090,00
- Recebem até R\$ 522,50
- Preferem não informar
- Sem Renda
- Recebem de R\$ 2.612,00 a R\$ 3.657,00
- Recebe mais de R\$ 3.657,00

GRÁFICO 8 Renda familiar dos artistas que responderam ao formulário.

33 artistas recebem de \$1.045,00 a R\$ 2.090,00

13 artistas recebem até R\$ 522,50

12 artistas entre R\$ 2.612,00 a R\$ 3.657,00

10 artistas preferem não informar

1 artista sem renda

1 artista recebe mais de R\$ 3.657,00

PRÁTICAS CULTURAIS

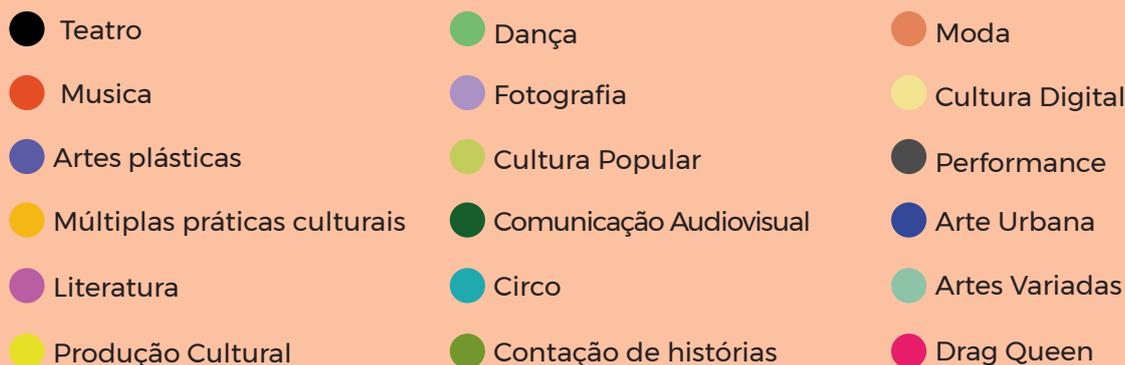
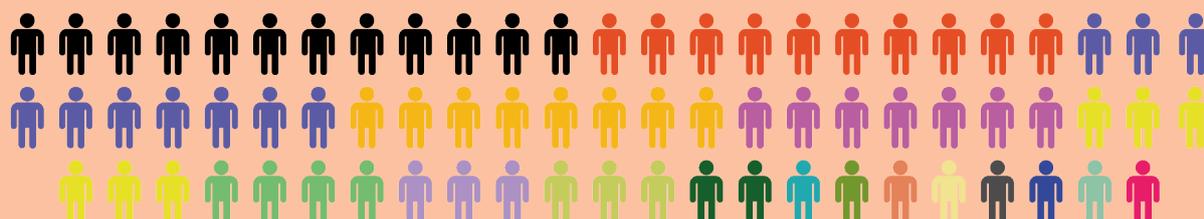
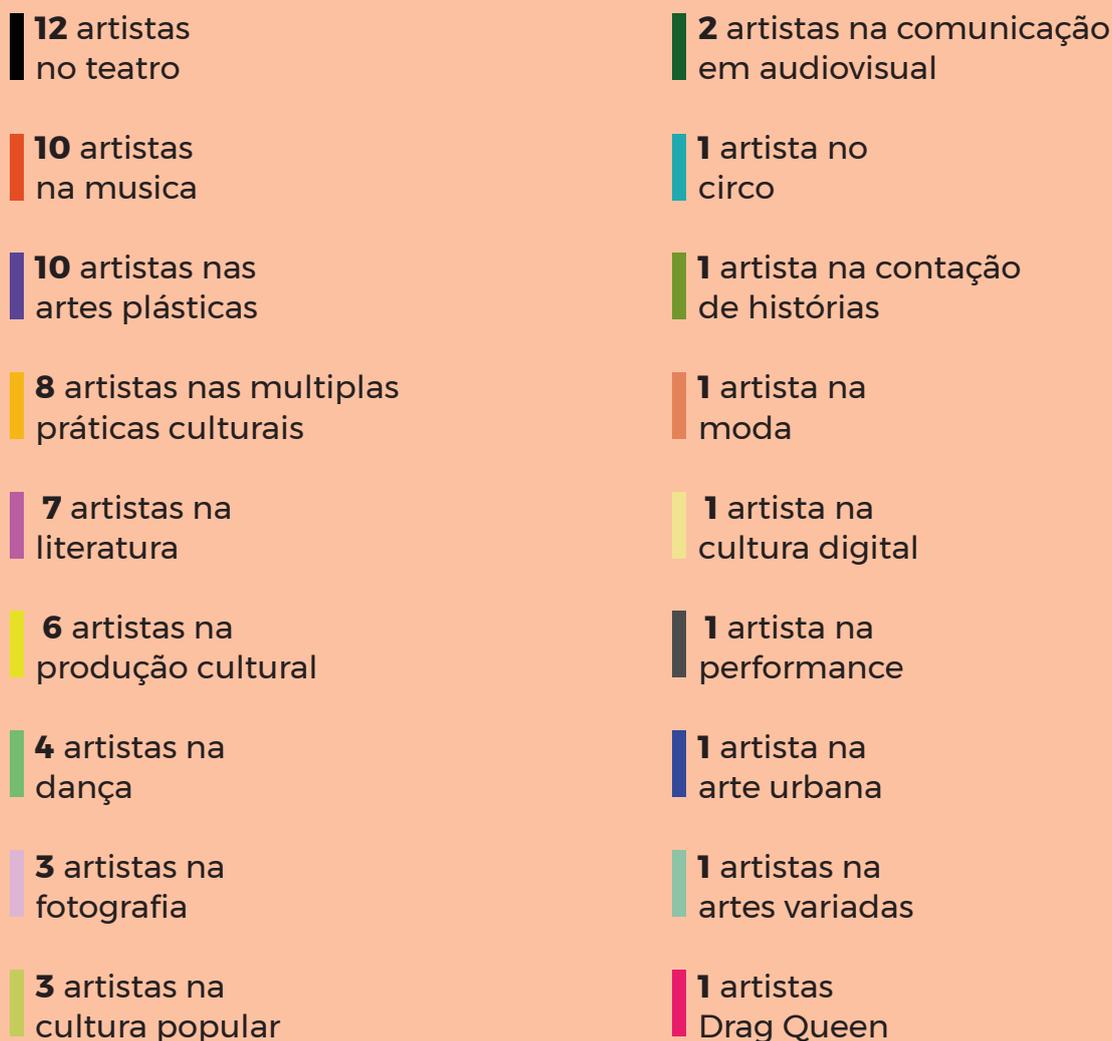
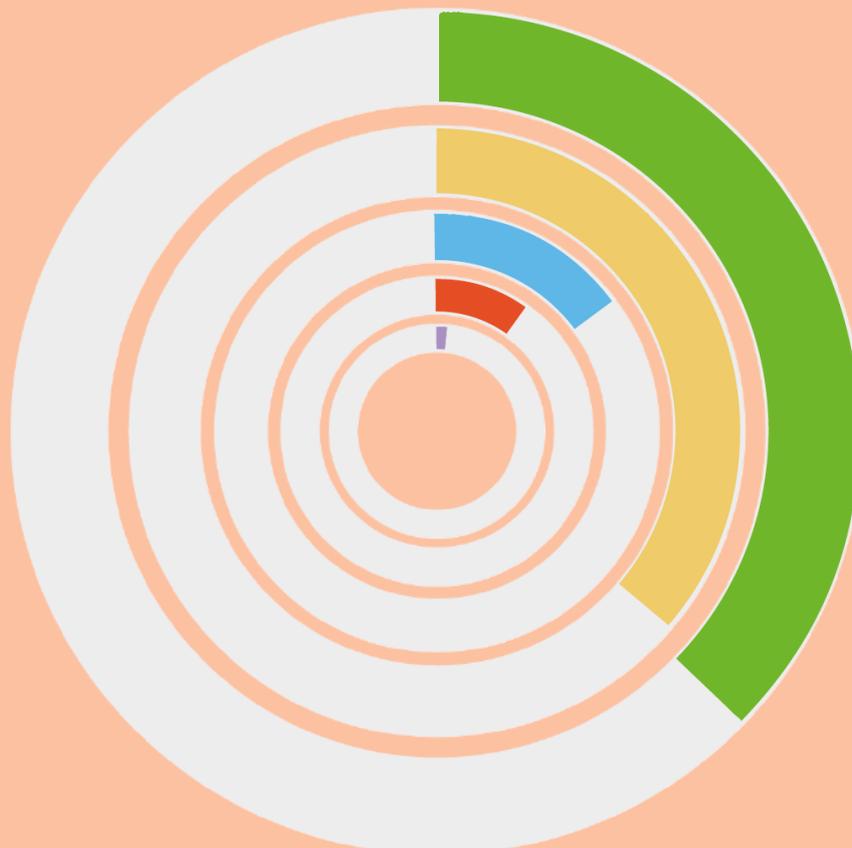


GRÁFICO 9 Prática cultural dos artistas que responderam ao formulário.



ARTISTAS INDIVIDUAIS

Se sentem apoiados pela sua família com relação ao seu trabalho artístico?



● Muito ● Parcialmente ● Pouco ● Não me sinto apoiada/o ● Prefiro não dizer

GRÁFICO 10 Apoio familiar aos artistas.

26 Artistas
Se sentem Muito apoiada/os

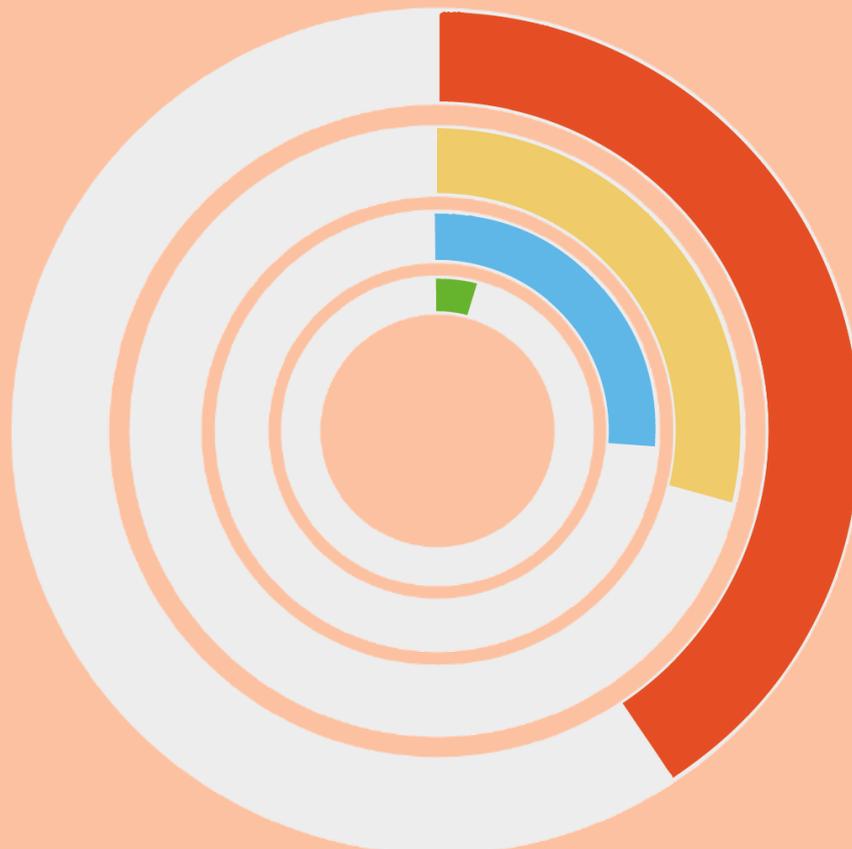
11 Artistas
Não se sentem apoiada/os

25 Artistas
Se sentem Parcialmente apoiada/os

1 Artistas
Preferiu não dizer

11 Artistas
Se sentem Pouco apoiada/os

CONSIDERAM QUE DÁ PARA SE MANTER FINANCEIRAMENTE, OU A SUA FAMÍLIA, A PARTIR DO TRABALHO ARTÍSTICO?



● Não ● Sim, parcialmente ● Sim, pouco ● Sim, totalmente

GRÁFICO 11 Percepção dos artistas sobre sustento financeiro a partir do seu trabalho

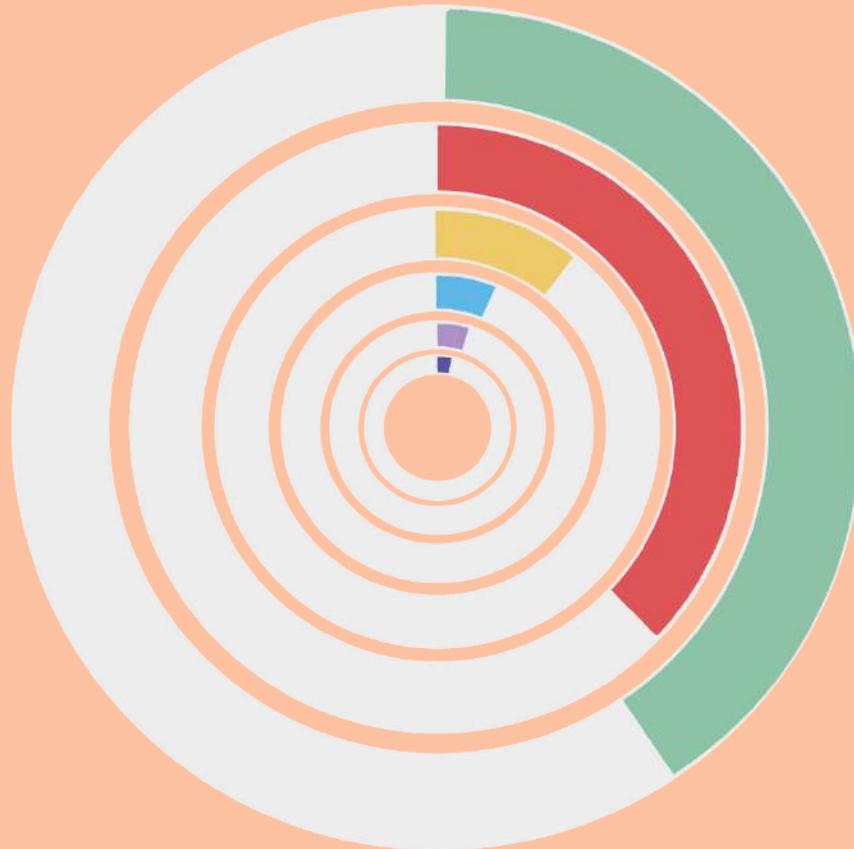
31 Artistas responderam que **não**

20 Artistas responderam que **sim, pouco**

22 Artistas responderam que **sim, parcialmente**

3 Artistas responderam **sim, totalmente**

TEM FORMALIZAÇÃO ENQUANTO ARTISTA?



● MEI ● NÃO ● CNPJ ● SINDICATO ● ASSOCIAÇÃO ● DRT

GRÁFICO 12 Formalização dos artistas.

30 Artistas possuem MEI (Microempreendedor Individual)

30 Artistas não tem nenhum tipo de formalização

9 Artistas tem CNPJ

5 Artistas estão vinculados a um sindicato

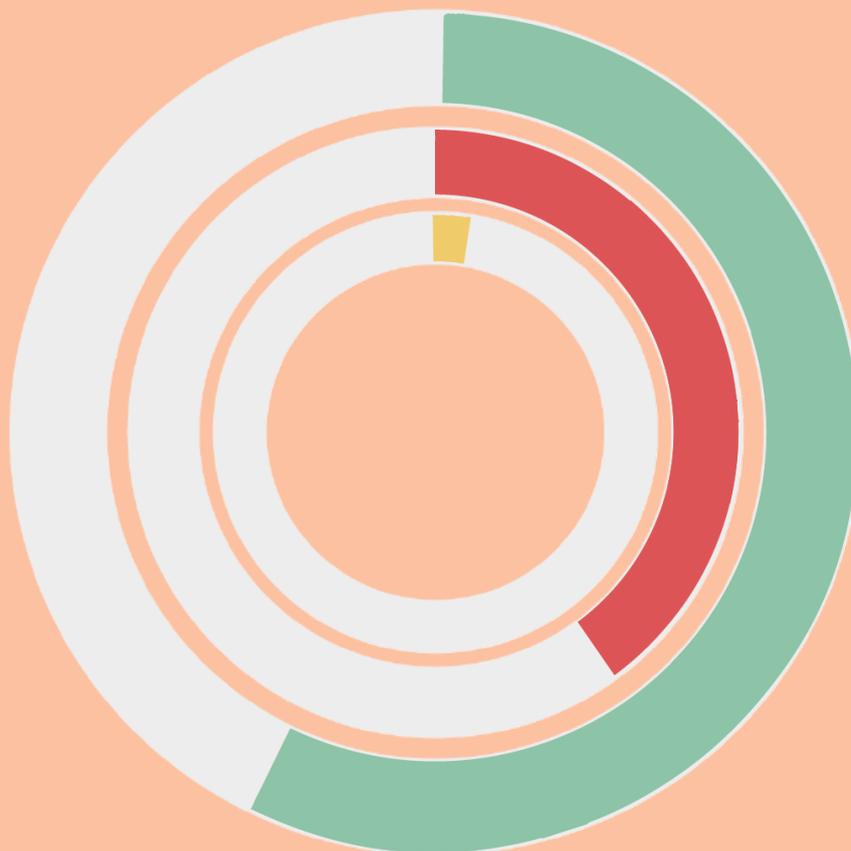
4 Artistas estão vinculados a uma associação

2 Artistas tem DRT ⁵

10 artistas possuem mais de uma formalização.

⁵ Registro profissional emitido pela Delegacia Regional do Trabalho de cada Estado.

COMO FINANCIAM OS PROJETOS?



● Chamadas Públicas e Editais de Fomentos ● Trabalhos Formais ● Trabalhos Informais

GRÁFICO 13 Gráfico radial indicando o financiamento dos artistas.

44 Artistas
financiam seus projetos com chamadas públicas e editais de fomento

30 Artistas
financiam seus projetos através de trabalhos formais

5 Artistas
financiam seus projetos através de trabalhos informais

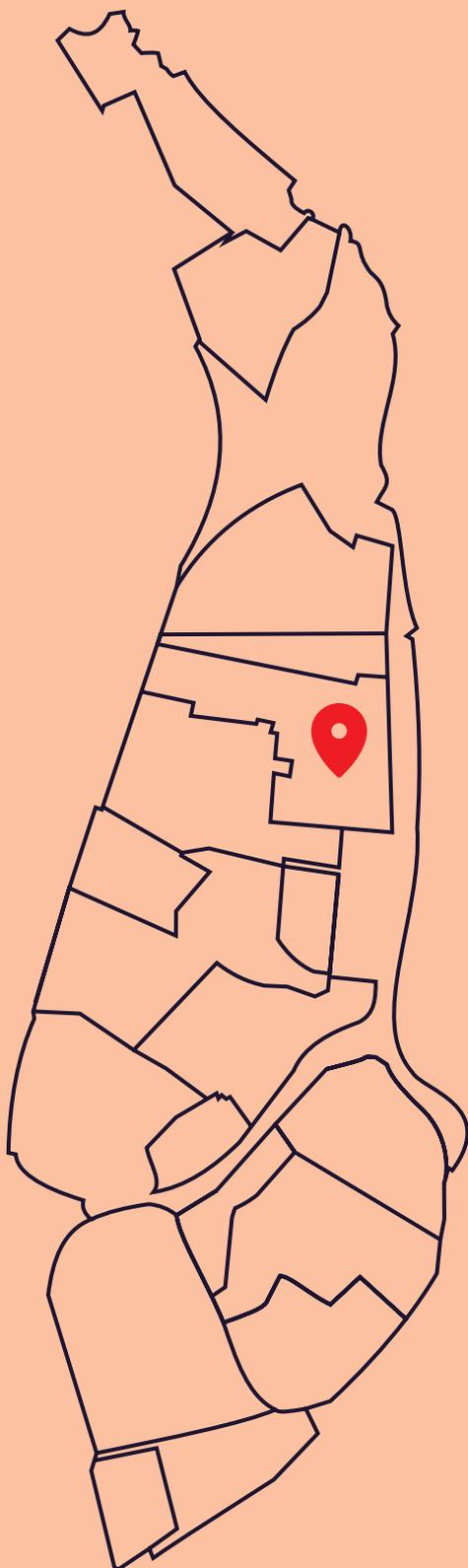
23 artistas sinalizaram mais de 1 financiamento.
13 artistas utilizam recursos do seu próprio bolso.



PRINCIPAIS RESPOSTAS

POR FAVELA

ARTISTAS NOVA HOLANDA



Idade: 26 à 27 anos

Gênero: Homem Cis

Orientação Sexual: Gay

Cor/ Raça: Preta

Religião: Sem Religião

Escolaridade: Ensino médio completo e ensino superior incompleto

Formalização: Não

Renda Individual: Entre 1 a 2 salários mínimos (Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Renda Familiar: Entre 1 a 2 salários mínimos (Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Pessoas em casa: 2 pessoas

Dependentes: Sem dependentes

Prática Artística: Música e artes plásticas

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré?

Falta de investimento do poder público.

Quais são suas maiores dificuldades?

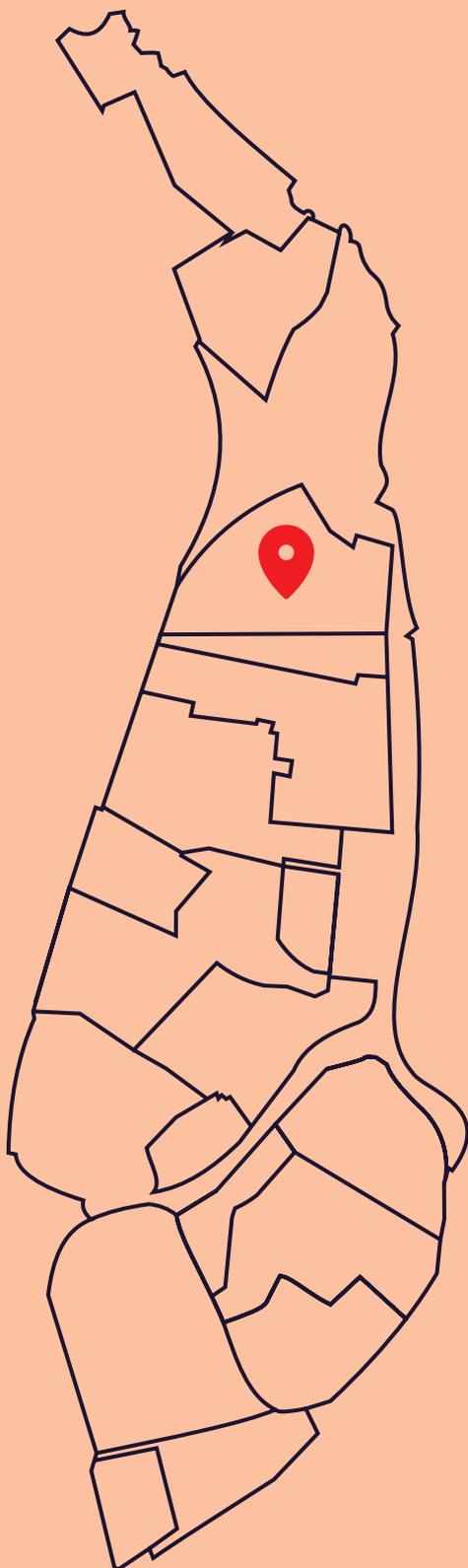
Falta de recursos públicos e privados.

Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Parcialmente.

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, acesso limitado.

FIGURA 4 Mapa vetorizado indicando a favela Nova Holanda.

ARTISTAS PARQUE UNIÃO



Idade: 21 à 23 anos

Gênero: Homem Cis

Orientação Sexual: Heterossexuais, bissexuais e gays

Cor/ Raça: Preta

Religião: Sem Religião e candomblecista

Escolaridade: Ensino médio completo

Formalização: MEI

Renda Individual: Entre 1 a 2 salários mínimos (Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Renda Familiar: Entre 1 a 2 salários mínimos (Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Pessoas em casa: 2 pessoas

Dependentes: Sem dependentes

Prática Artística: Música e artes plásticas

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré?

Falta de investimento do poder público.

Quais são suas maiores dificuldades?

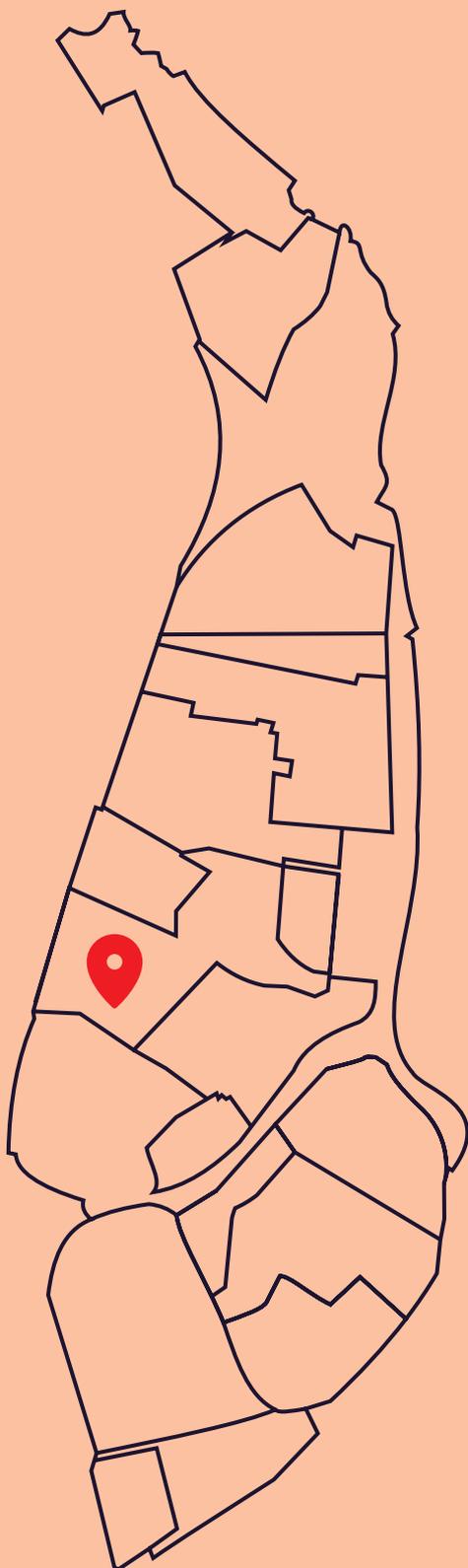
Falta de recursos públicos e privados.

Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Parcialmente.

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, acesso limitado.

FIGURA 5 Mapa vetorizado indicando a favela Parque União.

ARTISTAS BAIXA DO SAPATEIRO



Idade: 27 à 39 anos

Gênero: Homem Cis

Orientação Sexual: Heterossexuais

Cor/ Raça: Preta

Religião: Sem Religião

Escolaridade: Ensino médio completo

Formalização: Não

Renda Individual: Até 1/2 salário mínimo
(até 522,50)

Renda Familiar: Entre 1 a 2 salários mínimos
(Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Pessoas em casa: 1 pessoa

Dependentes: 1 Dependente

Prática Artística: Música e artes plásticas

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré?

Falta de investimento do poder público e falta de espaços físicos adequados.

Quais são suas maiores dificuldades?

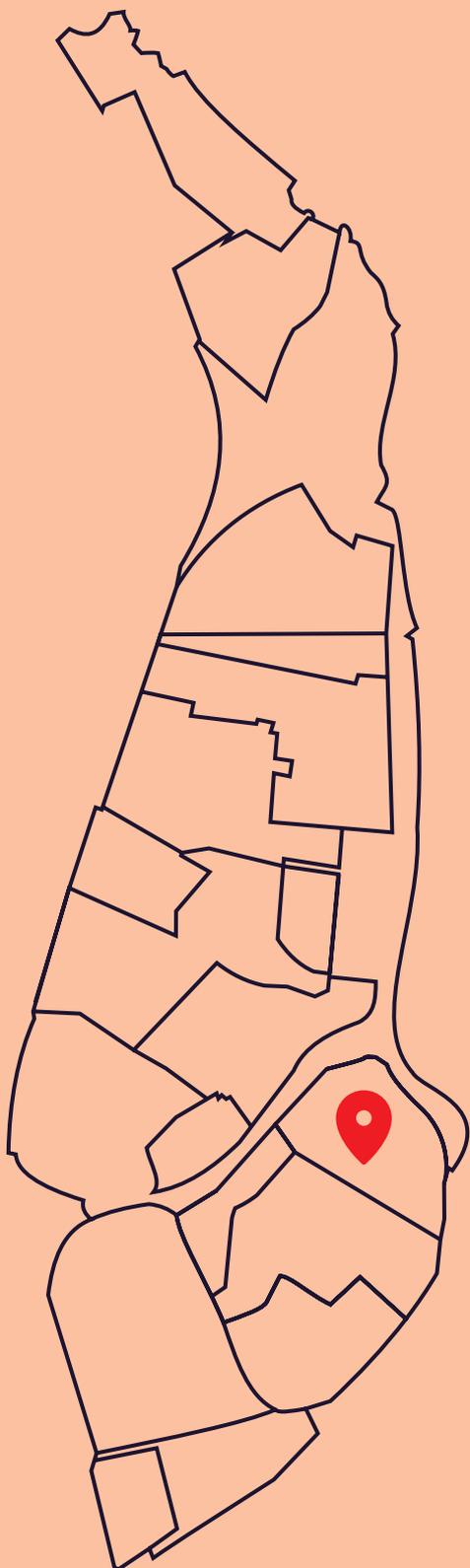
Não sinto maiores dificuldades.

Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Parcialmente.

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, acesso limitado.

FIGURA 6 Mapa vetorizado indicando a favela Baixa do Sapateiro.

ARTISTAS VILA DOS PINHEIROS



Idade: 23 à 32 anos

Gênero: Mulher Cis

Orientação Sexual: Heterossexuais e bissexuais

Cor/ Raça: Preta

Religião: Sem Religião

Escolaridade: Ensino superior incompleto

Formalização: Não

Renda Individual: Entre 1 a 2 salários mínimos (Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Renda Familiar: Entre 1 a 2 salários mínimos (Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Pessoas em casa: 1 pessoas

Dependentes: 3 dependentes

Prática Artística: Cultura popular e teatro

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré? Falta de investimento do poder público, falta de engajamento da população e falta de espaços físicos adequados.

Quais são suas maiores dificuldades?

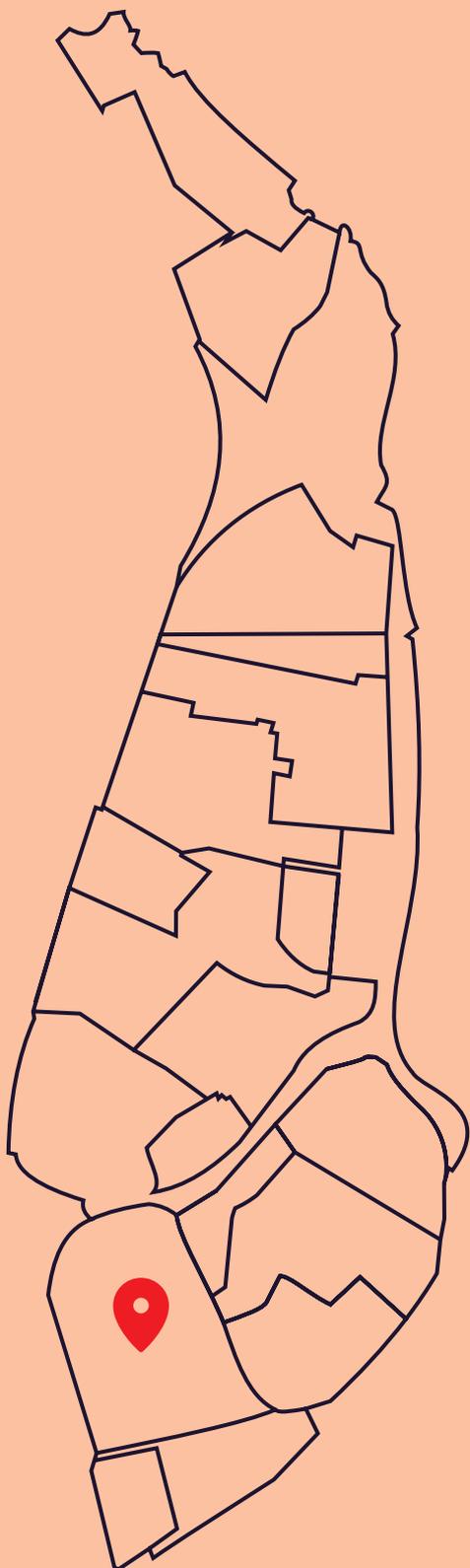
Ausência de segurança pública, violências, falta de recursos públicos e privados, conciliar com outro tipo de trabalho e/ou estudos.

Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Parcialmente.

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, acesso limitado.

FIGURA 7 Mapa vetorizado indicando a favela Vila dos Pinheiros

ARTISTAS VILA DO JOÃO



Idade: 23 à 32 anos

Gênero: Homem Cis

Orientação Sexual: Heterossexuais

Cor/ Raça: Preta

Religião: Sem Religião

Escolaridade: Ensino superior incompleto

Formalização: Não

Renda Individual: Entre 1 a 2 salários mínimos (Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Renda Familiar: de 2/5 a 3/5 salários mínimos (Entre R\$ 2.612,00 a R\$ 3.657,00)

Pessoas em casa: 2 pessoas

Dependentes: Sem dependentes

Prática Artística: Artes variadas

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré?

Violências, falta de investimento do poder público, falta de espaços físicos adequados.

Quais são suas maiores dificuldades?

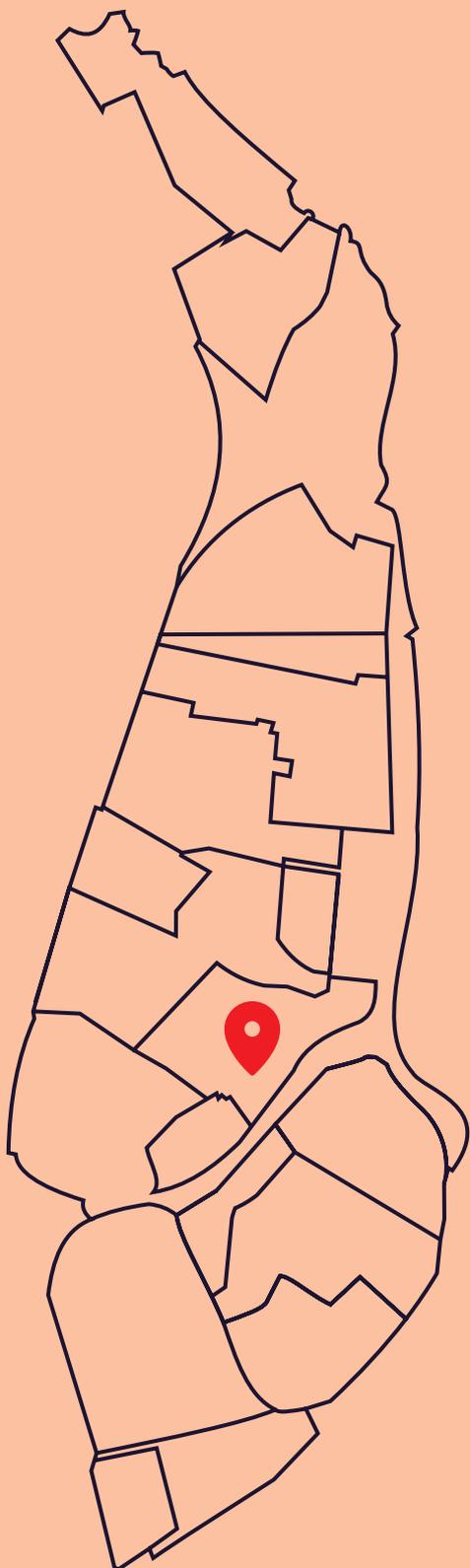
Violências, falta de recursos públicos e privados, conciliar com outro tipo de trabalho e/ou estudos.

Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Parcialmente.

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, acesso limitado.

FIGURA 8 Mapa vetorizado indicando a favela Vila do João

ARTISTAS MORRO DO TIMBAU



Idade: 22 à 36 anos

Gênero: Homem Cis

Orientação Sexual: Heterossexuais

Cor/ Raça: Preta

Religião: Sem Religião

Escolaridade: Ensino superior incompleto

Formalização: Não

Renda Individual: Preferem não informar

Renda Familiar: Entre 1 a 2 salários mínimos
(Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Pessoas em casa: 4 pessoas

Dependentes: 5 dependentes

Prática Artística: Teatro

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré? Falta de investimento do poder público falta de espaços físicos adequados.

Quais são suas maiores dificuldades?

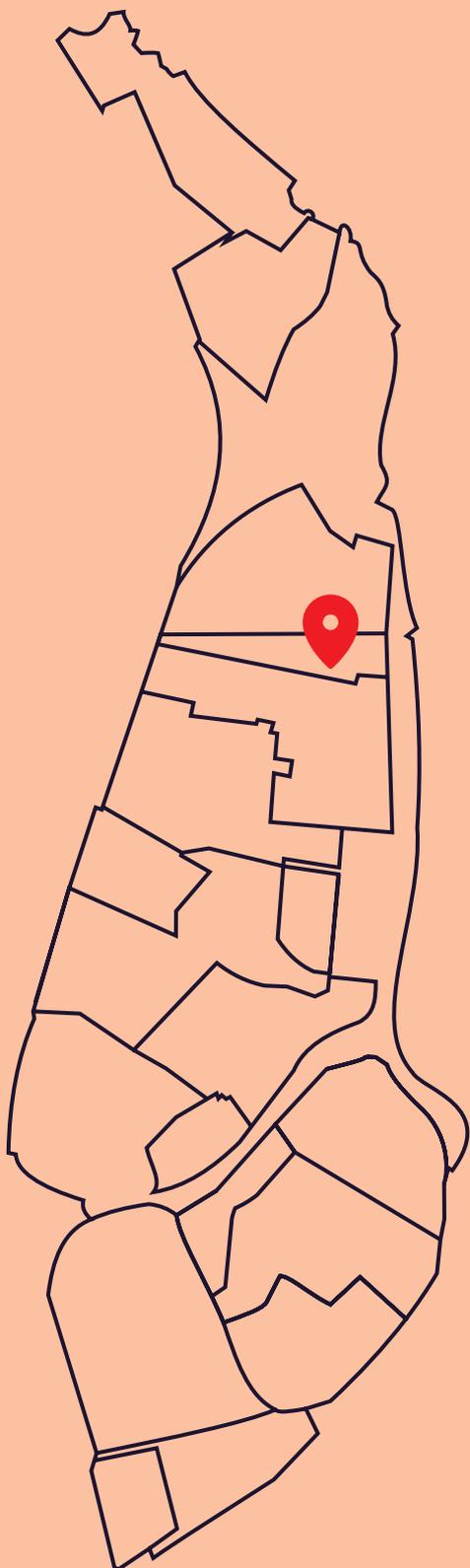
Dificuldade de circulação no território (atravessar divisas), falta de recursos públicos e privados, conciliar com outro tipo de trabalho e/ou estudos

Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Não

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, acesso limitado.

FIGURA 9 Mapa vetorizado indicando a favela Morro do Timbau.

ARTISTAS PARQUE RUBENS VAZ



Idade: 25 à 37 anos

Gênero: Homem Cis

Orientação Sexual: Heterossexuais

Cor/ Raça: Preta

Religião: Sem Religião

Escolaridade: Ensino superior incompleto

Formalização: CNPJ, MEI, Sindicato e Associação

Renda Individual: Entre 1 a 2 salários mínimos (Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Renda Familiar: Preferem não informar ou de 2/5 a 3/5 salários mínimos (Entre R\$ 2.612,00 a R\$ 3.657,00)

Pessoas em casa: 5 pessoas

Dependentes: Sem Dependentes

Prática Artística: Artes variadas

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré? Falta de investimento do poder público, Falta de engajamento da população, Falta de espaços físicos adequados, Falta de investimento amplo privado

Quais são suas maiores dificuldades? Dificuldade de circulação no território (atravessar divisas⁶), Falta de recursos públicos e privados, Conciliar com outro tipo de trabalho e/ou estudos

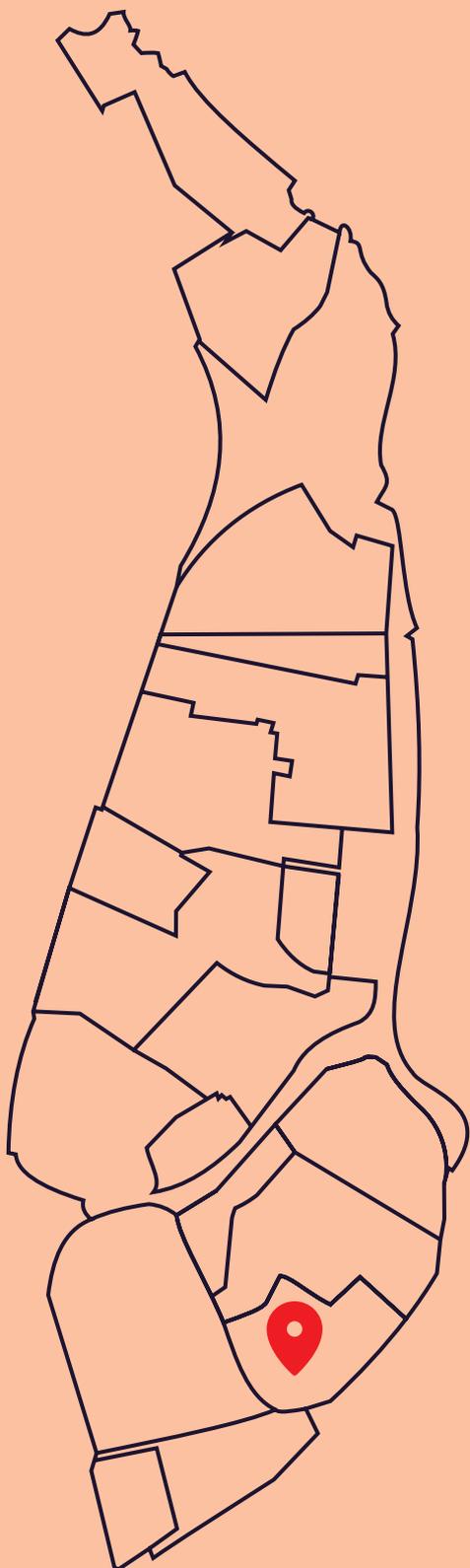
Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Não ou parcialmente.

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, pleno acesso.

⁶ Locais que são fronteira entre territórios com atuação de diferentes grupos de civis armados.

FIGURA 10 Mapa vetorizado indicando a favela Parque Rubens Vaz

ARTISTAS NOVO PINHEIRO (SALSA E MERENGUE)



Idade: 20 à 23 anos

Gênero: Mulher Cis

Orientação Sexual: Bissexuais

Cor/ Raça: Preta

Religião: Sem Religião, evangélico, candomblecista e politeísta

Escolaridade: Ensino médio incompleto

Formalização: Não

Renda Individual: Até 1/2 salário mínimo (até 522,50)

Renda Familiar: Entre 1 a 2 salários mínimos (Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Pessoas em casa: 2 pessoas

Dependentes: 1 dependente

Prática Artística: Teatro e música

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré?

Violências, falta de investimento do poder público, falta de espaços físicos adequados.

Quais são suas maiores dificuldades?

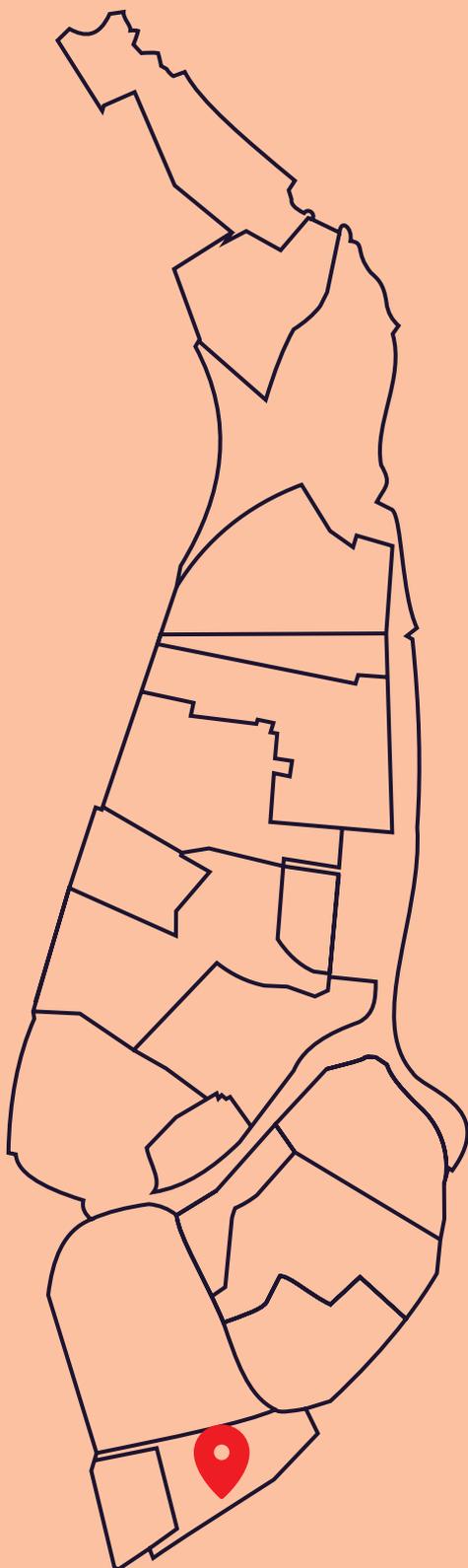
Violências, dificuldade de circulação no território (atravessar divisas), falta de recursos públicos e privados, conciliar com outro tipo de trabalho e/ou estudos.

Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Em outra linguagem.

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, acesso limitado.

FIGURA 11 Mapa vetorizado indicando a favela Novo Pinheiro (Salsa e Merengue)

ARTISTAS CONJUNTO ESPERANÇA



Idade: 24 à 31 anos

Gênero: Mulher Cis e Homem Cis

Orientação Sexual: Heterossexuais

Cor/ Raça: Preta

Religião: Sem Religião

Escolaridade: Ensino superior incompleto

Formalização: DRT e Sindicato

Renda Individual: Sem renda

Renda Familiar: Entre 1 a 2 salários mínimos
(Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Pessoas em casa: 3 pessoas

Dependentes: 2 Dependentes

Prática Artística: Teatro

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré?

Falta de investimento do poder público

Quais são suas maiores dificuldades?

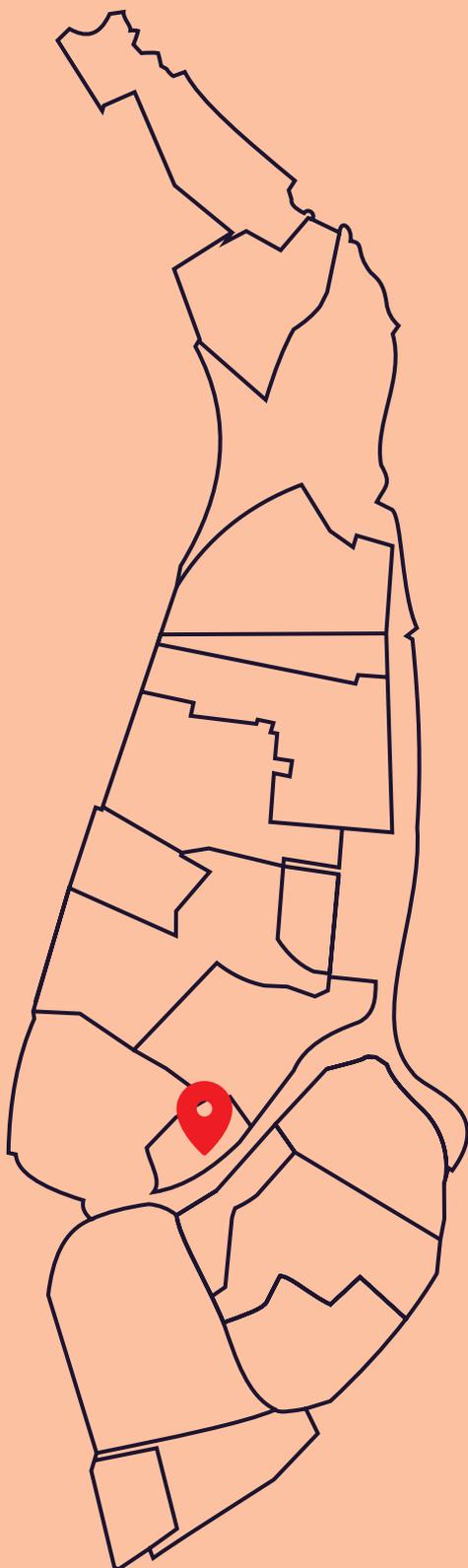
Falta de recursos públicos e privados, dificuldade de circulação no território (atravessar divisas).

Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Não ou Parcialmente.

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, pleno acesso

FIGURA 12 Mapa vetorizado indicando a favela Conjunto Esperança

ARTISTAS CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS



Idade: 32 anos

Gênero: Homem Cis

Orientação Sexual: Gay

Cor/ Raça: Branco

Religião: Catolico

Escolaridade: Ensino médio completo

Formalização: MEI

Renda Individual: Sem renda

Renda Familiar: Entre 1 a 2 salários mínimos
(Entre R\$ 1.045,00 a R\$ 2.090,00)

Pessoas em casa: 5 pessoas

Dependentes: Sem dependentes

Prática Artística: Teatro, Produção Cultural Drag Queen

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré?

Falta de investimento do poder público.

Quais são suas maiores dificuldades?

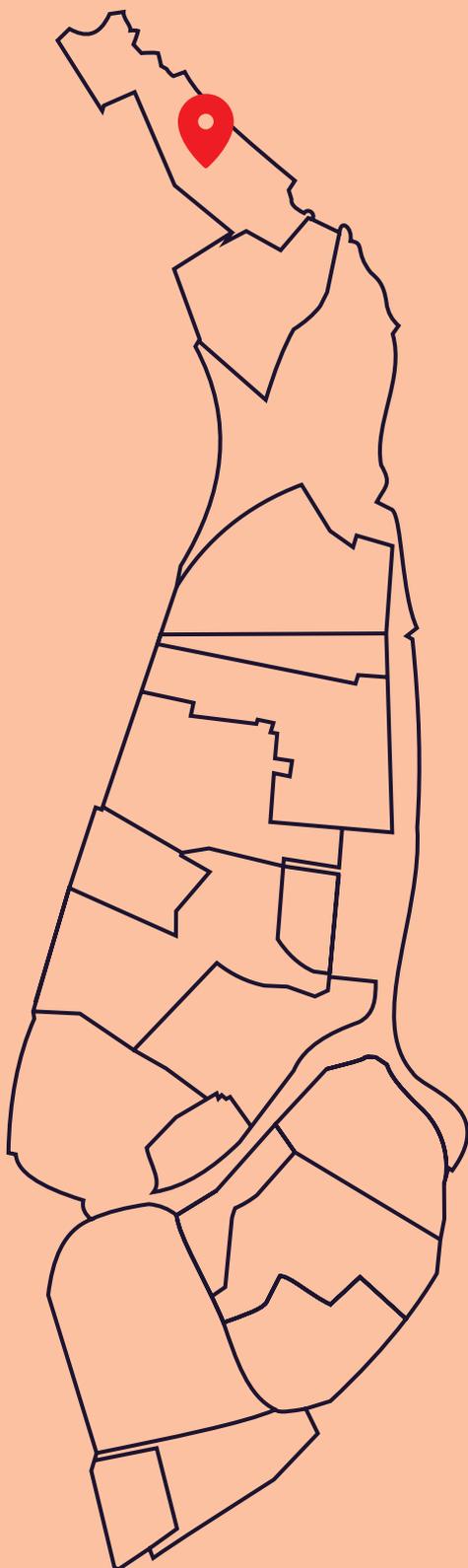
Falta de recursos públicos e privados / não sinto maiores dificuldades.

Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Parcialmente.

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, acesso limitado.

FIGURA 13 Mapa vetorizado indicando a favela Conjunto Bento Ribeiro Dantas

ARTISTAS PRAIA DE RAMOS



Idade: 20 anos

Gênero: Homem Cis

Orientação Sexual: Gay

Cor/ Raça: Preta

Religião: Sem Religião

Escolaridade: Ensino médio completo

Formalização: Não

Renda Individual: Até 1/2 salário mínimo
(até 522,50)

Renda Familiar: Até 1/2 salário mínimo
(até 522,50)

Pessoas em casa: 2 pessoas

Dependentes: Semp Dependentes

Prática Artística: Moda

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré?

Falta de investimento do poder público.

Quais são suas maiores dificuldades?

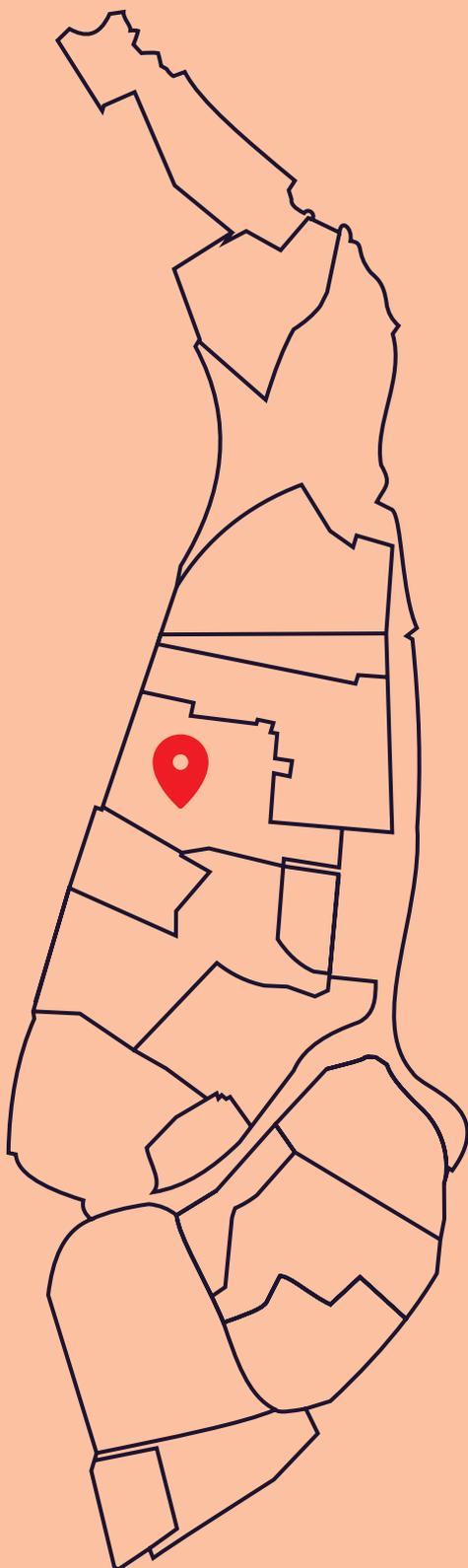
Dificuldade de circulação no território (atravessar divisas), falta de recursos públicos e privados, conciliar com outro tipo de trabalho e/ou estudos.

Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Não.

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, pleno acesso.

FIGURA 14 Mapa vetorizado indicando a favela Praia de Ramos.

ARTISTAS PARQUE MARÉ



Idade: 26 anos

Gênero: Homem Cis

Orientação Sexual: Heterossexual

Cor/ Raça: Preta

Religião: Evangélico

Escolaridade: Ensino superior completo

Formalização: MEI e CNPJ

Renda Individual: Entre 2/5 a 3/5 salários mínimos
(Entre R\$ 2.612,00 a R\$ 3.657,00)

Renda Familiar: Entre 2/5 a 3/5 salários mínimos
(Entre R\$ 2.612,00 a R\$ 3.657,00)

Pessoas em casa: 2 pessoas

Dependentes: 1 dependente

Prática Artística: Cultura Popular

O que você acha que impede ou dificulta o acesso à cultura na Maré?

Falta de investimento do poder público.

Quais são suas maiores dificuldades?

Conciliar com outro tipo de trabalho e/ou estudos.

Tem conseguido desenvolver o seu projeto artístico na pandemia? Em outra linguagem.

Está tendo acesso a internet ou equipamentos tecnológicos? Sim, pleno acesso

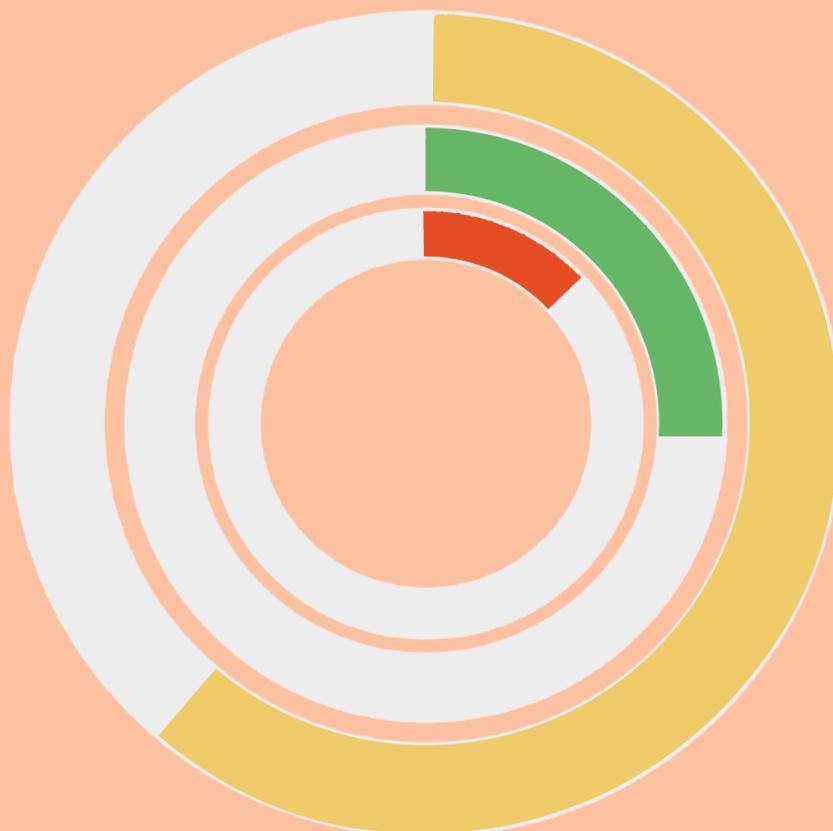
FIGURA 15 Mapa vetorizado indicando a favela Parque Maré.



ARTISTAS INDIVIDUAIS

E PRODUTORES CULTURAIS DA MARÉ NA PANDEMIA

OS ARTISTAS CONSEGUIRAM SE MANTER EM ISOLAMENTO SOCIAL E SEGUIR AS RECOMENDAÇÕES DA OMS (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE) ?



● **43 artistas** puderam se manter **PARCIALMENTE** em isolamento social

● **18 artistas** PUDERAM seguir as recomendações da OMS

● **9 artistas** NÃO puderam se manter em quarentena.

GRÁFICO 14 Condições dos artistas cumprirem o isolamento social.

A possibilidade ou não de seguir as recomendações da OMS também reflete as medidas de saúde básica adotadas para os trabalhadores essenciais e/ou autônomos que compõem a população da Maré. Considerando que 44,3% dos artistas responderam que não podem manter a si ou a sua família com seu trabalho artístico, e a maioria só pôde se manter parcialmente em isolamento social, é importante pautar os impactadores e recursos que possibilitaram ou inviabilizaram a produção cultural durante este período pandêmico.

As repercussões e os impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos da pandemia ainda estão sendo analisados, e o Boletim Socioepidemiológico do eixo “Covid nas favelas”, pesquisa “Observatório Covid-19” (conduzida pela FIOCRUZ), nos ajudou a elaborar um levantamento de impactadores e recursos para saúde e bem-estar durante a quarentena.



GRÁFICO 15 Impactadores e recursos dos artistas durante a quarentena.

- 42,9% dos artistas foram impactados pelo desemprego, 62,9% receberam o auxílio emergencial e 50% tiveram acesso às cestas básicas.
- 80% dos artistas relataram ansiedade e, ao todo, foram 80 respostas contendo ansiedade ou depressão. Apenas dois artistas responderam não terem sido atingidos por nenhum dos impactadores citados.
- Um artista relatou ter se mantido em “total sanidade” durante a quarentena.

COLETIVOS ARTÍSTICOS

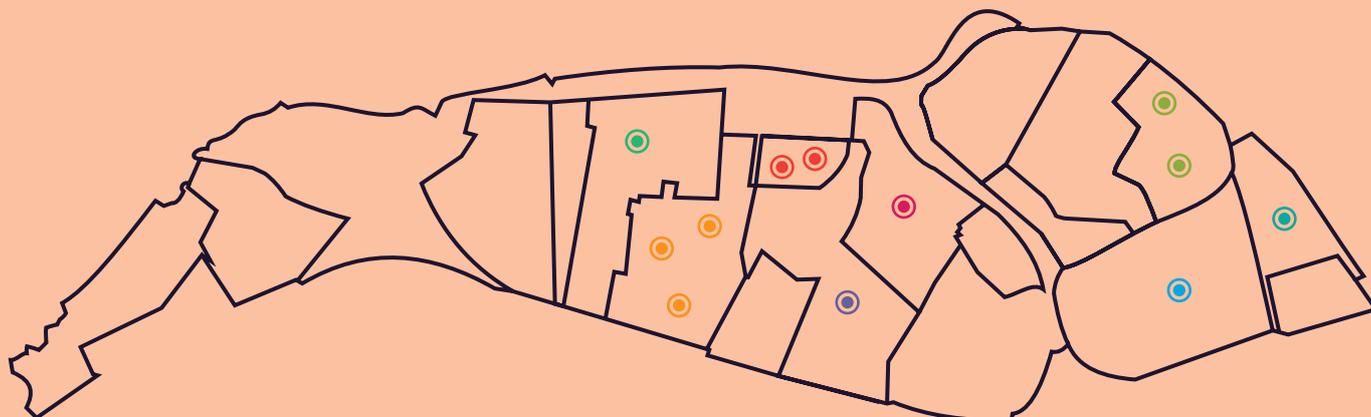


FIGURA 16 Mapa vetorizado indicando os coletivos artísticos que responderam ao formulário em cada uma das favelas da Maré

NOVA HOLANDA
3 respostas (25%)

NOVA MARÉ
2 respostas (16,7%)

VILA DO PINHEIRO
2 respostas (16,7%)

PARQUE UNIÃO
1 resposta (8,3%)

PARQUE RUBENS VAZ

**NOVO PINHEIROS
(SALSA E MERENGUE)**

CONJ. BENTO RIBEIRO DANTAS

PRAIA DE RAMOS

BAIXA DO SAPATEIRO
1 resposta (8,3%)

VILA DO JOÃO
1 respostas (8,3%)

MORRO DO TIMBAU
1 resposta (8,3%)

CONJUNTO ESPERANÇA
1 resposta (8,3%)

PARQUE MARÉ

MARCÍLIO DIAS

**CONJUNTO HABITACIONAL
DOS PINHEIROS**

PARQUE ROQUETE PINTO

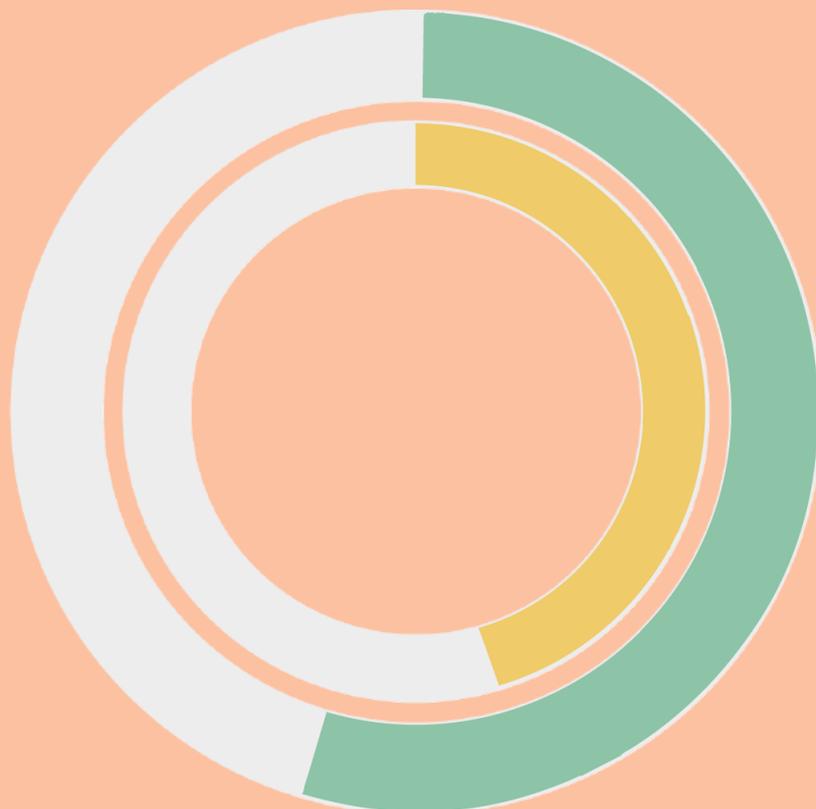
Nas respostas coletadas, não obtivemos resultados de coletivos nas favelas Parque Rubens Vaz, Salsa e Merengue, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Praia de Ramos, Parque Maré, Marcílio Dias, Conjunto Habitacional dos Pinheiros e Parque Roquete Pinto, o que de forma alguma indica que não há coletivos artísticos nestas comunidades.

Os principais perfis de público alvo dos coletivos são:

Mulheres e não-binaries, jovens, adultos ou crianças, pretas e pardas.

As principais práticas culturais dos coletivos são:

Teatro, música, dança e cultura popular.



● **90%** dos coletivos têm desenvolvido suas atividades através de lives, encontros e conversas remotas

● **75%** dos coletivos possuem PARCIALMENTE acesso à internet e equipamentos tecnológicos

GRÁFICO 16 Condições de acesso à internet e realização de atividades durante a pandemia.

EQUIPAMENTOS CULTURAIS

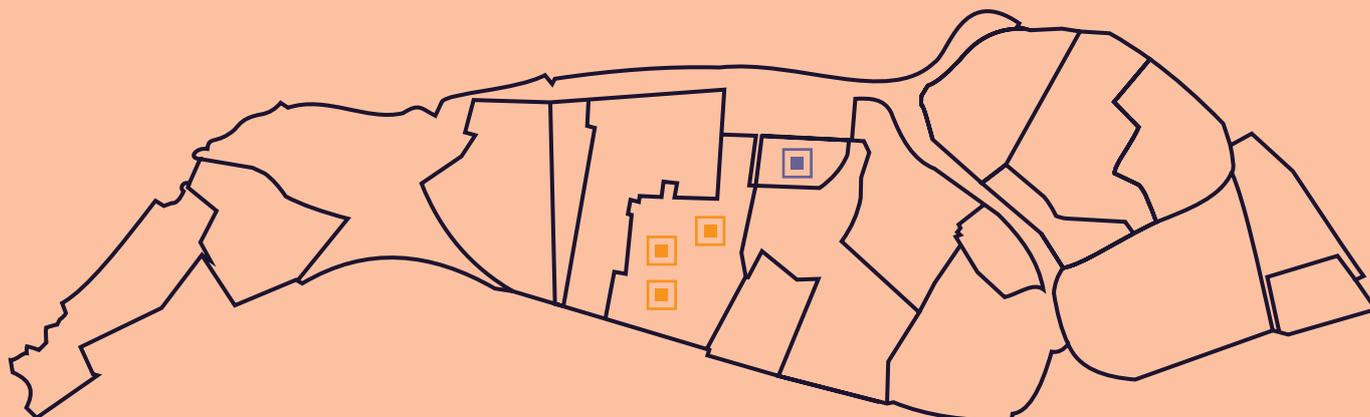


FIGURA 17 Mapa vetorizado indicando os equipamentos culturais que responderam ao formulário em cada uma das favelas da Maré.

NOVA HOLANDA

4 respostas (75%)

NOVA MARÉ

1 resposta (25%)

BAIXA DO SAPATEIRO

VILA DO JOÃO

VILA DO PINHEIRO

MORRO DO TIMBAU

PARQUE UNIÃO

CONJUNTO ESPERANÇA

PARQUE RUBENS VAZ

PARQUE MARÉ

**NOVO PINHEIROS
(SALSA E MERENGUE)**

MARCÍLIO DIAS

CONJ. BENTO RIBEIRO DANTAS

**CONJUNTO HABITACIONAL
DOS PINHEIROS**

PRAIA DE RAMOS

PARQUE ROQUETE PINTO

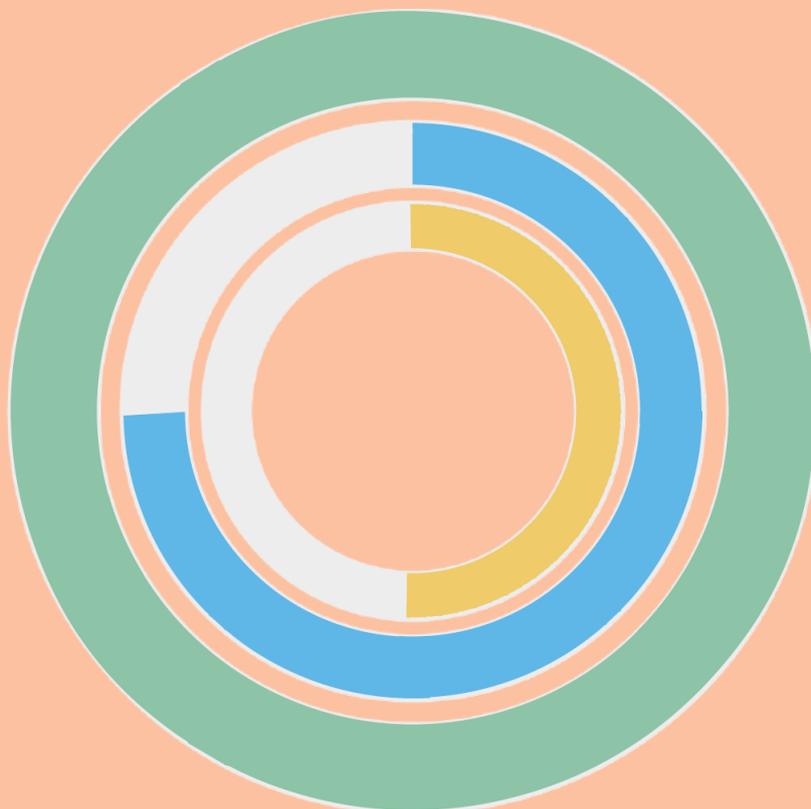
Nas respostas coletadas, não obtivemos resultados de equipamentos culturais nas favelas Vila do Pinheiro, Parque União, Baixa do Sapateiro, Vila do João, Morro do Timbau, Conjunto Esperança, Parque Rubens Vaz, Salsa e Merengue, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Praia de Ramos, Parque Maré, Marcílio Dias, Conjunto Habitacional dos Pinheiros e Parque Roquete Pinto, o que não indica que não há equipamentos culturais nestas comunidades.

Os principais perfis de público alvo dos coletivos são:

Mulheres e não-binaries, jovens, adultos ou crianças, pretas e pardas.

As principais práticas culturais dos coletivos são:

Teatro, música, dança e cultura popular.



● **Todos** os equipamentos desenvolveram eventos online durante a quarentena

● **75%** desses espaços possuem internet e equipamentos tecnológicos

● **50%** realizaram eventos restritos seguindo as regras da OMS

GRÁFICO 17 Condições de funcionamento dos equipamentos culturais durante a pandemia.



GRUPO FOCAL

FAZERES ARTÍSTICOS, IDENTIDADES E MEMÓRIAS NA MARÉ

Dentro do processo de pesquisa em artes e artistas no território da Maré, trabalhamos com um grupo de pessoas que, em formato de grupo focal, trouxeram reflexões sobre os fazeres artísticos na Maré a partir de suas narrativas, histórias de vida e visões de mundo. É encantador perceber a diversidade de respostas que estão entrelaçadas em uma narrativa comum sobre o fazer artístico e o modo de vida de artistas periféricas e periféricos.

Os grupos focais aconteceram respeitando as orientações de distanciamento social em função da pandemia de COVID-19. Estes foram realizados de forma presencial e remota, sendo o segundo formato o mais utilizado para coleta de dados. Todos os participantes responderam as mesmas 6 perguntas e essas perguntas nortearão as próximas linhas desta cartografia.

1 - Para você, o que é arte?

Definir arte é muito difícil. Em uma breve pesquisa em sites de busca, é possível perceber que as definições para o termo “arte” estão relacionados à origem da palavra, e a ideia de que arte é uma forma de comunicação nós perguntamos a artistas mareenses o que seria arte para elas e eles. As respostas foram as mais diversas e instigantes.

Segundo o artista Leandro Leskill a arte é uma ponte para a salvação. Ele relata como a arte, que hoje é a sua principal fonte de renda, foi importante para que ele conhecesse vários países no mundo. Já para Sabrina Martina a arte é um instrumento de comunicação para não permitir que nossa humanidade seja degradada pelo sistema político e econômico em que estamos inseridos.

A arte nos coloca num lugar de reflexão sobre onde estamos e para onde vamos. Para alguns, a arte é uma ferramenta para comunicar uma realidade ou, ainda, o desejo de se alterar essa mesma realidade, como diz o DJ Renan Valle. “Arte é tudo o que a gente faz, é seu sentimento, é aquilo que você põe pra fora. Toda covardia que a gente sofre aqui eu coloco pra fora em forma de funk.” Rodrigo Maré concorda quando afirma que arte é uma forma de se expressar, expressar sua história, seus sentimentos e aquilo que você acredita. Andreza Jorge, em depoimento, diz que arte é quando as pessoas se conectam com nossa subjetividade, pessoas se conectam umas com as outras através de um lugar em comum afetado pelo fazer artístico.

A arte pode ser muita coisa. É de fato um universo de possibilidades e vários artistas têm usado a ferramenta da arte para educar as novas gerações. É comum na fala dos artistas entrevistados e entrevistadas o desejo de mudar a realidade a partir da sua arte começando pelas crianças. Isso talvez demonstre uma necessidade de formação para arte-educação a partir desses artistas que têm produzido trabalhos de extrema relevância a partir das suas vivências e realidades.

2 - Qual a relação da sua arte com o território da Maré?

O território da Maré pode ser lido como uma grande escola. Aqui são compartilhados aprendizados, metodologias e formas de fazer arte. Esse território é marcado por trajetórias e histórias de luta. De Orosina Vieira à Marielle Franco, são histórias de pessoas que a partir de sua vivência nos becos e vielas da Maré produziram conhecimento e deixaram como legado uma relação de afeto com a comunidade. Hoje essa relação de afeto com o território impulsiona artistas da Maré a compartilhar os saberes aprendidos e as experiências vividas no Conjunto de Favelas.

Rayanne Felix em seu depoimento fala sobre como a sua relação com o território influencia no seu processo criativo. Ela diz:

“ Eu escrevo a partir das vivências que tenho aqui, se vejo crianças brincando na rua eu me sinto feliz e vou escrever sobre. Se teve uma operação policial e eu me sinto mal eu vou escrever como estou me sentindo. Então, o território influencia o que eu escrevo, seja coisas boas ou coisas nem tão boas assim.”

Andreza Jorge, representante do coletivo Mulheres ao Vento, relata que o território dá sentido à sua arte. O trabalho do grupo parte do compartilhamento de subjetividades com a tentativa de traduzir o sentimento do que é ser uma mulher na Maré. Já Mc Martina relata que tudo o que ela é hoje, se deve ao lugar onde mora e se sente com a responsabilidade de devolver para o território um pouco da sua produção cultural. Vemos aqui, três relatos de mulheres que estão em diferentes segmentos artísticos relatando suas formas de relacionar as suas produções com o território da Maré.

3- Quais sensações você espera causar nas pessoas que têm contato com sua arte?

Arte tem muito a ver com conexão. A linguagem artística tem o poder de conectar pessoas. A arte acontece quando você ouve uma música e se identifica. Quando uma peça ou uma cena expressam o que você gostaria de dizer. Por isso a arte transforma. Ela transforma porque ela toca. Esse toque é diferente em cada pessoa que tem contato com as produções artísticas.

Rodrigo Maré, ao relatar o que espera das suas aulas de percussão no projeto Panderolando Maré fala sobre a importância desse ambiente seguro para a socialização, o espaço de troca, mas principalmente que as pessoas se sintam à vontade para desenvolver a técnica, mas principalmente desenvolver relações de afeto.

Wallace Lino fala sobre o poder da arte. Para o ator e diretor, o seu fazer artístico tem muitas das vezes a responsabilidade de levar um pouco da Maré - através de corpo e sua produção - a pessoas que não conhecem o território. Mc Martina fala sobre seu desejo de que as pessoas tenham a perspectiva de uma realidade mais justa, assim como Leskill, que relata sobre sua vontade de inspirar crianças a seguirem os caminhos da arte e pensá-la como uma possibilidade de alcançar seus objetivos

DJ Renan Valle também traz uma fala muito importante sobre a relação da arte com o lazer. Em seu depoimento, ele diz: “Eu espero que as pessoas curtam. Eu faço uma música, eu produzo uma música primeiro pra mim, porque eu curto baile, sou consumidor do baile, tá ligado? Eu falo, vou fazer uma aula pra eu quebrar, seu eu quebrar... Geral vai quebrar junto.”

Para muitas pessoas, o baile funk é a principal forma de lazer. A fala de Renan mostra justamente que um lugar historicamente marginalizado é palco para produções de cultura periférica e que tem o poder de reunir muitas pessoas a partir do direito ao lazer.

Da poesia como produção literária à poesia cantada em ritmo de funk, uma reflexão comum aos entrevistados no grupo focal diz respeito ao desejo de que as produções artísticas desenvolvam experiências positivas em seu público.

4- O que você faria se tivesse tempo e recursos ilimitados para desenvolver sua linguagem artística?

A arte é também o lugar do sonho. Em suas trajetórias, muitos artistas são atravessados por falas como: “Mas você só faz isso?” ou “Vai viver de arte e passar fome?”. São discursos violentos, principalmente com a juventude periférica que acaba sendo taxativamente cobrada pelo discurso da meritocracia. Perguntamos aos artistas do grupo focal o que fariam se tivessem tempo e recursos ilimitados e percebemos nos depoimentos uma preocupação com a formação social das novas gerações.

Wallace Lino externou seu desejo de fazer uma escola de teatro permanente que trabalhe múltiplas linguagens. Andreza compartilhou suas ideias sobre a expansão da corporeidade e o acesso ao saber construído pela ancestralidade das moradoras e moradores da Maré.

Mc Martina fala desde a produção de eventos na favela, até a distribuição gratuita de livros para as crianças na Maré, num sentido de potencializar suas produções e o território onde vive. Rayanne nos contou sobre o seu desejo de aprender outros idiomas para traduzir a sua vivência na Maré para mais pessoas em mais lugares no mundo.

As crianças aparecem nas falas de vários entrevistados, mas Leskill é contundente ao relatar seu desejo de criar um centro de artes na Maré. Esta ideia surge do encantamento que ele sentiu ao conhecer o hip-hop em um projeto da Redes da Maré na sua pré-adolescência. DJ Renan Valle também compartilha do sonho de proporcionar educação, lazer e arte para as crianças do território. Ele fala em empoderamento através da cultura para as crianças na Maré.

5 - Qual a sua história com a Maré?

Pensar sobre artistas favelados é pensar sobre diferentes relações de afeto com o território. Alguns nasceram, alguns vieram para a Maré já adultos, mas todos subvertem a lógica de que o território de favela deve ser visto a partir das suas ausências. A narrativa dos artistas mostram o quão grande é a influência do território na forma de se relacionarem com o mundo.

A palavra família dá o tom das respostas a essa pergunta. Rayanne Félix responde:

“A minha relação com a Maré é de amor, sabe? Eu nunca tive vergonha de dizer que moro aqui. Eu sempre fiquei confusa nessa história de Maré e Bonsucesso, mas nunca engolia quando falavam que eu morava em Bonsucesso, porque eu não morava em Bonsucesso. Hoje em dia eu passo isso para as pessoas”.

É muito comum entre os moradores da Maré a fala de que se mora em Bonsucesso. Isto porque muitos preconceitos se revelam quando nos identificamos enquanto moradores de favela. Mesmo a Maré sendo reconhecida como bairro desde 1994 pela Prefeitura do Rio de Janeiro, os estigmas sobre o Conjunto de Favelas ainda são recorrentes.

Wallace Lino também fala sobre sua relação com a comunidade: “Minha família toda mora na Maré. Minha mãe nasceu na casa em que ela mora hoje. Minha relação com a Maré é uma explosão de possibilidades, inventividades, existir, resistir, ver e projetar.”

Andreza Jorge diz: “A história da Maré é a história da minha família, é a história da minha vida. Minha história com a Maré é de quem nasceu, cresceu, mora e tem seus vínculos de afeto, amor e contradição com esse território, essa é minha história, eu sou da Maré”.

Reafirmar o pertencimento a um território de favela, que muitas vezes é apresentado como um local de violência é uma forma de contar uma outra narrativa. Como alerta a intelectual Chimamanda Adichie⁷, é perigoso se apegar a histórias únicas. Os artistas da Maré sinalizam em suas falas uma intensa relação de afeto. São vozes que contam suas próprias histórias.

6 - Qual ou quais os lugares e equipamentos culturais te ajudaram a se formar enquanto artista no território da Maré?

O Conjunto de Favelas da Maré tem um importante papel no cenário cultural do Rio de Janeiro. A formação dos artistas em sua maioria se dá em espaços culturais da comunidade, rodas de slam, bailes funk, centro culturais, praças, bibliotecas, becos e vielas. Esses equipamentos que muitas vezes resistem com orçamentos precários, infra-estrutura carecendo de cuidados e reparos reúnem artistas e arte-educado-

res para fazer com que crianças, jovens e adultos continuem tendo acesso à cultura, à arte e ao lazer.

Os projetos sociais presentes em equipamentos culturais têm gerado grande impacto no território. Sobre essa influência, Leskill fala: “Se teve um espaço que me ajudou aqui na Maré de verdade mesmo é a Redes. Tem espaços culturais muito importantes tanto aqui, como no morro do Timbau, como a Casa de Cultura e o Museu da Maré”.

Andreza fala sobre como a busca pela arte a incentivou a transitar pelo território: “Todos os espaços contribuíram”. Wallace Lino reforça: “Acho que todos os lugares. Primeiro a minha casa, mas quando você passa na rua, tem gente tocando. Eu pude me entender enquanto artista dentro da Cia Marginal e também em parceira com os aparelhos culturais e ONGs que somos parceiros até hoje. A Redes e esses espaços foram bem importantes para a minha formação inicial.”

Um espaço não formal também apontado é o próprio baile funk. O DJ Renan contou como seu irmão, tocando nos bailes da comunidade, influenciou sua trajetória para construir sua própria identidade e trabalho como DJ.

Como dito, podemos entender a favela como grande escola, em seu sentido mais poético e educativo. São vários os espaços de produção de arte e cultura nesse território, é esse caldeirão cultural do Favela Rock⁸ ao baile funk que permite que favelados continuem produzindo arte e cultura para os seus pares e para o mundo. Incentivar essa produção é investir em novas perspectivas de futuro.

⁷ Chimamanda Ngozi Adichie é uma feminista e escritora nigeriana. É reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras anglófonas de sucesso, atraindo uma nova geração de leitores de literatura africana.

⁸ Festival de rock realizado na Lona Cultural Municipal Herbert Vianna - Lona da Maré.



The background features a large, abstract graphic on the right side. It consists of several overlapping, semi-transparent shapes in shades of teal, green, purple, and pink. Overlaid on these shapes are numerous thin, yellow, wavy lines that create a sense of movement and depth. The overall aesthetic is modern and artistic.

NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS

DE ARTES E ARTISTAS NA MARÉ

I ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

A Maré é solo fértil. Dela surgem e nela atuam diversos profissionais das artes e da cultura. Ao longo do processo de pesquisa, coletamos as narrativas de setenta artistas e produtores culturais da Maré. Alguns em terceira pessoa, outros em primeira pessoa. Algumas narrativas mais curtas, outras mais longas. Artistas jovens e artistas com longas estradas. Nesta cartografia, respeitamos e replicamos as biografias da forma que foram redigidas pelos artistas. Estas escrituras se encontram em diversos pontos e ao mesmo tempo guardam suas peculiaridades. Mas todas revelam o caráter revolucionário que o Conjunto de Favelas da Maré tem enquanto território cultural.

Setenta artistas informaram seus dados quantitativos no formulário de pesquisa, mas outros 18 constam aqui com suas apresentações (minibiografias e fotos), por serem figuras de extrema relevância para a produção artística no Conjunto de Favelas da Maré.

PARA LEMBRAR (OU JAMAIS ESQUECER) DE CADU BARCELLOS



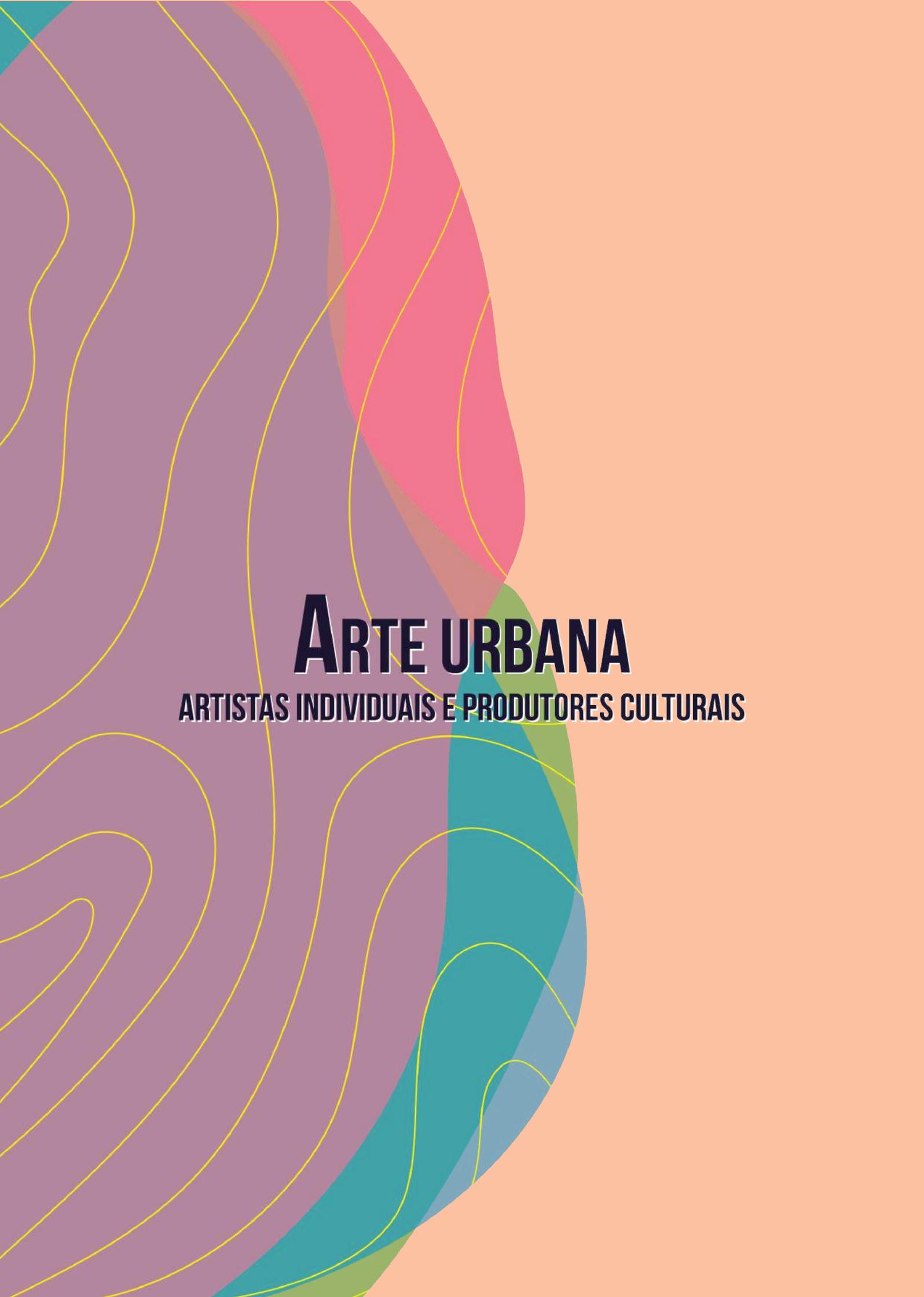
Há, na vida, atravessamentos maiores do que podemos suportar. Há atravessamentos de ruas, becos, pontes, esquinas. Mas jamais estamos prontos para o atravessamento da perda. Durante os processos de iniciação desta cartografia perdemos Cadu Barcellos. Artista em expansão, amigo, companheiro, pai, filho, irmão, ímpar em suas dedicadas funções como indivíduo. Não havia quem passasse imune ao seu sorriso, abraço e brilho. É em memória a sua potência, suas produções e colaborações como artista que não se pode seguir adiante para a próxima página sem antes passar por esta.

Cadu esteve na arte através das imagens, escolheu o audiovisual para se expressar e inspirar. Um célebre trabalho que nos faz lembrar de sua colaboração excepcional foi o filme 5x favela: agora por nós mesmos, lançado em 2010, uma remontagem do filme quase homônimo, de 1962. Em “Agora por nós mesmos”, histórias de moradores de favelas do Rio tem a voz e a vez de contar suas vivências com uma câmera na mão e um roteiro imersivo em suas rotinas.

Cadu escolheu falar sobre juventude, soltar pipa e fronteiras; escolheu filmar beleza, afeto, cuidado e sorte; escolheu falar do que sentiu, sabia e viveu. O episódio que produziu - o filme é dividido em cinco - , se chama “Deixa voar” e soma ao contar com leveza e uma poética toda sua sobre o atravessamento de territórios com conflitos, amizade e lazer. A fotografia enche os olhos de graça. Fica o convite para ver e rever tamanha sensibilidade em cena.

Para além desse icônico acontecimento, na carreira e vida tão breve, também foi possível estar e encontrar com Cadu em produções para tv e internet, na música e na rua. Na rua, onde tantas vezes foi possível trocar uma ideia, copos de cerveja, um abraço apertado ou apenas um aceno de longe e apressado, mas tudo sempre cheio de sua energia elevada. E talvez por isso, seja custoso demais crer que sua vida tenha sido interrompida. Apesar de, ficam as memórias e a certeza de que “cria não morre, vira lenda”. Que sua rápida aparição em nosso território, o compartilhamento de experiências e seu sorriso grandioso sejam lembrados como manutenção de sua beleza e possa ser inspiração para tanta arte e juventude em ascensão. A gente te agradece tanto e muito, Cadu!

Deixa voar.

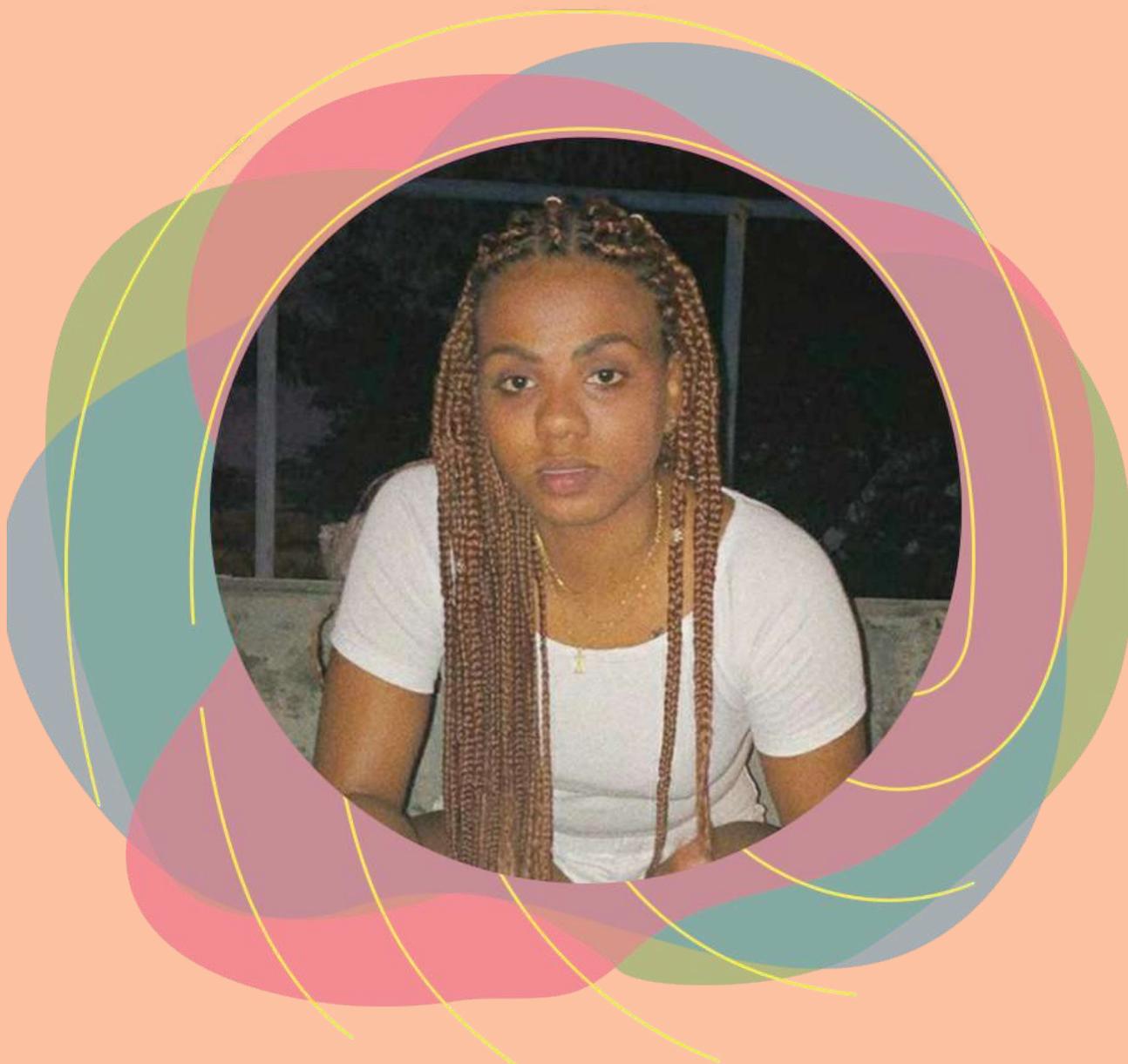


ARTE URBANA

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

LARISSA

(@LARISSFR)



Larissa é cria da Maré e fundadora do Maré Crew. Maré Crew atualmente é uma dupla de estêncil (arte urbana), formada por dois jovens da Maré.

O grupo foi formado em 2017, com jovens de 18 a 22 anos, todos moradores da Maré. Inicialmente eram sete membros. O grupo começou quando ocorreu uma oficina de estêncil na Lona Cultural da Maré, com o grupo Nata Família.

Os alunos se interessaram pela aula do Nata e, com a ajuda deles, formou-se o grupo. O primeiro trabalho do grupo foi junto ao Nata, aqui mesmo na Maré. Pintamos em uma parede com um stencil grande. Começamos a produzir camisetas para vender e divulgar mais o grupo.

The background features a large, abstract graphic on the left side, composed of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, blue, pink, and green. Thin, wavy yellow lines are overlaid on these shapes, creating a sense of movement and depth. The right side of the image is a solid, light orange color.

ARTES PLÁSTICAS

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

ARCASI

(@_ARCASI)

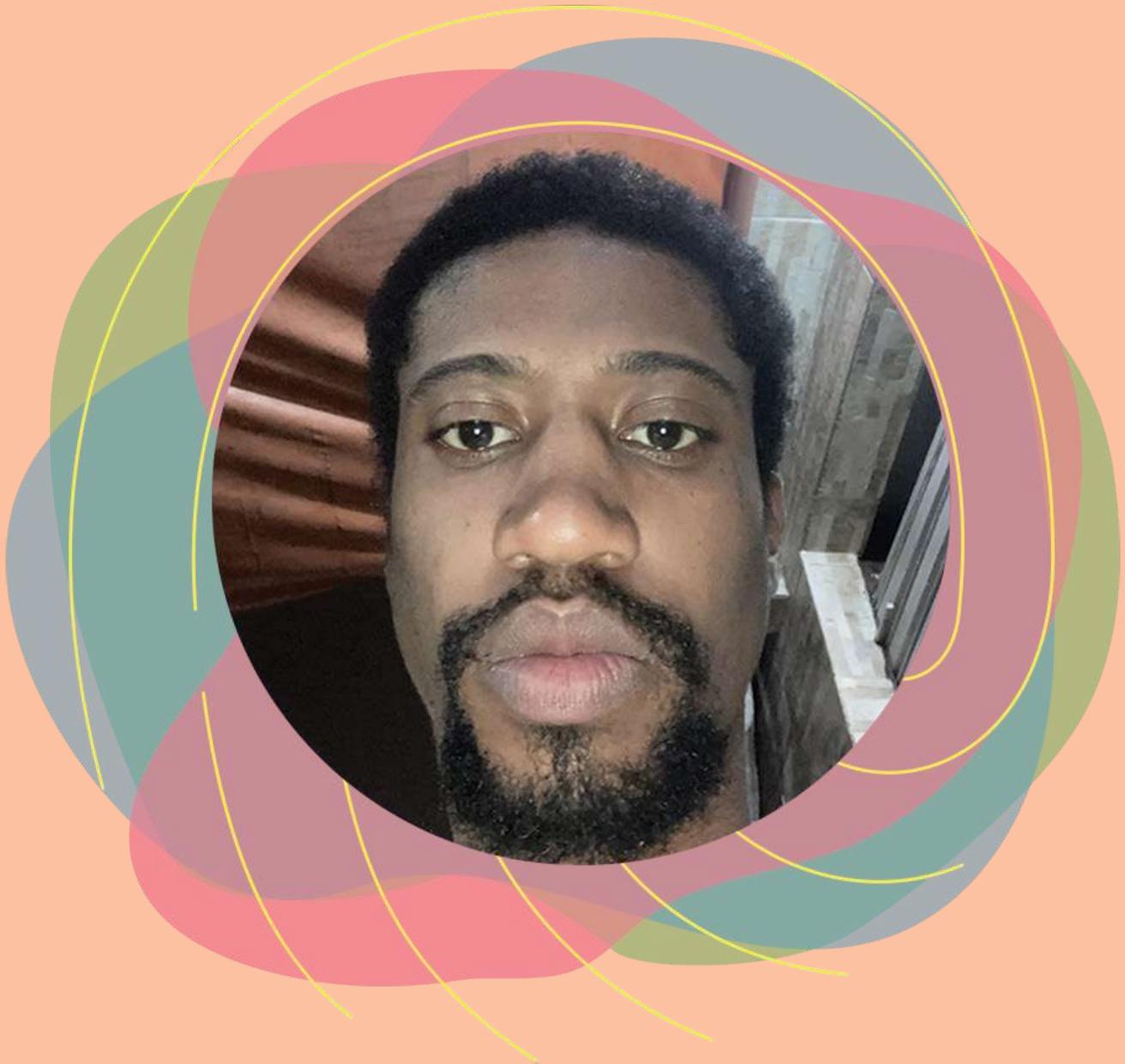


Artista afroindígena, nascida em Belém/PA. Atualmente moro no Complexo da Maré, zona norte do Rio de Janeiro. Desenvolvo experimentações com poesia, fotografia, instalações e presença. Estudo História da Arte na Escola de Belas Artes da UFRJ e integro os coletivos Casa da Quinta (PA) e Afroresistências (RJ). Sou idealizadora da Kitnet Galeria e do projeto A casa como lugar da arte.

Viver e produzir arte na Maré é sobre sonhar e criar novos mundos, novas possibilidades de existências. E fazer isso lutando sempre em favor da vida e de direitos.

CRUZ

(@RPHL.CRUZ)



Comecei com pixação e dança, passei pelo graffiti e cinema, fui entregador e fiscal de kombi. Hoje sou artista plástico e animador.

DIDI STAR
(@DIDISTARARTS)



Artista autodidata. Desde 2012 produz a partir do lixo diário, construindo esculturas e formas, pintando com cores primárias e fazendo instalação nas ruas. Tiro foto e depois faço telas de serigrafia para pintar na tela de canvas.

DOUGLAS BEZERRA LOPES

(@DOUGLOPPES)



Fotógrafo, diretor de fotografia e videomaker, 29 anos, cria da Maré. De 2012 a 2017, fotografou a Lona Cultural da Maré; de 2017 a 2020, fotografou para o Jornal Maré de Notícias; de 2017 a 2021, fotografa a Redes da Maré. Fotografou para a exposição Travessias - Arte Contemporânea na Maré, Creative Lab, AMARÉFUNK, Mostra Maré de Música, entre outros. Em 2020, assinou a direção de fotografia de Marielle - o documentário para a Globoplay. Alguns trabalhos de fotografia autoral à venda por contato via site <https://douglasloppes.wordpress.com/>

FELIPE BACELAR⁹

(@__LIPSBACELAR)



Felipe Bacelar, cria de Morro Agudo, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, mas atualmente morando na Rubens Vaz, uma das favelas que integram as 16 Comunidades da Maré. Trabalho com Arte e Educação, sou artista visual e atuante como mobilizador e articulador dentro do território da Maré pela Redes de Desenvolvimento da Maré.

⁹ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

GABRIEL AFFONSO

(@GAELAFFONSO)



Sou Gabriel Affonso, artista por natureza. Começo a pintar e desenhar muito pequeno em uma oficina de desenho e continuo ao longo da vida. Hoje coloco meu olhar de jovem, gay, mareense sobre meus trabalhos.

Desenvolvo também um trabalho de releitura, criando pinturas a partir de imagens de fotografos mareenses. Hoje trabalho em um restaurante para poder custear minha vida e minha arte, já que como artista independente e periférico não possuo qualquer tipo de ajuda financeira.

JEAN CARLOS AZUOS

(@XANCHARLO)



Jean Carlos Azuos (@xancharlo) é morador da Maré, jovem negro, doutorando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-RJ e atualmente é curador no Galpão Bela Maré, onde já foi coordenador em educação. Também é artista visual e curador independente. Seu processo de criação envolve pensar a periferia dentro de suas potências estéticas e vitais, decodificando afetos nas múltiplas territorialidades.

OSCAR RACK¹⁰

(@__LIPSBACELAR)

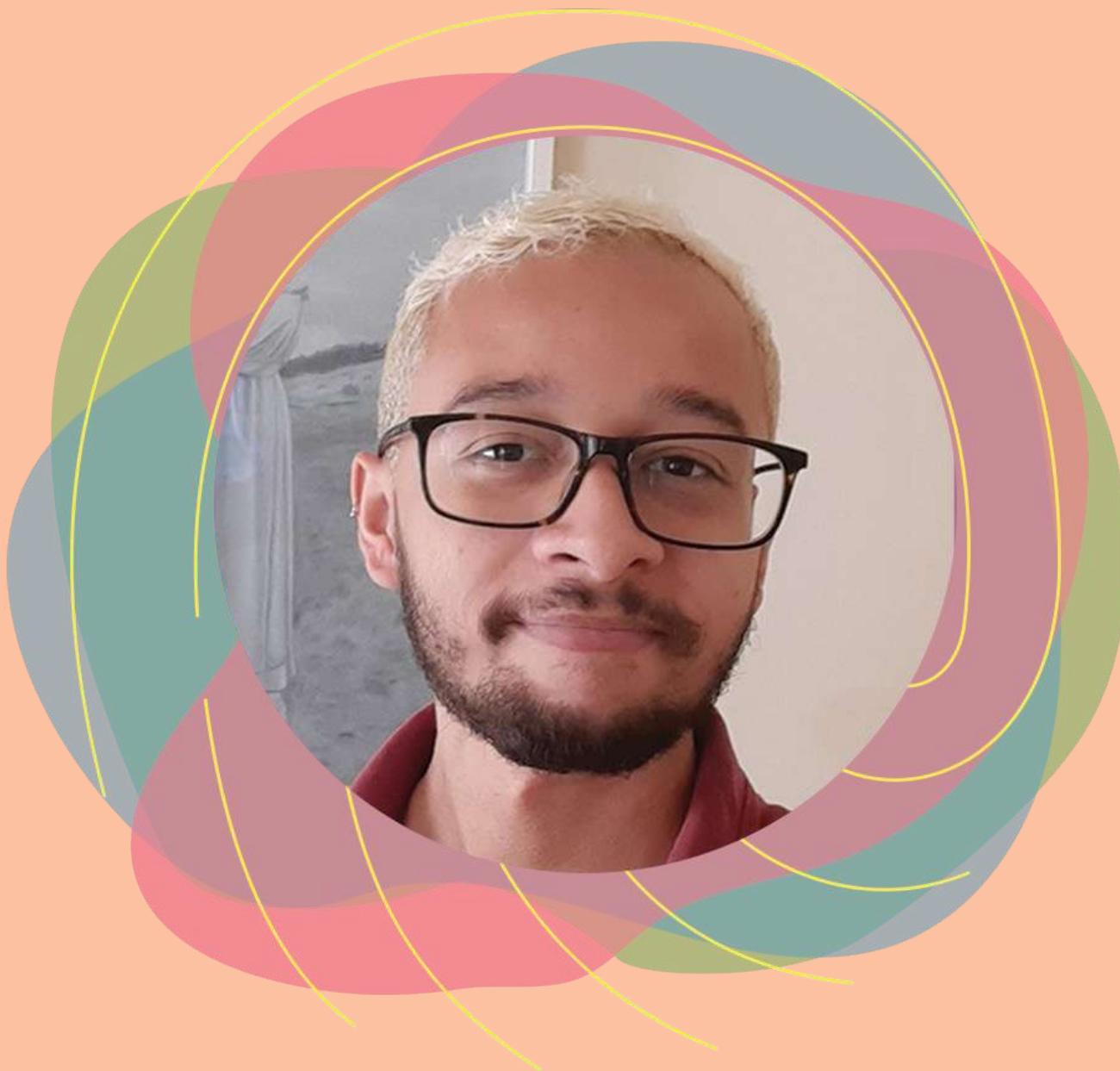


Artista plástico não institucionalizado com percepção e vivência urbana. Cria atenções em relação a caminhos e passagens da cidade. Seu trabalho fala por pequenos lugares esquecidos e degradados pela ação do tempo e do descaso.

¹⁰ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

PEDRO PEREIRA

(@PEDRO.P.ART)



Desde criança sempre busquei fazer cursos na Maré, principalmente de desenho, independente do tipo de desenho. Cheguei a frequentar a Redes da Maré e também o Instituto Vida Real, onde permaneci alguns anos como aluno, até que a partir de umas pontes criadas com outras pessoas e instituições, recebi uma bolsa de estudos num atelier de Pintura Realista em Copacabana, no qual estudei por mais de 10 anos e hoje me encontro como professor. Cheguei também a dar aulas no Vida Real durante uns dois anos. Foi quando percebi que além de ensinar desenho eu precisava mostrar que eles eram capazes de aprender algo.

RDOISÓ

(@RDOISO.AF)



Graffiteiro e Bboy desde 2007, integrante do grupo Atari Funkerz. Busco através da dança, pinturas na rua e em telas trazer a cultura Hip Hop como uma ferramenta com potencial transformador de vidas, mostrando a diversão e felicidade como verdadeiras identidades da favela.

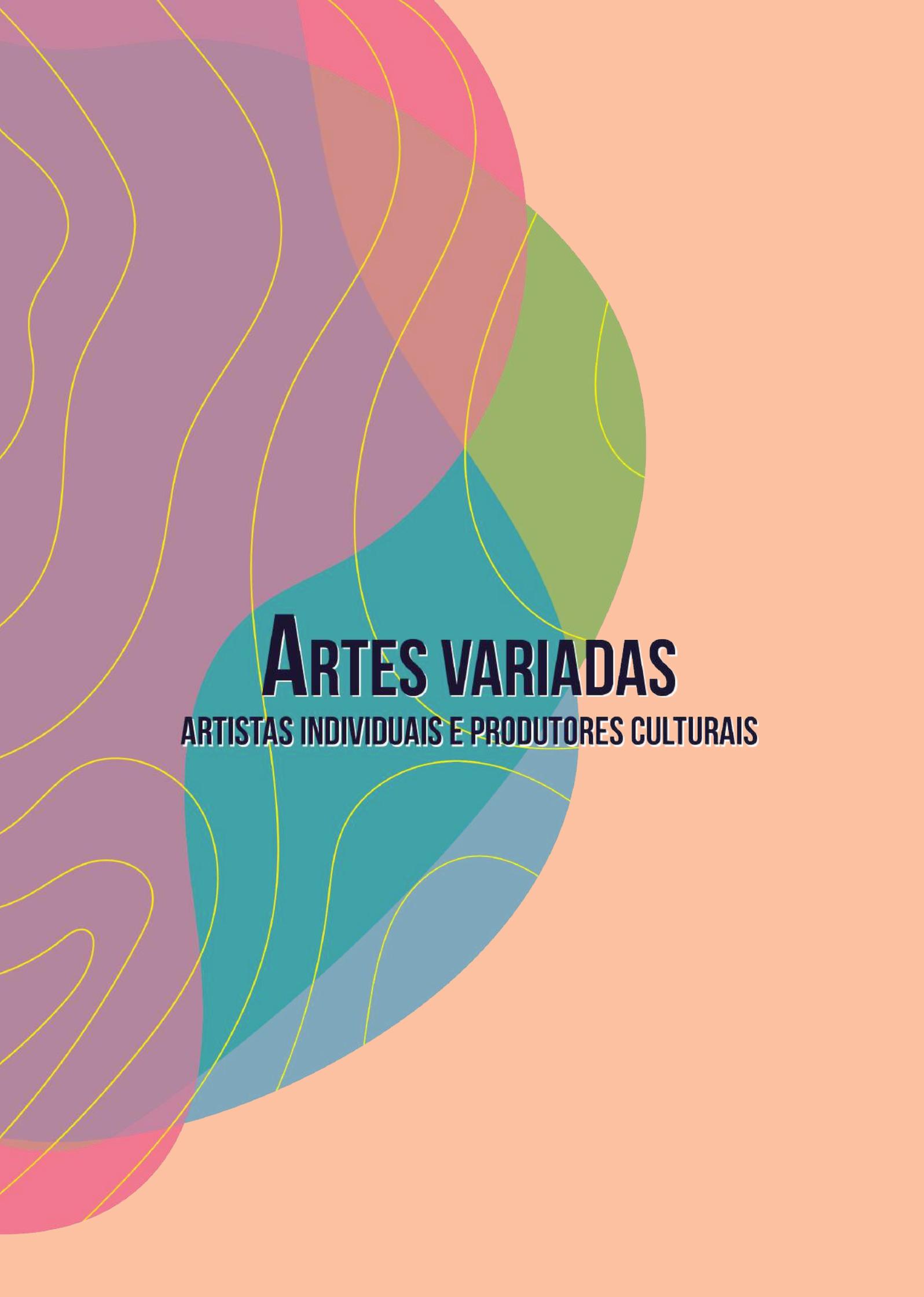
Ser artista na Maré é um grande privilégio por existir muita reflexão existencial que só pode ser encontrada dentro da favela. Temos a oportunidade de criar contrastes em vidas que realmente precisam de novas perspectivas. Existe muito potencial escondido nos moradores da Maré, e alcançamos essas vidas com cultura e arte, assim como eu fui alcançado.

TIAGO MALA

(@TIAGOMALA.93)



Desde a infância eu já desenhava na intenção de reproduzir personagens das histórias de desenhos animados, e HQs que eu gostava. Mas foi em 2005 que eu conheci as oficinas de graffiti na escola Bahia e fui aluno do graffiteiro Felipe Reis no PCP (Programa Criança Petrobras na Maré) por alguns anos. Tive meus primeiros trabalhos na rua no final de 2005 e continuei pintando desde então. Mas, paralelamente ao graffiti, eu também andava de skate e após alguns anos pude levar o graffiti para um outro público, formando minha própria oficina de graffiti, trabalhando com o C.S.M (Coletivo Skate Maré) no pontilhão da linha amarela. Atualmente continuo pintando na rua, mas também faço desenhos realistas a lápis em papel A3 e estou me aventurando na arte das ilustrações.

The background features a large, abstract graphic on the left side, composed of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, teal, green, and pink. Thin, wavy yellow lines are overlaid on these shapes, creating a sense of movement and depth. The right side of the image is a solid, light orange color.

ARTES VARIADAS

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

ANDRÉ SOUZA

(@ANDYSFANTASYLAND)



Ator, videomaker, fotógrafo e artista visual. Bacharelando em Estudos de Mídia na UFF. Atualmente faço parte da equipe de produção de conteúdo da banda Yuri e os Terráqueos e do corpo artístico do Grupo Ajayô, além de produzir e criar artes pessoais paralelas com foco nas minhas redes sociais. Meu processo artístico se deu bastante por vontade de criar e experimentar em áreas que eu gostaria de me expressar e trabalhar. Ser artista na Maré é abraçar as próprias vivências, entender as dificuldades do fazer artístico e de se conseguir projeção, mostrar que arte pode vir de, e estar em, lugares diferentes, de diversas maneiras, e que você não é menos artista por não ter qualificações ou experiências específicas, é ser você e demonstrar isso da sua forma.

ANDREZA JORGE¹¹

(@ANDREZAJORGE01)



É cria da Maré, artista e ativista com foco nos temas que interseccionam gênero, raça e território. Doutoranda em Estudos de Artes da Cena na UFRJ, Mestre em relações Étnico Raciais pelo CEFET/RJ, Licenciada em Dança pela UFRJ, Professora do Departamento de Arte Corporal-UFRJ, Co-fundadora do Mulheres ao Vento.

¹¹ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

BEATRIS BONATTI

(@NEVESBEATRIS)



MARÉ GRAFIA

CARTOGRAFIA DAS ARTES E ARTISTAS NA MARÉ

Sou cria da Maré e comecei na arte muito cedo. Tudo começou com uma brincadeira de cantar e minha paixão pela música cresceu, com o tempo descobri outro talento que era no Teatro, mas na época não recebi muito apoio da minha família por não ser um padrão “televisivo” e na época minha família era muito religiosa. Portanto, fui crescendo e o amor pelo teatro aumentou ao ponto da minha mãe me matricular no curso de Teatro O Tablado e pude performar minha primeira apresentação. Devido aos custos financeiros e pandemia não pude dar continuidade em 2020, mas atuo de forma independente procurando apresentações e atuando em pequenos papéis.

INÁ

(@ESPIRITUARTISTA)



Nasci no Parque União, mas me mudei daqui logo cedo. Nunca perdi o contato com o território, pois minha mãe era frequentadora desde antes mesmo d'eu nascer da 1ª Igreja Batista do Parque União, onde também desenvolvi algumas habilidades junto do grupo de coreografia, coral e orquestra. Comecei meus estudos em dança com oito anos no Projeto Luar de Dança, na Penha, relativamente perto do bairro onde eu residia. Depois de um hiato com a dança, voltei a dançar na igreja e só depois, em 2009, um amigo morador da Maré me apresentou ao Centro de Artes da Maré. Lá fiz aulas de dança contemporânea e dança de rua, antes de integrar a turma piloto do núcleo de formação intensiva em dança de 2012 a 2014. Paralelamente cursei audiovisual na Escola de Arte e Tecnologia Oi Kabum! e no segundo semestre de 2014 passei para o curso de dança na UFRJ. Interessante pontuar que a escrita sempre permeou esses fazeres e foi a primeira inclinação que tive, antes mesmo de manifestar interesse pela dança e pelo audiovisual. Em 2016 viajei para a Escócia com o NAIR - Núcleo de Arte Integrada do Rio para apresentar o espetáculo Antes Que Tudo Acabe dirigido por Renato Rocha, participei da gravação do episódio musical da Grande Família, integrei alguns grupos de pesquisa na universidade como bolsista, como o Projeto Corpo Estranho e o Laboratório de Arte e Educação. Participei da exposição Literatura Exposta em 2018 como performer, recentemente escrevi e atuei no podcast Becos uma parceria Redes da Maré e People's Palace Projects e apresentei de forma independente a peça cênica Terra de Bich0 na Ocupação Ovárias e no Festival Às Escuras. Recentemente também concluí a formação básica e edição em cinema na ABC - Cursos de Cinema editando os curtas Escape e Amélie.

Bom, para mim, ser artista negra na Maré é ser uma antena parabólica que capta sinais e os transmite. Pelo menos é a imagem que busco fazer jus. Ainda estou Tateando a melhor forma de disseminar boas mensagens com minhas propostas por aqui, afinal voltei pra cá recentemente, porém o dia-a-dia da comunidade me alimenta muito. As dificuldades são muitas, é preciso lutar o tempo todo com a fetichização no mercado da arte e com a aparentemente indiferença dos meus, não deixar isso me desmotivar, afinal incentivo primário eu nunca tive. Parte de mim o desejo de me manter onde estou e eu acredito que existir sensivelmente aqui dentro é necessário, é um trabalho de semeadura.

JOÃO PAULO RODRIGUES

(@JPS.RODRIGUES)



Começo a me interessar pelo teatro ainda na escola (Escola Bahia), fiz algumas peças na escola. Depois retornei ao teatro em 2015 , com 27 anos e não parei mais. Comecei com o espetáculo Prática de Montação estreando na Unirio. Em 2016 entro para o Grupo Atiro, participando do espetáculo “Vai” , no Projeto Agora sei o Chão que Piso com os espetáculos “Obedeça” e “Ant-Corpo”. No ano de 2019 entrou para Trupe De Lá Tag onde participei do espetáculo “Se Essa Praça Fosse Minha”. Sou Drag Caricata que tem o nome de Nádia Passiva, que faz performance com pegada de humor, debochada , humilde e bonita. Também trabalho com Produção Cultural, produzindo peças teatrais e festivais multilinguagem.

KAMYLA GALDEANO

(@KAMYLAGALDEANO)



Kamyla Galdeano, 25 anos. Moradora e cria da Nova Holanda, Maré. Trabalha como atriz no Grupo Atiro desde 2014, integrou o grupo Marear de teatro do oprimido e também participou como atriz no curta-metragem “BR3” dirigido por Bruno Ribeiro em 2017. Faz parte da equipe do projeto Favela Mona. Foi contemplada pelo edital Chamada Pública: novas formas de fazer arte, cultura e comunicação nas favelas realizada pela Redes da Maré, onde idealizou, compôs e atuou como intérprete/cantora no EP “Particularidade”, lançado em 2020

MATHEUS FRAZÃO

(@FRAZAOLUZ)



Iniciei minha trajetória no teatro na extinta Usina de Cidadania que acolheu muitos jovens da Maré e favelas do entorno. Esse percurso teve início em 2010. Foi meu primeiro contato com o teatro, dança e a música. Fiz cursos de teatro na ONG - Ecoa, eram cursos para atores iniciantes, depois passei para o CDA, Curso de Desenvolvimento do Ator.

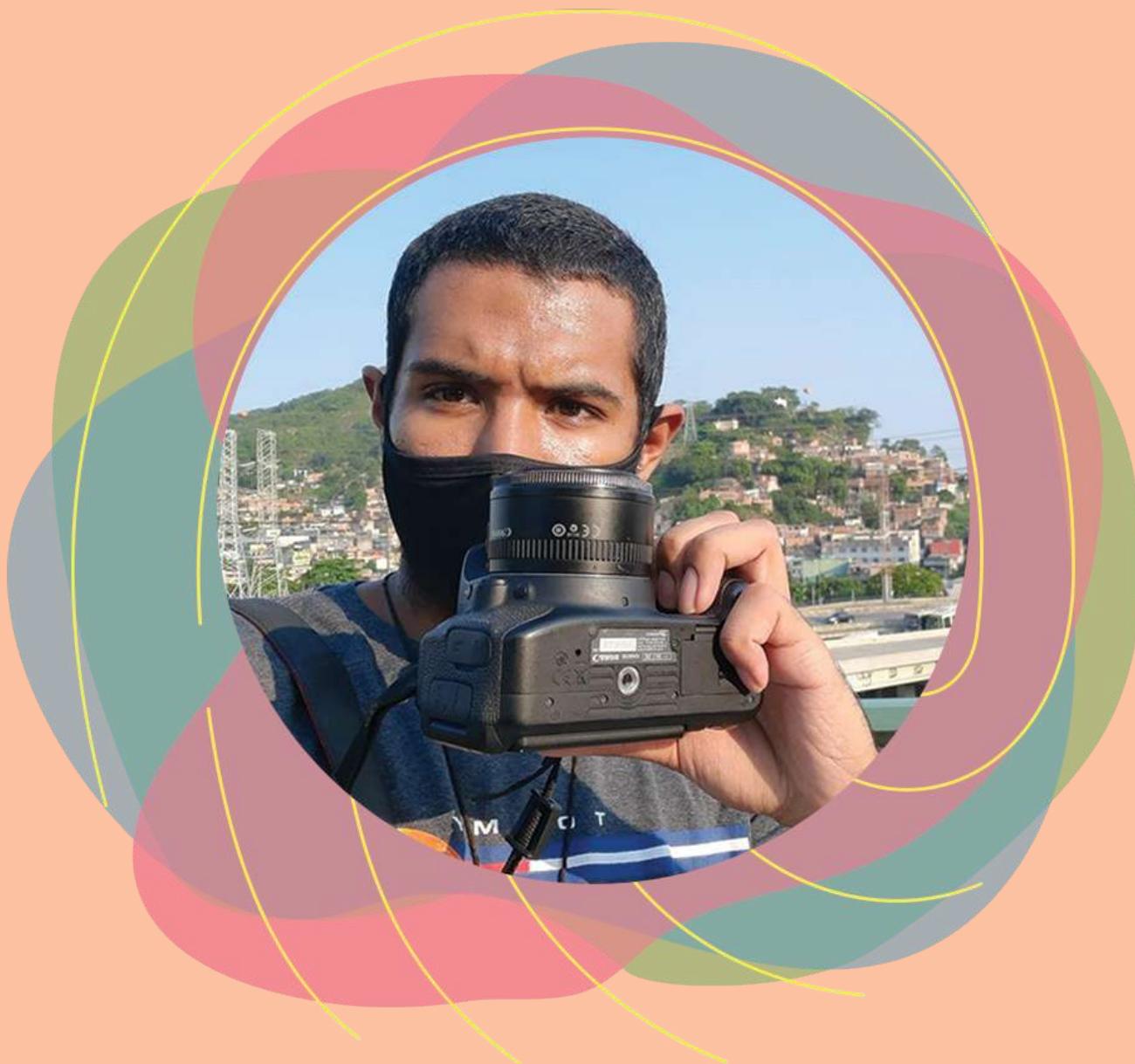
Nesse mesmo tempo, eu fazia parte do Entre Lugares Maré, um projeto de teatro de preservação de memória.

Em 2015 dou mais um passo, começo a integrar o grupo Maré de histórias, do Museu da Maré. Em 2016 entro para o curso de História da Arte na UERJ, fiz somente 4 períodos. Fiquei durante 1 ano e meio com a Cia Teatral Meraki, onde fiquei em cartaz com o espetáculo: Exu - Luz no Caminho. Em 2018 começo a graduação em Licenciatura em Teatro na UNIRIO e conseqüentemente entro para o projeto de extensão Teatro em Comunidades, realizado no Centro de Artes da Maré. Neste meu processo enquanto artista, fiz algumas performances e também sou aspirante a escritor.

A Maré é meu palco! É aqui que desenvolvo a minha arte e me aproximo dos meus. Ser artista negro na maré é beleza, é prazeroso, tem troca, o foda é lá fora... O teatro ainda é muito elitista, por isso ter produções aqui e o fortalecimento com artistas daqui é de suma importância.

VINÍCIUS RIBEIRO

(@VINICIUSNRIBEIRO)



Vinícius Ribeiro é fotógrafo e cineasta, morador da Baixa do Sapateiro, favela do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. É membro do coletivo @Fotoguerrilha. É estudante de jornalismo na Unicarioca, pelo Prouni. Desde 2015 acompanha movimentos sociais, ocupações e manifestações, trabalhando a partir da comunicação popular, do vídeo e fotografia documental. Em 2020 foi selecionado pelo projeto Novas formas de fazer arte e cultura da Redes da Maré, com um projeto fotográfico em andamento sobre os entregadores de delivery de bicicleta durante a pandemia e suas movimentações político-sociais, como o Breque dos Apps. O mesmo projeto se desdobrou como um minidocumentário para o Observatório de Favelas a partir da chamada Novos olhares sobre o agora.



CINEMA

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

BHEGA¹²

(@BHEGASILVA)



Meu nome é Lindenberg Cícero da Silva, tenho 62 anos e sou conhecido como Bhega. Nasci na Rua B, nº 45, na Praia de Ramos, com a ajuda de uma parteira. Meus pais vieram de Remígio, na Paraíba. Naquela época, as pessoas se ajudavam para “subirem” os barracos. Minha irmã mais velha conta que, em 1958, aconteceu um incêndio na Praia de Ramos e as pessoas perderam suas casas. Meu pai tinha uma birosquinha de madeira e o fogo lambeu tudo. Por causa disso, ganhamos uma das casas feitas pelo governo, na obra do Parque Proletário, se não me engano. Os barracos foram construídos em vilas com ruas de A a Z e tinham piso de madeira. Crescemos ali.

Anos depois, passei a coletar óleo de cozinha, que seria descartado pelos moradores, para reciclagem. A coleta continuou mesmo depois de minha mudança para o Parque União, e em 2013, o dinheiro arrecadado com a reciclagem possibilitou a criação do projeto social que faz brilhar os olhos de crianças nos becos da Maré: um cinema itinerante chamado Cineminha no Beco.

¹² Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.



COMUNICAÇÃO EM AUDIOVISUAL

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

AMANDA BARONI

(@AMANDABARONI_)



A artista é membro da cultura Hip Hop, desde 2007, onde iniciou como dançarina de Breaking (B.Girl). Competiu representando o Rio de Janeiro nos eventos pelo Brasil afora. Alguns desses eventos são o Master Crews, em São Paulo, o Circle Princz em Minas Gerais, e Red Bull Bc One no Rio de Janeiro. Participou também de eventos internacionais: Sudaka, El Bosque City Battle By Roses, no Chile.

É estudante de jornalismo pela Unicarioca e de cinema na Escola Darcy Ribeiro. Também é profissional do audiovisual, comunicadora, fotógrafa, escritora e produtora cultural, tendo em sua formação locais como a Escola Popular de Fotógrafos, do Observatório de Favelas e o projeto Nave Lab Criativo, na Nave do Conhecimento Santiago de Andrade.

Faz parte do grupo de Breaking Gbcr e Ativa Breakers, e é membro do coletivo independente Maré Skills, formado por jovens dançarinos e artistas do Complexo da Maré, no qual é co-fundadora. Como membro do coletivo, idealiza e constrói projetos ligados a oficinas, competições, encontros e intercâmbios com Hip Hop.

Atualmente possui o Blog Hip Hop Docs, voltado para o público do Breaking brasileiro e é responsável pela criação do Guia Antiassédio no Breaking, feito em coletivo com a Rede de Bgirls do Brasil.

ANA HELENA PISPONELLY

(@PISPONELLY)



Em 2016 fiz um vídeo que acabou viralizando chamado “Marilene não se Mete” e desde então ganhei milhares de visualizações, seguidores. Logo em seguida desativei minhas redes sociais mesmo ganhando muitos seguidores e pessoas gostando do meu vídeos. Recebi muitas ofensas, pessoas racistas falando da minha aparência.

Logo no início de 2017 fiz um outro vídeo falando que eu era próspera e o vídeo também viralizou, depois disso resolvi continuar com os vídeos. Não posto com tanta frequência por conta do dia a dia, mas hoje tenho um público fiel graças a Deus.



CULTURA DIGITAL

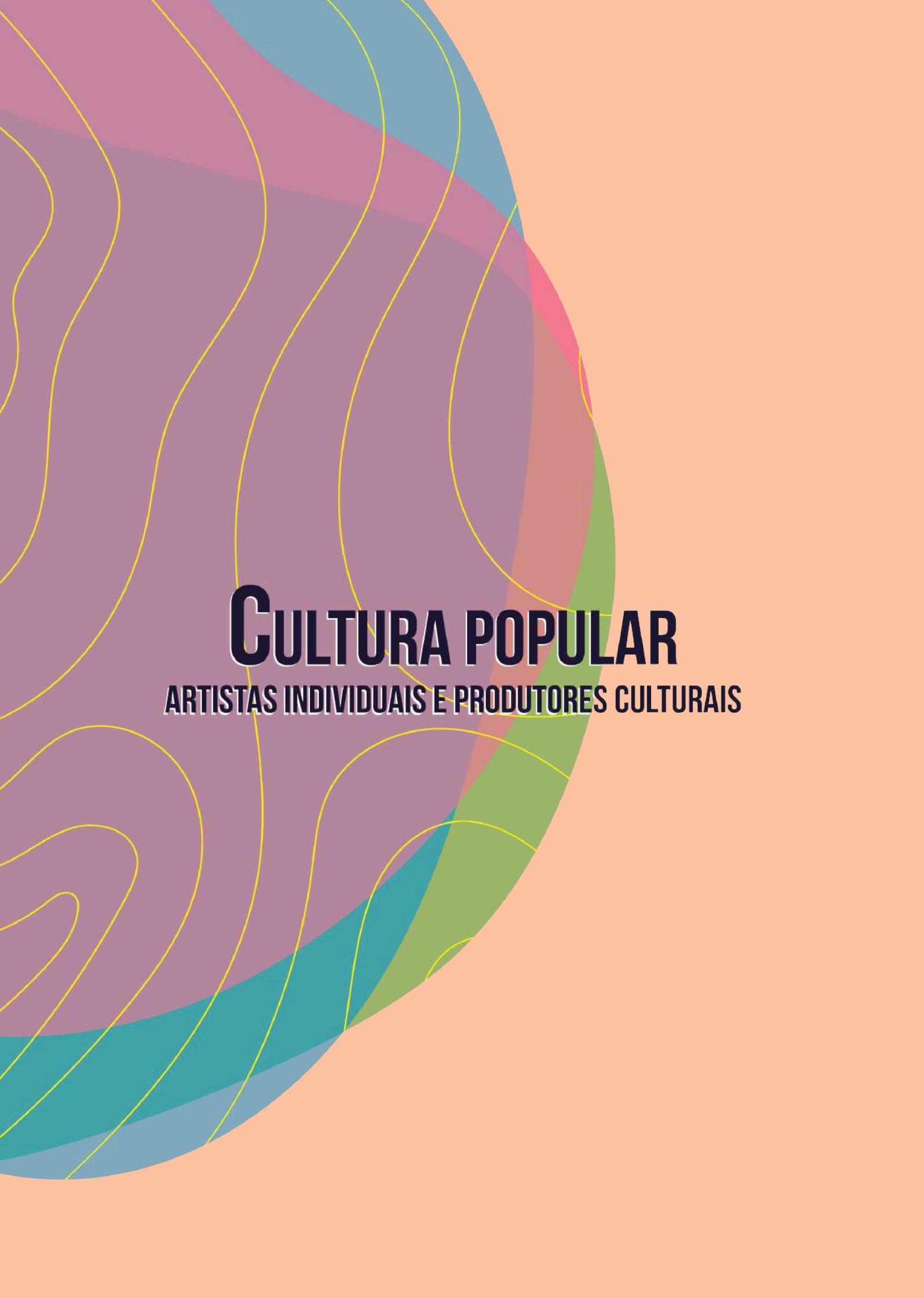
ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

JONATAN PEIXOTO

(@JONATA913)



Sou Jonatan Peixoto, tenho 20 anos, atualmente sou estudante de Ciências Sociais da UERJ. Quando pequeno sempre participei de projetos culturais na escola, ONG's e igrejas, aqui na Maré, como teatro, dança, música, fotografia, informática e outros. Na adolescência com alguns amigos começamos a desenvolver uma página no Facebook (Animangá) de Otakus. Foi a primeira experiência com conteúdos na internet, atualmente uso as redes sociais como divulgação de notícias da atualidade, seja política, economia e até mesmo religião e outros. Recentemente, junto a Chamada Pública Novas Formas de fazer arte, cultura e comunicação nas favelas, da Redes da Maré, produzi um podcast com alguns vizinhos, sobre a vivência deles na pandemia, pretendendo junto a coletivos aqui na Maré a elaborar mais episódios. Produzir um podcast entre os meus vizinhos, me deixou mais próximo deles, também, a falta de assistência que temos aqui na comunidade, o poder público pouco trabalha em nosso território favelado, pouco se importa pelos nossos corpos pretos, pobres e favelados.



CULTURA POPULAR

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

LUCAS BUDA CAPOEIRA

(@LUCAS.CAPOEIRA)



Lucas Buda Capoeira iniciou sua trajetória em projetos sociais no Complexo da Maré. Fruto da escola pública, fez faculdade de Educação Física na UFRJ e pós graduação em relações étnico raciais no Colégio Pedro II. Atuante na rede privada de ensino, especialista em Capoeira infantil, Capoeira para pessoas com deficiência e formação de Professores em Capoeira Inclusiva. Pesquisador da cultura popular e fundador do projeto Maré de Capoeira.

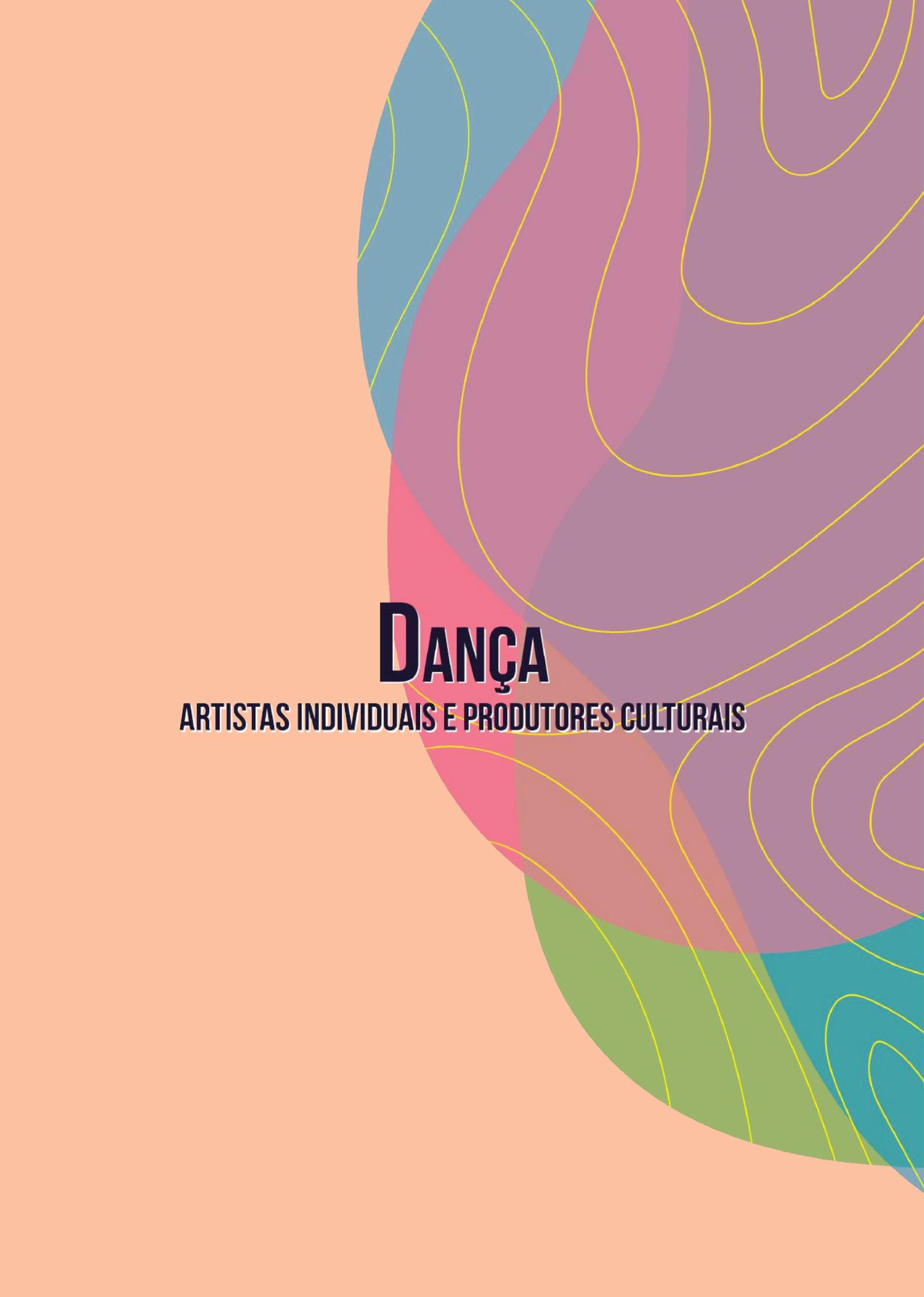
MESTRE MANOEL ¹³

(@MESTRE_MANOEL)



Emanoel Lopes, também conhecido como Mestre Manoel pratica capoeira angola desde 1975. Desde 1981 é professor de capoeira. Em 1989 começou a trabalhar como arte-educador em vários projetos sociais direcionados a crianças em situação de vulnerabilidade em ações como “Se essa rua fosse minha”. Trabalhou durante seis anos como educador no Programa Criança Petrobras. Durante este tempo, desenvolveu um conceito pedagógico visando a conscientização sócio-cultural das crianças e dos adolescentes.

¹³ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

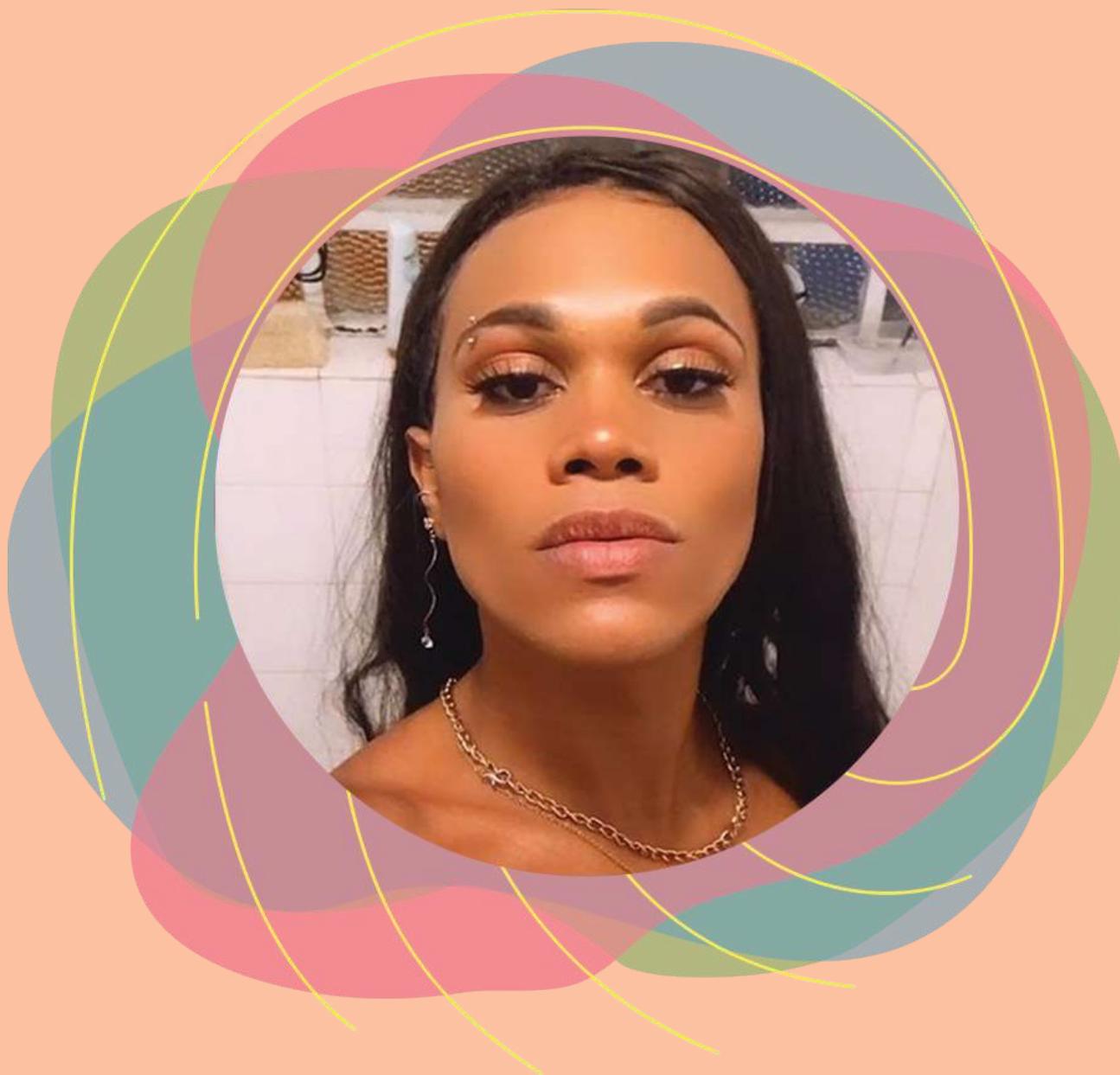


DANÇA

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

BRAINER LUA

(@BRAINERLUA)



Me chamo Brainer Lua, tenho 24 anos. Sou do território do Complexo da Maré, mulher trans e estudante da UFRJ em teoria da dança. Macumbeira e pesquisadora da cultura ballroom.

CODAZZI¹⁴

(@CODAZZI_IDD)



Juliana Barreto, conhecida como Codazzi IDD (DRT n° 0054783), é dançarina de passinho há 4 anos, integrante da primeira família de Passinho da história, os Imperadores da Dança.

Participou em videoclipes de artistas da cena do funk e do rap como: “Vai Malandra” de Anita “Pegado” de Batzninja e Rigeo, entre outros.

Apresentou-se no Rock in Rio 2019 no palco favela e participou do comercial coleção de inverno 18 Adidas/Farm.

Integra o elenco do espetáculo This Is Passinho. Campeã do quadro dança de grupo no Faustão, juntamente com seu grupo os Imperadores da dança no ano de 2019.

¹⁴ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

JENIFFER RODRIGUES

(@JENIFFER.SOLOS)



Comecei a dançar na vila Olímpica da Maré. Passei por algumas escolas de formação em dança fora da Maré. Hoje sou formada em dança pelo Centro de Artes da Maré e pela UFRJ. Intérprete e criadora atuante em cias de dança contemporânea. Atuo na Maré como educadora em dança no projeto CADI.

MARCOS APRIGIO

(@MR.APRIGIO)



Professor, bailarino, coreógrafo e dance designer de danças urbanas especializado em hip hop. Dublê de ação, ator e diretor audiovisual. Sou especialista em ajudar as pessoas a elevarem seus potenciais criativos através da arte.

MAYRA LIMA¹⁵

(@MAYIDD)

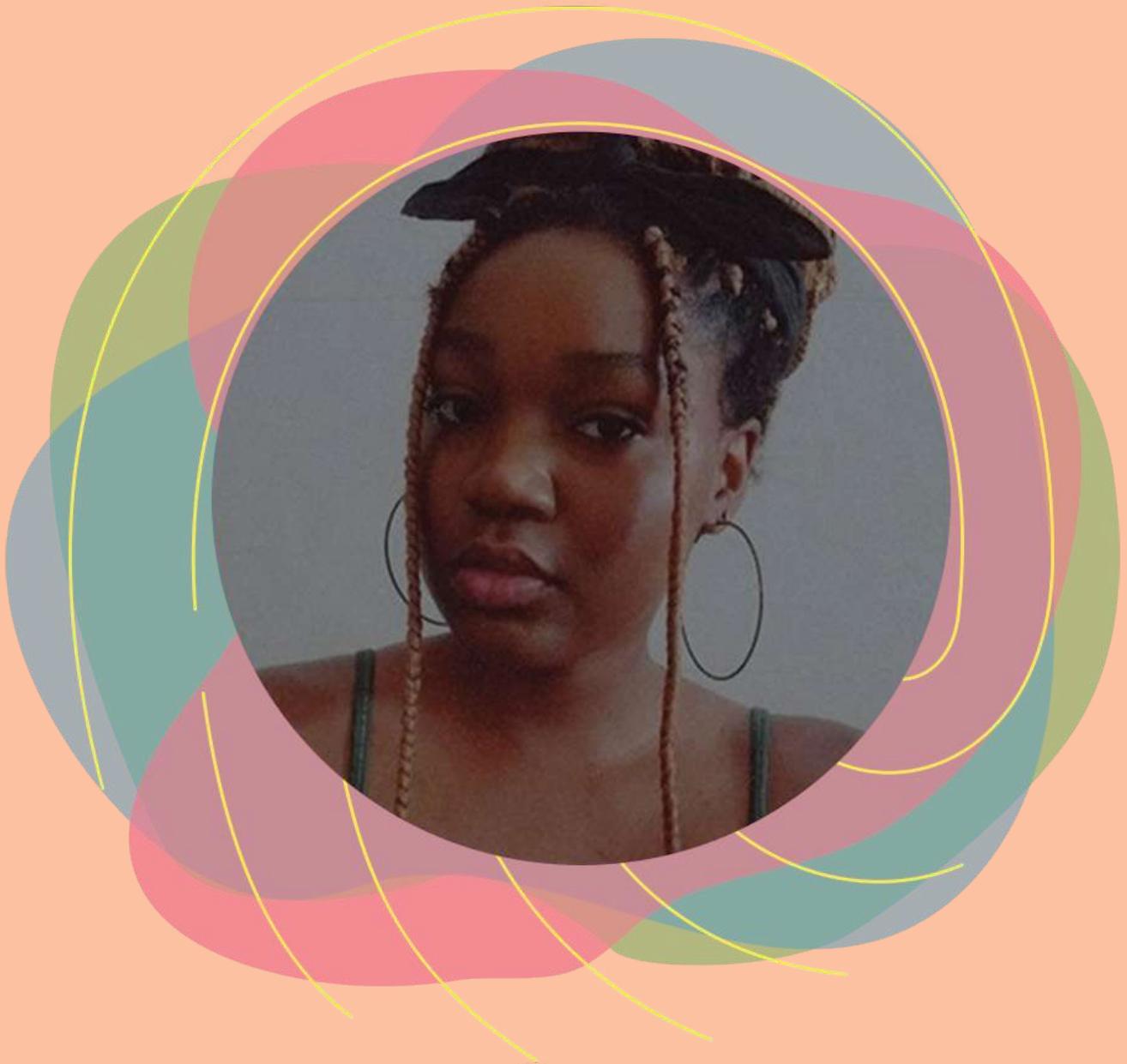


Dançarina de passinho (gênero funk) Afro house, Afro dance, coreógrafa e professora de dança. Graduanda de psicologia no sétimo período. Modelo fotográfica independente.

¹⁵ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

NESSA AZEVEDO¹⁶

(@MAYIDD)



Me chamo Nessa Azevedo e sou moradora do complexo da Maré. Artisticamente fui aluna no Entre Lugares Maré de 2012 a 2018, onde participei de alguns espetáculos e festivais de cenas. Também conquistei o prêmio de melhor atriz, desenvolvi vários talentos, habilidades e principalmente fiz uma das coisas que mais amo fazer, teatro. Desde então até o momento atual sou dançarina. Participo das aulas de dança contemporânea que fazem parte do projeto Núcleo de Formação em Dança, mais conhecido como Núcleo 2, que fica localizado no Centro de Artes da Maré.

¹⁶ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

RICARDO XAVIER

(@RRRICARDOXAVIER)



Sou Ricardo Xavier mas sou conhecido como Rick , tenho 25 anos, sou cria e morador da favela da Maré. Sou intérprete, criador, coreógrafo, ator, performer, professor, produtor cultural e pesquisador. Atualmente sou bailarino da Lia Rodrigues Cia de danças. Sou formado pela Escola Livre de dança da Maré e graduando em licenciatura em dança na Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ.

Sou idealizador e diretor do Coletivo Papo de Laje que atua com a pauta do território da favela e os corpos pretos e favelados. Sou Ativista e Militante pelos direitos e acessos dos corpos negros, favelados e LGBTQIA+. Sou um verdadeiro cigano na Maré, Já morei na Vila dos Pinheiros , já morei na Vila do João , já morei no Morro do Timbau , já morei na Nova Holanda , no Parque União e atualmente sou habitante do Conjunto Rubens Vaz . Não comecei muito novo com a dança e muito menos com a arte , fui ter meu primeiro contato com dança como carreira e profissão aos meus 10 anos através de um grupo de Ballet Clássico no exercício brasileiro da ilha do bom Jesus na ilha do fundão.

Depois fiz aulas de passinho e dança criativa na escola como grade extra. Minha primeira viagem com

dança foi para o México com um professor de dança da rede pública de ensino. Trabalhei como estagiário e bailarino em minha primeira cia de dança que se chamava Cia Segmentos que ensaiava no Museu da Maré. Fui estagiário na FAPERJ para pesquisa territorial com o Museu da Maré , fui aluno da Escola Livre da Dança da Maré no Centro de Artes da Maré.

Fiz alguns intercâmbios e apresentações no Brasil e no exterior. Sou atualmente aluno concluinte do curso de licenciatura em dança , tenho dois Dogs Guto e Hulk que são minha vida. Eu acredito que iniciei minha trajetória na arte , na dança , quando entendi que eu queria aquilo pra mim. Fui fazendo e conquistando coisas que me ajudaram a ser a pessoa, artista, e o ser humano que sou hoje.

Pra mim meu lugar no mundo é muito importante , somos uma rede que vai se tecendo e a cada dia podemos ter mais pessoas nessa luta , se eu me calo , se você se cala , vamos permanecer no mesmo erro e repetir o passado no nosso presente/futuro. Uso da dança , da arte para entrar na raiz do problema social na desigualdade , nos preconceitos , enfim. Ser um artista negro , gay e favelado não é fácil mas eu não entra na onda dessa dificuldade e surfo no que posso fazer para ajudar com o meu lugar de fala, dentro da minha casa e no mundo.

SUELLEM CARVALHO¹⁷

(@SUUH_ELIS)



Me chamo Suelem Carvalho de Castro, tenho 22 anos e sou moradora do Complexo da Maré. Desde muito menina tenho um amor pela dança. Dançar pra mim é uma terapia, uma válvula de escape de todo esse caos que às vezes é a vida.

Comecei a dançar “profissionalmente” em uma igreja dentro da UFRJ. Lá eu fazia somente aulas de ballet para iniciantes, fiquei lá por uns meses. No decorrer do tempo em uma das aulas conheci um menino que frequentava o Centro de Artes da Maré, ele me falou das aulas que aconteciam por lá. Como uma boa fominha por aulas logo fui me informar de como as coisas aconteciam neste local. De início não consegui participar das aulas pois não tinha mais vagas. De tanto insistir consegui me inscrever nas aulas do núcleo 1 (que são aulas abertas aos moradores). Fazendo parte do CAM ouvi falar de uma audição que aconteceria para formar um novo grupo de jovens que tinham interesse em uma formação em dança, que é o famoso núcleo 2. Fiz audição e pra minha surpresa eu passei e comecei a me especializar em ballet clássico, dança contemporânea, aulas de música e inglês.

Dentro do núcleo conheci uma menina que faz parte de um grupo cover de K-pop formado apenas por mulheres que dançam majoritariamente coreografias masculinas. Óbvio que fiz audição pois esse novo estilo de dança era desafiador pra mim e eu queria muito dominar outras vertentes da dança. Passei e hoje sou umas das integrantes do grupo Jjang b.

¹⁷ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.



FOTOGRAFIA

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

AF RODRIGUES¹⁸

(@AF_RODRIGUES)



AF Rodrigues, morador da Maré, é músico e fotógrafo. Trabalhou como fotógrafo da Prefeitura na Coordenadoria Especial de Comunicação da Cidade do Rio de Janeiro e participou de exposições no Brasil, América do Norte e na Europa. Suas fotos retratam a realidade dos moradores de favelas dentre outros espaços periféricos buscando a quebra dos estereótipos e a ressignificação do imaginário de favelas. Foi formado pela Escola de Fotógrafos Populares em 2006. Como músico/compositor, participa de dois projetos, o Marecomjah e o outro chamado Junita. Estudou Ciências Agrícolas na UFRRJ e Geografia na UFF.

¹⁸ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

ELISÂNGELA LEITE¹⁹

(@AF_RODRIGUES)



Elisângela Leite, mulher negra e nordestina moradora da Maré, é fotógrafa formada pela Escola de Fotógrafos Populares em 2007. Foi fotógrafa do Jornal Maré de Notícias. Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual UERJ. Participou em muitas exposições pelo Brasil e Exterior que estão ligadas aos temas de violação dos direitos humanos. Nos seus trabalhos, ela esboça uma imagem da sociedade brasileira e dos aspectos da vida que atingem os diversos grupos sociais.

¹⁹ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

JONAS WILLAME

(@TVILLAME_)



Nasci no Ceará e vim morar na Maré aos 11 anos. Assim que cheguei entrei no Mão na Lata, onde tive aulas de fotografia e literatura. Depois me tornei professor de fotografia artesanal para crianças. Particpei da ECOM e dos Crias, projetos da Redes da Maré. Com os Crias idealizei em 2018 um projeto de resgate de memórias. Sempre gostei de fotografar o lúdico, me perco facilmente em uma foto de borrão.

JUCEMAR

(@JUCEM.AF)



Tenho 37 anos. Minha iniciação ao meio cultural foi possível a partir de 2007 numa oportunidade na Escola de Fotógrafos Populares no Observatório de Favelas. Após essa experiência maravilhosa e absorvendo o conhecimento repassado por tantos mestres que por lá passaram, consegui me desvencilhar do padrão preto de favela que vive só para absorver informação lapidada, e através de algumas oportunidades pude participar de manifestações culturais através do audiovisual em diversas parcerias comunitárias.

KAMILA CAMILLO

(@PHOTOKAMILAA)



Kamila Camillo é moradora da Maré e começou a fotografar eventos na Igreja a partir dos 14 anos, quando registrava eventos católicos. Desde então, muitos processos atravessam sua trajetória, mas nunca parou de fotografar. Formada em psicologia, frequentou também a Escola Popular de Comunicação Crítica – ESPOCC/Observatório de Favelas, a escola de Cinema Olhares da Maré/ Redes da Maré e participou de projetos do coletivo de fotografia Imagens do Povo. Sempre gostou de fotografar a Maré. Em 2018, fez uma série de fotografias de casais LGBTQIA+. Fez também em homenagem ao mês das crianças a série “Crias do Tijolinho”. Participa do projeto Mulheres Gordas de Favelas, que nasce a partir de um olhar crítico perante estereótipos e estigmas sociais. O objetivo principal desse projeto é o empoderamento e autoestima de corpos femininos gordos e favelados através do registro dos seus cotidianos através da fotografia. Em 2020 participou das coletivas Elã e Candongas.

MARCELO WANCE

(@MARCELO_WANCE)



Então... Há quase 8 anos, fui demitido da empresa onde trabalhava e a partir disso, comprei minha primeira câmera, usada, para hobby. Sempre sonhei em ter uma, rs. Até que surgiu a oportunidade de cobrir minha primeira festa infantil, e a partir dela, fui seguindo minha trajetória.

Hoje, sou fotógrafo de shows e eventos sociais (atualmente sou fotógrafo do Imaginasamba, e ex, Ta Na Mente, Pocah) . Quanto a ser um artista negro na Maré é o seguinte: A luta é diária, e muita! Para conquistar seu espaço tem que suar, e isso independe de cor, credo, orientação. Pra você buscar reconhecimento lá de fora, morando na Maré, a superação é constante, até nas pequenas coisas mesmo. Internet que não é tão boa, quedas de luz, são bons exemplos do que eu passo e tenho que superar.

E assim, cada vitória nossa, é muito comemorada, porque mesmo com as dificuldades que temos no dia a dia, mostramos que aqui dentro, existe muita gente capacitada, basta ter chance e foco.

MARINHO

(@COMMARINHO)



Nascido e criado na Zona Norte do Rio de Janeiro, especificamente no Complexo de favelas da Maré, tem vinte e dois anos de idade e desenvolveu por conta própria desde a adolescência o hábito de fotografar. Formado em fotografia na Escola de Cinema Olhares da Maré (ECOM) / Redes da Maré, e como foto jornalista pela Agência Narra – Projeto do Observatório de Favelas. Seu olhar é influenciado pelas favelas do Estado do Rio de Janeiro e começou a tomar corpo em 2017 quando terminou o ensino médio e começou a atuar pelo Ponte de Jornalismo, plataforma online de pautas jornalísticas freelancer. Atualmente faz parte da equipe de fotógrafos do Imagens do Povo, no Observatório de Favelas, localizado no Complexo de Favelas da Maré, atuando na Frente Maré na pandemia atual do Brasil.



FUNK

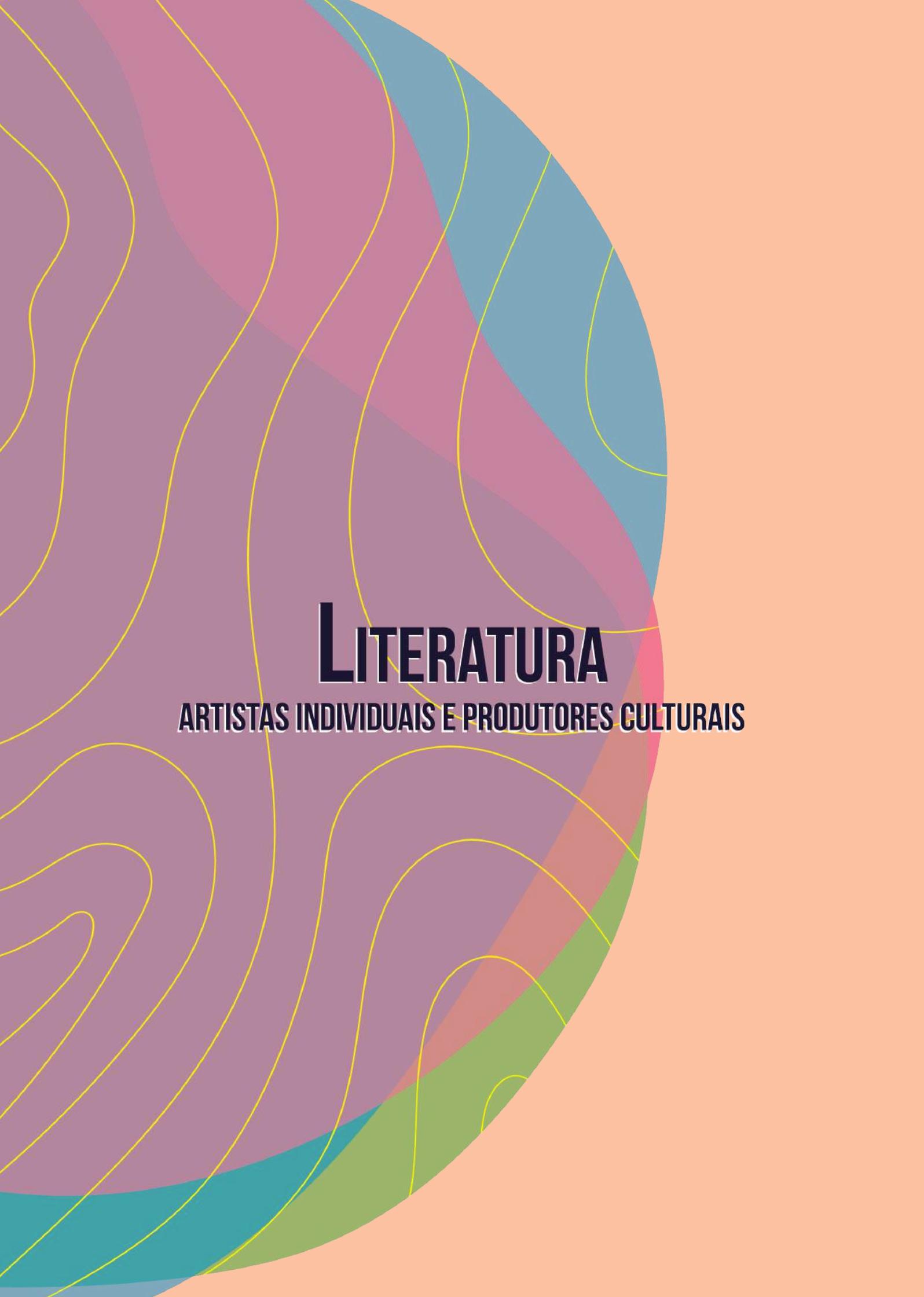
ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

DJ RENAN VALLE

(@DJRENANVALLE)



Residente no Rio de Janeiro - Complexo da Maré, Renan Valle é Deejay / compositor, produtor musical e produtor cultural. Tocando como DJ nas comunidades do Rio de Janeiro desde seus 13 anos de idade. Influenciado por diversos gêneros musicais, Funk 150bpm, Funk Consciente, Favela Trap, Hip Hop, Afrobeat - sua música pode ser reduzida como uma bela mistura de Funk, Trap, Forro, Axé e R&B. Diferenças sociais e culturais que perturbaram sua vida como a Criminalização do Funk um gênero, raiz (afro), que vive sofrendo perseguições por sair dentro das comunidades. Mas também moldaram quem ele é hoje! Cursando Produção Musical, naturalmente desenvolveu uma paixão por composição musical e produção musical. Estourando várias músicas nacionalmente aos 22 anos, o momento em que ele decidiu seguir a música. Sua música já foi tocada em várias rádios no Brasil. Além disso, foi criticado por muitos djs das antigas que não aceitavam o novo gênero, o grupo que iniciava o Funk 150bpm na maré. Renan Valle é um dos apoiadores do gênero, criado por Polyvox, gênero musical mais tocado em todas as favelas do Rio de Janeiro. Renan Valle tem estado ativo na cena do Ritmo Louco, realizando vários shows no Brasil.

The background features a large, abstract graphic on the left side, composed of overlapping semi-circular and curved shapes in shades of purple, blue, green, and pink. Thin, wavy yellow lines are overlaid on these shapes, creating a sense of movement and depth. The right side of the image is a solid, light orange color.

LITERATURA

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

MARCOS DINIZ

(@MARCOSDINIZFENIX)



Marcos Diniz se jogou no abismo desconhecido que era sua paixão: a escrita. E, amou onde foi parar. Desde então tem passeado por lugares incríveis e ainda espera viver muitas aventuras. Dentre muitos trabalhos, organizou algumas antologias: A Colônia Perdida de Roanoke, Os Anjos Estão Aqui, O Conselho dos Doze e Decididos: Uma Celebração Bissexual. E mais recentemente lançou seu livro solo, Insano Zodíaco.

MATH DE ARAUJO

(@MATHARAUJO_)



Sou nascido e criado na Rubens Vaz, moro na mesma casa desde que nasci. Desde que descobri a arte, a usei como rota de fuga do silenciamento. Entrei no mundo artístico através da música, como baterista. Mais velho, me aproximei da literatura feita oralmente, onde me interessei pela proximidade com a cultura hip-hop. Há 5 anos trabalho com a literatura, tendo participado de 3 antologias, publicado o Zine “A Reza” (2017) e o livro “Maré Cheia” (2018), ambos autorais. Também sou criador e um dos organizadores do Slam Maré Cheia.

MC MARTINA

(@MCMARTINA_)



Diretamente do Complexo do Alemão (RJ) a rapper, poeta e produtora MC Martina já vem deixando sua marca na cena cultural do país. Atualmente é moradora do Parque União, no Conjunto de Favelas da Maré. É idealizadora do Slam Laje, a primeira batalha de poesia falada do Complexo do Alemão, e um dos slams pioneiros a serem realizados dentro de uma favela no Estado do Rio de Janeiro.

RAINHA DO VERSO

(@RAINHADOVERSO)



Rainha do verso é o pseudônimo de Rejane Barcelos. Estudante de Letras pela UFRJ, Rejane é atriz com 27 anos de carreira, cenógrafa e adrecista formada pela FAETEC-EAT. Performer, escritora, poeta e slammer. Participou de uma antologia e alguns zines. Atualmente organiza o Slam Maré Cheia, compõe o coletivo SLAM DAS MINAS, e é moradora da Maré e na favela retira os elementos da construção de sua obra.

SARA ALVES

(SARA ALVES FALA POESIA)



MARÉ GRAFIA

CARTOGRAFIA DAS ARTES E ARTISTAS NA MARÉ

Sou moradora da Maré desde 1967, nascida e criada na Nova Holanda. Tornei-me educadora voluntária quando fui morar na Vila do João (1982) e desde 1986 trabalho na área sócioeducativa. Participei, ativamente, dos muitos movimentos sociais da Maré. Sou História Viva deste Território Favelístico. Pedagoga empresarial, servidora pública municipal, poeta e apaixonada pela Vida. Minha escrita surgiu, naturalmente, como mais um instrumento-voz que vive, observa, luta, aprende, trabalha, conquista direitos, declara seu amor pela Maré que muitas pessoas desconhecem. Filha de migrantes, um pai mineiro, o Seu Alair, e uma mãe baiana, a Dona Marina, minhas referências de solidariedades, coragens, afetos positivos e respeito às origens e às memórias.

TOM BRAGA

(@O.TOMBRAGA)



Nascido em Duque de Caxias, mas ainda criança me mudei para o Complexo da Maré. Residi em várias localidades aqui, hoje moro em Nova Holanda. Filho de uma empregada doméstica e um entregador de gás, pessoas que infelizmente não conseguiram nem concluir o ensino fundamental. Prestei o ENEM e entrei para a Universidade Federal para o curso de Biblioteconomia. Sou produtor cultural e escritor contemplado com o prêmio RespirArte da Funarte pelo meu primeiro livro infantil, Enzo e Valentina Pretos, sobre os gêmeos bochechudos enfrentando suas primeiras situações de racismo.

VITOR FELIX

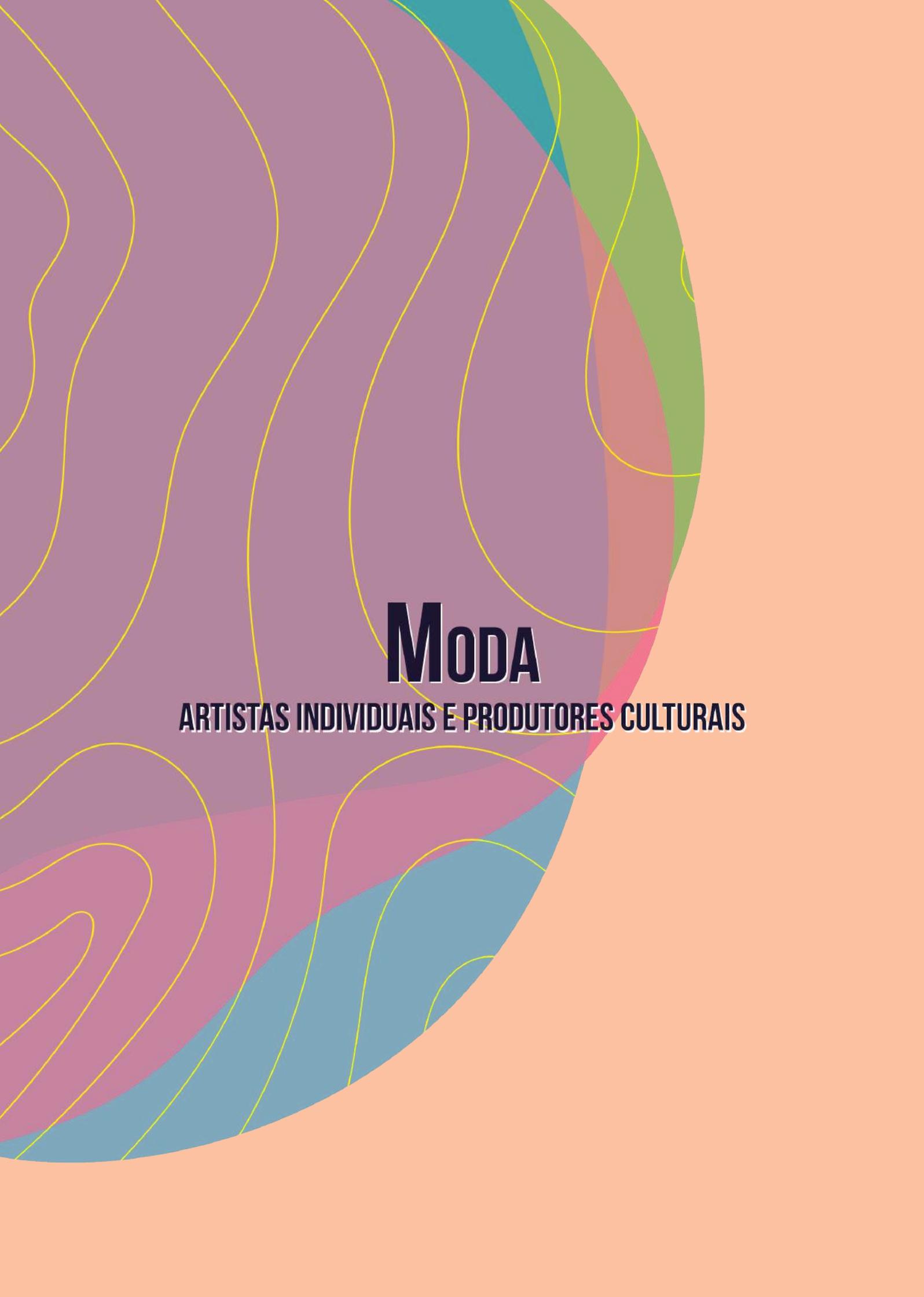
(@VITORRFELIX)



Minha trajetória como morador da Maré é dividida entre Baixa do Sapateiro, Parque Maré e Nova Holanda; sempre fui estimulado pelos meus avós a circular por esse bairro, visão de quem ajudou a formar esse lugar.

Como artista, já participei de oficinas de teatro, desenho e pintura na Maré e me descobri escritor a partir do prazer de ler e de querer contar histórias. Ao longo da adolescência fui criando consciência de que queria ter essas atividades como profissão, como forma de me expressar a partir desse território. Hoje misturo todas as formas de arte que já experimentei e escrevo textos que são falados, lidos, reclamados e transformados em pinturas também.

Ser artista na Maré é desafiador e prazeroso, ao mesmo tempo. O contador de histórias é alguém que observa tudo o que acontece ao seu redor, e na Maré o que não faltam são coisas acontecendo. O desafio é fazer com que a arte e o acesso a ela seja mais popularizado, para que os artistas não fiquem presos no seu próprio nicho, porque arte é feita para que o povo seja e esteja próximo a ela. Sem público, qualquer arte não alcança seu objetivo pleno de encantar e chegar até as pessoas.

The image features a large, abstract graphic on the left side, composed of overlapping, semi-transparent shapes in shades of purple, teal, green, and pink. Thin, wavy yellow lines are overlaid on these shapes, creating a sense of movement and depth. The background of the entire page is a solid, light orange color.

MODA

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

JHON

(@JHONGRESCO)



Olá, meu nome é Jonathan Monteiro, sou modelo independente há 3 anos. Fui agenciado a primeira vez em 2017 por uma agência que prometeu e não cumpriu, minha mãe investiu um valor alto na época. O tempo foi passando, fui fazendo ensaios fotográficos independentes com fotógrafos que também estavam começando, até que no ano passado eu me agenciei em um empresa de modelos no Centro do Rio, onde tive aulas de poses, comportamento profissional, fiz meu book e pela primeira vez participei de um teste para um filme, mas não fui selecionado. O contrato acabou e hoje meu foco é trabalhar formalmente e conseguir pagar minhas viagens para ensaios, book's etc. Mesmo sendo difícil o mercado de trabalho, mas estou resistindo.



MÚSICA

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

ANDERSON BARROS²⁰

(@ANDERSON.NL)



Anderson Barros, nascido e criado no Complexo da Maré, casado e pai de 3 lindas crianças. Foi do Projeto Criança Petrobras ainda no Ensino Fundamental quando aluno da Escola Municipal Bahia na oitava série. Logo após ingressou no projeto Corpo de Dança da Maré. Foi também pesquisador do projeto Musicultura. Como monitor, participou do projeto Orquestra de Flautas da Maré. No mesmo período ingressou no Grupo No Lance, onde permanece até hoje levando música e alegria para dentro e fora da Maré. Hoje em dia também atua como voluntário do projeto Nenhum a Menos.

²⁰ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

DIOGO NASCIMENTO²¹

(@DIOGO_ALGOZ)



Músico e produtor cultural, musical e editor de vídeo. Pesquisador no grupo de pesquisa e extensão chamado Musicultura, que desenvolve pesquisa em etnomusicologia no bairro Maré. O grupo é vinculado ao laboratório de etnomusicologia da UFRJ.

²¹ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

DJ VIAJANTE

(@DJVIAJANTE)



Sou DJ e produtor musical , residente do Baile da VJ e outros eventos que ocorrem na Maré.

GUI CORUJA

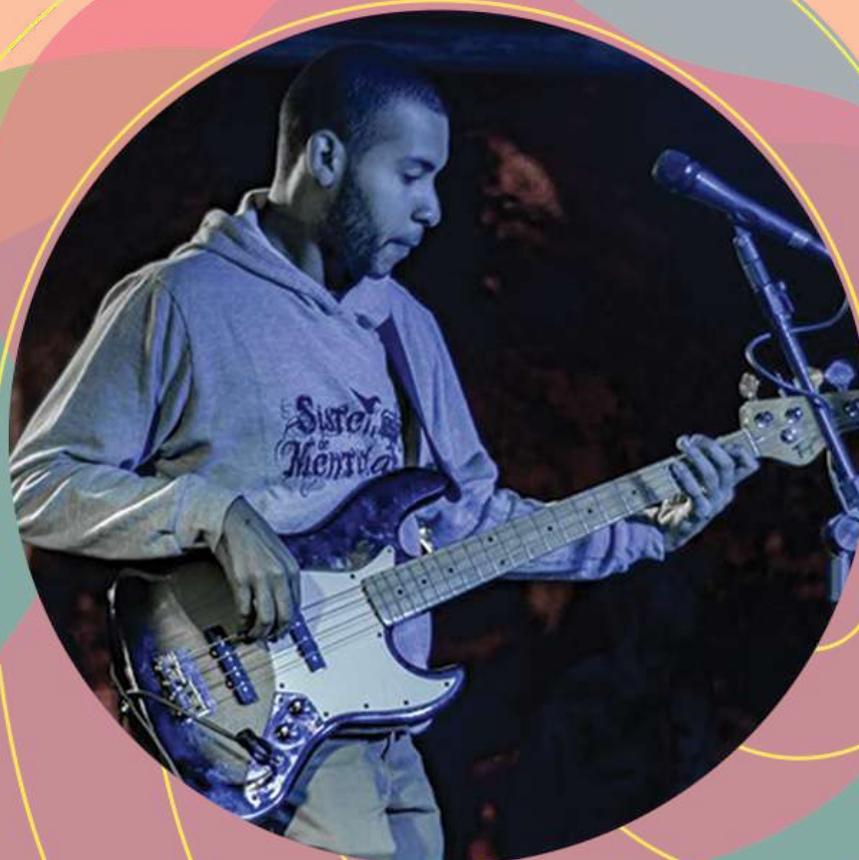
(@GUICORUJANOBEAT)



Gui coruja, MC, produtor/Beatmaker e criador da Black Owl Rec. Envolvido com música desde pequeno mas começou sua trajetória no Rap em 2015/2016 com eventos que exaltavam a cultura hip-hop visando dar visibilidade e oportunidades para novos artistas. Em 2018 após ter participado de diversos coletivos, ter trabalhado em alguns estúdios e por sentir vontade de falar mais sobre o lugar onde vive (Maré), criou a Black Owl Rec.

JONATHAN PANTA

(@JONATHAN_PANTA)



Compositor, cantor e multi instrumentista carioca. Trabalha acompanhando artistas e projetos profissionalmente há 5 anos. É instrumentista-integrante dos projetos/bandas Banda Gente, Victor Mus, Sarau da LiRa, BECOS (peça sonora) e outros, atuando como diretor musical, baixista, violonista, cantor e/ou poeta.

LESKILL

(@LESKILL27)



Nascido e criado na favela Nova Holanda, no Complexo de favelas da Maré, Leskill teve um turbilhão de sensações e sentimentos durante a infância. O mesmo define como incrível até os 10, ruim até os 12 e dos 13 em diante como um momento de descobrimento do mundo.

“Minha infância foi um mix de emoções. Eu vivi bem, sem entender nada até meus 10 anos. Daí pra frente descobri que os meus pais usavam cocaína, o que ocasionava uma série de problemas em casa. Quando fiz 13 anos, eu e minha mãe expulsamos meu pai de casa porque ele a agredia e foi quando eu deixei de ser criança, mas até meu 10 anos foi tudo lindo. Minha mãe nunca deixou faltar nada! Hoje em dia tenho uma relação saudável com ele. E eu nunca deixei minha infância morrer, vivo ela até hoje.”

Tendo sua mãe como maior influenciadora musical por gostar muito de samba e pagode. E vivendo o oposto disso ao ganhar as ruas da comunidade com o funk de conteúdo mais explícito até chegar ao estilo que executa hoje em dia, rap, trap, rnb. Nas referências musicais, Leskill cita Racionais, Planet Hemp, Mc Rodson, Mc Orelha, MV Bill entre

outros, como Bebeto, um dos grandes fomentadores do sub-gênero samba-rock nas décadas de 1970 e 1980. Aos 13, Leskill se aprofundou de vez no hip hop através de uma ONG na comunidade onde mora com aulas ministradas por Felipe Reis e Luck GBCR. E através do break, um dos principais elementos do hip hop visitou países como Bélgica, Áustria, França, Inglaterra, Alemanha, Holanda, Itália, Noruega, Japão, Chile, Hungria e Portugal em festivais. Em 2020, já como mc, Leskill lançou o videoclipe de “Boné da Lacoste”, que já tem data de lançamento para 18/02/2021. O vídeo, que já passava das 10.000 visualizações em aproximadamente 1 mês, foi lançado pelo canal do grupo do qual o Mc fazia parte e, por questões de incompatibilidade de ideias decidiu por se desvincular. Porém, o vídeo foi retirado do canal. Leskill conta que procura variar em suas letras que vão desde um amor clichê a um conteúdo mais explícito: “Gosto muito de retratar a realidade que eu vivo e respiro dentro da favela, enaltecer o poder das minas e de falar sobre o que vejo nas esquinas.” Esta versatilidade chamou a atenção do selo norte-americano On-Retainer, que passou a agenciar o artista no final de 2020.

²² Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

MARCOS CARVALHO

(@SOUPRETAQUEENBRULL)



Sou Marcos, tenho 21 anos, comecei minha carreira na arte em 2017, quando entrei pro teatro e me encontrei como artista. Isso abriu minha cabeça pro mundo, reconheci quem sou eu para o mundo, e foi no teatro que eu criei minha Drag Queen chamada Preta Queen B Rull.

Hoje sou Drag, cantor de funk e ator. Carrego comigo a importancia de ser um corpo negro, gay e favelado na Maré e me orgulho de fazer a arte Drag, de representar as Entidades drags, transformistas das decadas de 80 e 90. Quando faço show na favela, meu corpo vibra e me mostra que aqui é meu lugar e que devo mostrar quem eu sou pro mundo inteiro.

MC JESSI

(@MCJESSIREAL)

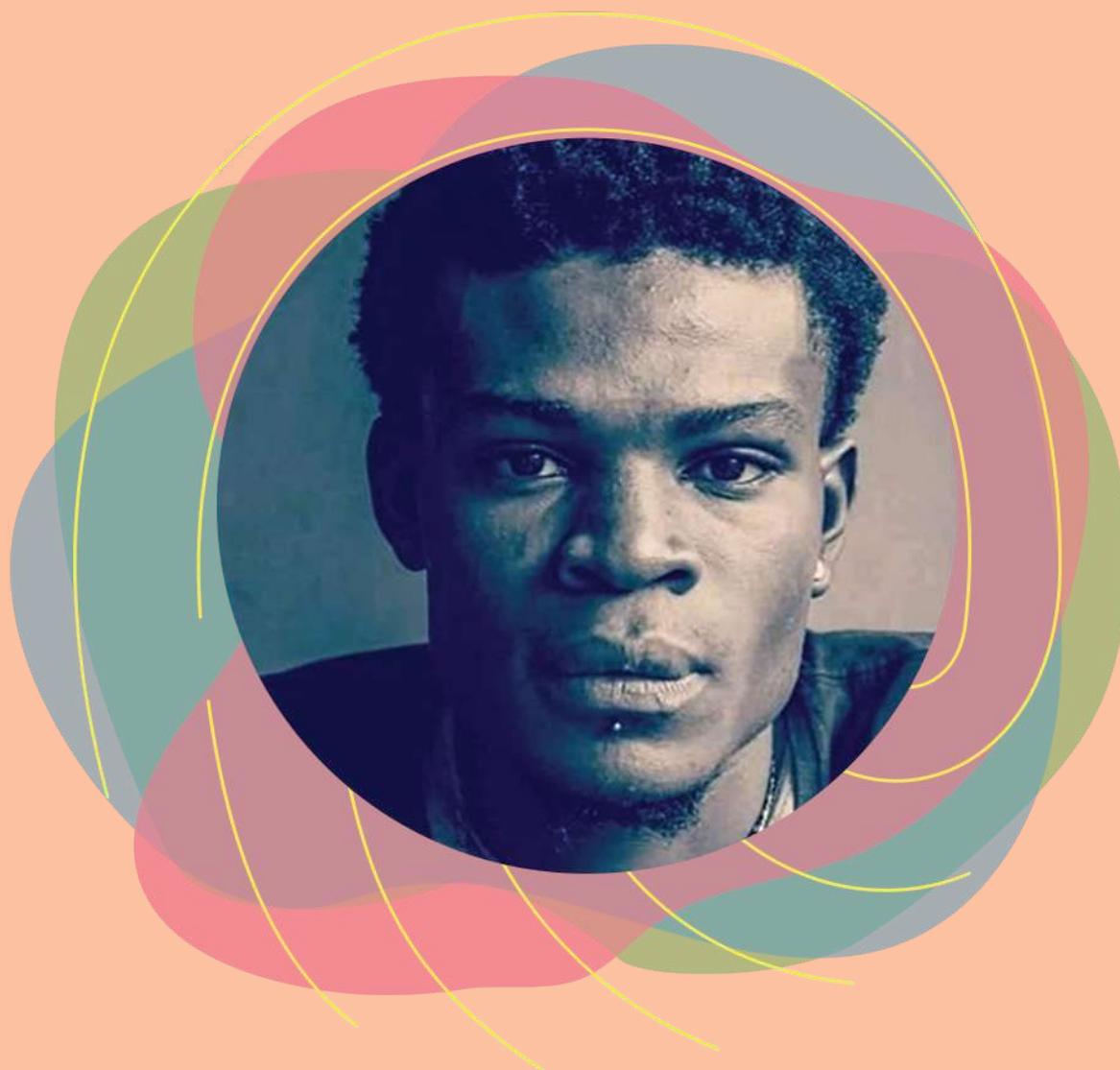


Jessica Rangel, a Jessi, nasceu e cresceu na comunidade da Maré. Eclética, tem como referência Ivete Sangalo, Anitta, Ludmila e Ariana Grande. Seu estilo musical passeia pelo funk, pop e melody. Jessi ainda dança.

“Gosto de ver a galera cantando e dançando quando estou no palco. Ver o povo feliz nos shows”, diz.

NIZAJ

(@DJVIAJANTE)



Comecei aos 14 dentro do projeto “Percussão Maré” onde fundei a banda Crônicos na companhia de outros músicos da Maré. Aos 15 iniciei a carreira no teatro musical pelo projeto Entre Lugares Maré, onde alimentei mais ainda a ideia de ser cantor, após transitar por vários estúdios musicais decidi aos 19 iniciar a carreira solo integrando o coletivo BlackOwl Records onde estou atualmente.

Ser um artista negro na Maré pra mim é como fazer parte da remontagem de um quebra cabeça muito importante. Porque estão há anos tentando apagar a nossa imagem mas a cada dia remontamos ela com uma nova cara e retomando nosso espaço.

PANDA

(@PANDA.RAR)



Eu amo contar histórias. Com certeza, isso é influência do meu pai. Ele, ainda mais que eu, não suporta o silêncio. Enfim... Tive um tio chamado Paulo César, irmão da minha mãe, muito fã de Zeca Pagodinho, que foi morto quando eu tinha 1 ano de idade. Foi nascido e criado na NH junto com meus avós, minha tia e minha mãe. Muito pobre, mas muito trabalhador. Era um excelente eletricitista. Me deixou de herança um violão que hoje é considerado uma raridade. À sua época, o pegou de segunda mão e reformou como pôde. Nesse violão, meu pai me ensinou a fazer duas notas (Dó e Sol com Sétima) quando tinha 7 ou 8 anos. Ele, realmente, só sabia fazer essas notas. Esse eu considero meu primeiro contato direto com um instrumento musical de verdade (dispensando minhas experiências com aqueles violõezinhos das finadas lojinhas de R\$1,99). Meu segundo mestre no violão foi meu grande amigo e compadre Luan Januário que me ensinou a tocar uma música inteira pela primeira vez. “Que País É Esse?” do Legião. Clássica e fácil de tocar. Nessa época, eu tinha algo em torno dos 11 anos e, talvez, por causa do meu primeiro contato aos 7, aprendi em um dia. No dia seguinte, queria aprender outra. Aprendi “O Tempo” do Oficina G3 também com o Luan. Ele me ensinou essa música porque meus pais, evangélicos, conservadores e, de certa forma, sectários não gostavam da ideia de que seu filho aprendesse a tocar músicas “mundanas”.

Ao mesmo tempo, meu progresso era óbvio, algo que não dava pra passar batido, então meu pai me colocou em um curso de música na Assembleia de Deus em Bonsucesso, sendo ele o secretário do pastor presidente (até hoje, inclusive). Eu, sinceramente, fiz o curso “com os pés”. Não queria saber de teoria musical (nem de igreja, mas deixa quieto por enquanto). Queria tocar. Na época, muito influenciado pelo Luan, conheci o Metal e queria saber é de tocar guitarra. Mas no meio do curso tive dois professores (não-crentes) que mudaram tudo. Bráulio Girão e Maurício Massunaga. Dois sambistas dando aula de violão numa igreja evangélica. Com eles, conheci Cartola, Bezerra, Zeca, Djavan, Dominginhos... Aliás, não só MPB, como Música Clássica, Rock, Blues, Flamenco, Jazz, além de instrumentos novos como Bandolim, Banjo, Cavaco e - o grande divisor de águas - Violão de 7 cordas. Comecei a praticar bastante em casa e fui ganhando intimidade com o violão.

Comecei a tocar na igreja com 12 ou 13 anos, então a prática se tornou ainda mais constante. Formei uma bandinha gospel chamada “Debaixo da Bênção” com meus amigos José Luiz Bonfim (baterista e amigo de infância), Paulo Vinícius Lopes (vocalista que mais tarde foi substituído por Jonatan Domingos) e Glauber Josué (baixista que mais tarde foi substituído por Pedro Vinicius - quem considero hoje como melhor baixista da Maré). Fiquei tocando na igreja até os 17, quando saí e comecei a conhecer o tão temido (pelos meus pais) “mundo”. Entrei em uma bandinha no Ensino Médio (Juscelino Kubitschek) chamada “Filhos de Nietzsche” que me abriu os olhos pra algo: melhor que tocar algo pronto, só criar algo novo. E aí vêm os genes da minha mãe que, até hoje, quando começa a chover e sobe aquele cheirinho de terra molhada, começa a cantar improvisando algo sobre a chuva como aquelas Princesas da Disney que fazem da sua vida e das pequenas situações do dia um grande musical. Comecei a compor letras e melodias que faziam sentido pra mim e pra quem estava próximo de mim, vivendo as situações cantadas. Inclusive, uma grande influência pro meu início na composição é do meu amigo Cleiton Roque, um compositor e poeta nato, com uma sensibilidade incrível. Ele era o vocalista da Filhos de Nietzsche. Faço questão de citar todos esses nomes porque, se hoje canto, suas vozes ressoam com a minha. Se hoje toco, suas músicas se misturam as minhas. Todos estes me compõe enquanto músico e pessoa. Depois do Ensino Médio, a banda se desfez, mas logo fizemos outra: Cantineros de la Sierra (porque bebíamos muito desse vinho). Nessa banda, através do meu amigo Beiquinho (Lucas Sá), conheci a voz angelical e potente da minha amiga Waleska Rodrigues. Mulher preta, gorda, favelada (cria de Vigário Geral) e talentosíssima. Ela ainda vai ser descoberta, tenho certeza. Pra encurtar a história, depois da Cantineros, eu e Waleska começamos um duo de voz e violão (que se mantém) pra levantar uma graninha aos finais de semana (graças a pandemia, isso não tem acontecido).

Em paralelo a isso, desde 2019, me juntei com o Luan (meu segundo professor de violão citado lá em cima) e Felipe Souza (Felipe Cooper, excelente baixista e, também, amigo de infância) e criamos a banda Juanita, da qual sou vocalista e guitarrista. Hoje, minhas composições, sejam elas totalmente minhas ou em conjunto, expressam, justamente, essa gama de situações vividas coletivamente no cotidiano da favela.

Quem é cria, já viveu um tiroteio. Já consegue discernir entre os calibres das armas só pelo som que elas fazem. Aliás, sabe bem quando são fogos de artifício e quando são tiros (e os dois juntos!). Já, no mínimo, passou em frente a uma igreja evangélica do reteté com todo mundo pipocando em trava-línguas incompreensíveis. Já teve que ficar em casa e perder um dia de trabalho, um dia de estudo, um dia de prova, um dia de lazer, um dia de paz por conta de uma operação policial. Já conheceu alguém que perdeu a vida para a violência. Mas também já chegou, depois de um dia de trabalho/estudo e, assim que pisou na favela, deu aquele respiro de alívio, por saber que chegou em casa. Já bebeu com os amigos no bar noite a dentro. Já entrou na casa de um amigo sem nem precisar bater na porta. Já se apaixonou. Às vezes, mais de uma vez no mesmo dia. Também já teve o coração partido. Já ajudou seu vizinho com alguma coisa, qualquer coisa (isso é mais raro do que se pensa).

É sobre isso que eu canto e componho. Sobre ser favelado, sobre amar a favela e odiar o mal que fazem a ela. Sobre ser muito mais do que qualquer um espera de você. Minha história se parece com muitas outras desse nosso território. Certamente, mais cômica e menos trágica que muitas delas, mas tão verdadeira quanto. Meu sonho é levar o nome da Maré - em especial, da minha tão amada Vila do Pinheiro - pro mundo.

RODRIGO MARÉ

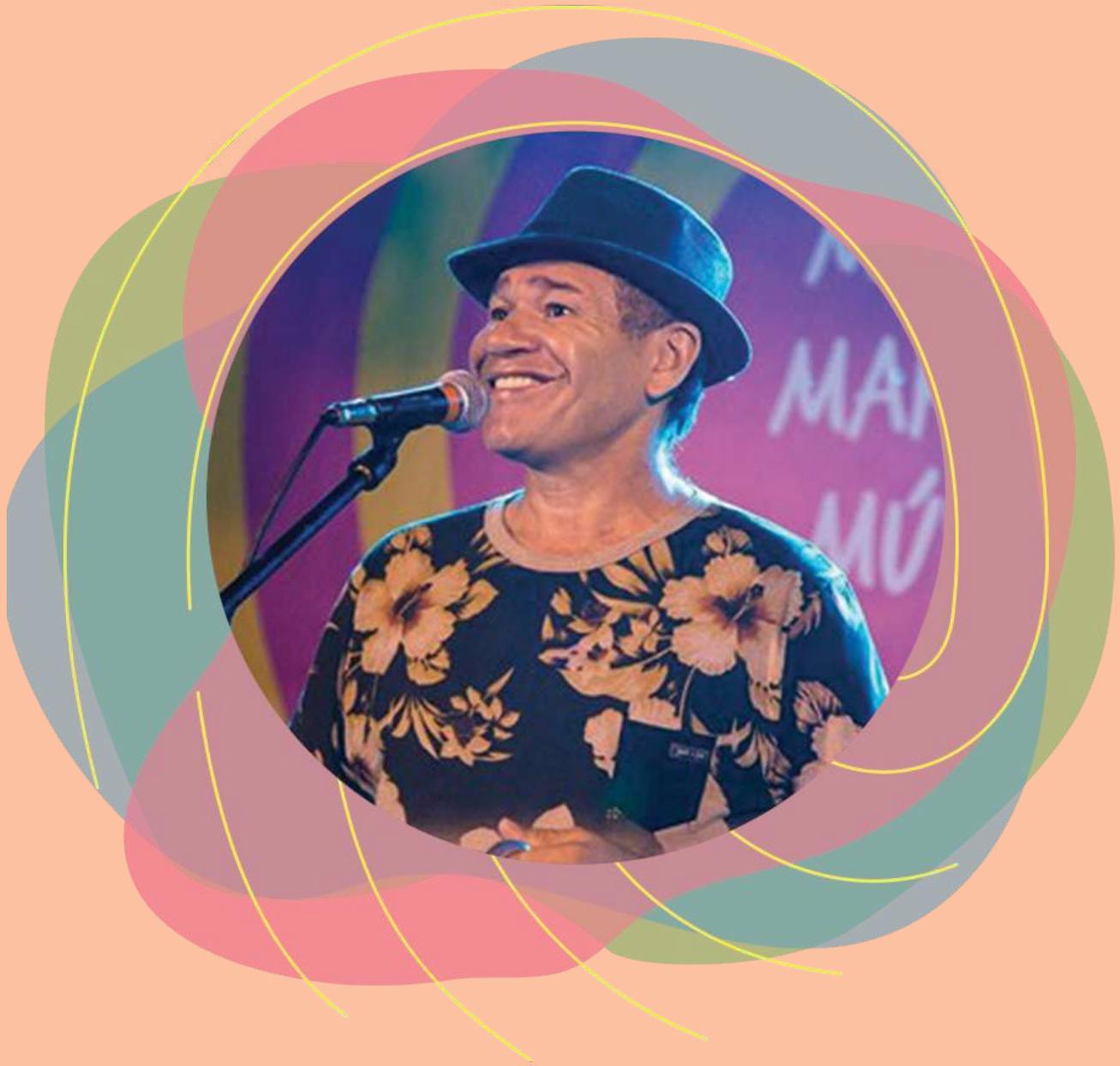
(@AMARERODRIGO)



Rodrigo Maré é músico, ator e arte educador. No teatro já trabalhou com a Cia dos Prazeres, Cia Monte de Gente, Coletivo Arame Farpado, Trupe de Lá Tag e Grupo Atiro. Atualmente integra o grupo teatral Cia Marginal, onde dirige os processos musicais e atua nos processos cênicos. Como músico percussionista, já tocou com Gilberto Gil, Anelis Assumpção, Ava Rocha, Céu, Tramundo, Abayomy, Canto Cego, Zé Bigode Orquestra, Grupo Zanzar, entre outros. Paralelamente atua como arte educador numa série de projetos no Rio de Janeiro e coordena o projeto Panderolando Maré de arte educação musical, desenvolvido dentro do Conjunto de Favelas da Maré

SABIÁ FORROZEIRO

(@SABIAFORROZEIRO)



Cantor e compositor, natural de Campina Grande PB, canto forró pé de serra.

VICTOR MENDES

(@VICTORMENDES1)



MARÉ GRAFIA

CARTOGRAFIA DAS ARTES E ARTISTAS NA MARÉ

Nascido na Massaranduba, na Rubens Vaz, Victor Mendes é um músico independente que tem dedicado sua carreira de música ao ensino, tendo passagens pelo instituto Villa Lobos e Escola Portátil de Música. Cursa graduação em licenciatura em música no Conservatório Brasileiro de Música. Já desenvolveu trabalhos como professor no instituto Vida Real na Maré, na E.M Doutor Manoel Reis como oficineiro do Programa Mais Educação e foi professor de música na Escola de Música da PIB Chatuba.



TEATRO

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

ANDERSON OLÍ

(@OANDERSONOLI)



Sou o Anderson Oli, tenho 26 anos, nasci em João Pessoa - Paraíba. Morador do Complexo da Maré há 10 anos. A minha trajetória no meio artístico se iniciou através de projetos sociais, aqui mesmo na Maré, com o Teatro do Oprimido.

Ao longo dos anos fui participando de diversos projetos que envolvem o movimento artístico, como o 'Teatro em Comunidades', da UNIRIO, por exemplo. Cursei, ainda, Interpretação para produções audiovisuais, no IFRJ; e participei do Entre Lugares Maré.

Sou também integrante-fundador da Cia Cria do Beco, vencedora de um festival nacional de esquetes, o FESTU, com a cena "Nem Todo Filho Vingã" (2019).

Como estudante de Letras/Literaturas, tenho voltado todos os meus trabalhos para a arte e educação, sempre investigando e se aprofundando na consciência racial da minha trajetória de vida, com isso, compreendendo também, a interseccionalidade apresentadas nos meus trabalhos. E também, sempre acreditando nessas ferramentas como movimento de transformação social.

BÁRBARA ASSIS

(@SOUBARBARASSIS)



Minha trajetória começa no teatro em 2014 quando tive contato com o projeto Teatro do Oprimido na Maré onde se formou o grupo MaréMoTO. Em seguida na oficina aberta de teatro, se formou o Grupo Atiro. Convicta de que havia encontrado minha paixão e que seguiria na carreira de atriz, me deparei com minha família não concordando muito com minha escolha. Mas é isso... Ser artista é o que amo fazer. Através das montagens teatrais e participações audiovisuais tive contato com a música como percussionista e no mesmo período ingressei como backing vocal na banda Crônicos, formada por artistas mareenses e foi aí onde notei que as poesias escritas desde meus 12 anos poderiam se transformar em composições musicais. Desde então não parei mais e hoje consigo entender que ter a arte em minha vida construiu a mulher que sou e como enxergo o mundo onde vivo, colocando em meu trabalho a essência do que sou. Também não moro mais com minha família por escolha minha mas nos damos bem.

A maioria das apresentações que realizei tanto na música quanto no teatro foram dentro do Complexo da Maré. Tive a possibilidade de trazer as narrativas das minhas próprias vivências e isso é incrível porque pra mim é uma honra imensa ser porta voz do lugar onde fui criada e vivo. Porém eu acho que pra indústria artística nossas produções com narrativas pretas, pobres e faveladas são muito desvalorizadas por conta do sistema racista e elitista ao qual nós sobrevivemos, fazendo com que nossa voz seja calada e nossas narrativas sejam totalmente invisibilizadas. É perceptível que algumas pautas estejam melhorando, mas ainda falta muito pra que o nosso espaço seja garantido. Eu tenho muita fé e amor que isso irá acontecer e desejo que seja muito em breve porque sinto fome em ter recursos para produzir minha arte e ter meu trabalho reconhecido.

CAMILA MOURA

(@MOURABCAMILA)



Meu processo artístico se inicia em 2013 através da Oficina de Atores porém não não me enxergava como atriz, pois todas as dramaturgias que me eram apresentadas naquele período, não falava sobre mim ou minha ancestralidade. As propostas de encenação eram sempre retratando questões da burguesia, da branquitude. Sentia que aquele ambiente não me pertencia mas não entendia o porquê, não me identificava.

Costumo dizer que foi no Entre Lugares Maré que o meu eu-artista nasceu. As vivências proporcionadas pelo projeto como roda de conversa, pesquisa de campo, e a liberdade de trazer narrativas que contam minha história e a do meu povo, foram cruciais para eu me reconhecer como negra, me apropriar do meu lugar de fala como preta favelada. Ter esse entendimento não só me fortaleceu como também fez compreender qual era meu dever como artista. Foi fazendo teatro na minha favela que passei acreditar na minha carreira, fiz o THE (Teste de Habilidade Específica) para ingressar na Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna e passei em 2º lugar. É onde atualmente estudo.

Ser artista negra na Maré é uma pesquisa constante, um estudo e aprendizado eterno. É um presente ser porta voz da favela que sou cria.

Porém é frustrante a instabilidade financeira. Há 2 anos escolhi viver da arte, e é muito difícil me manter devido a falta de oportunidade no mercado de trabalho artístico, principalmente no audiovisual. O sistema racista e elitista adora falar da favela pelo olhar deles, usando nosso território como objeto, usam NOSSAS narrativas cheio de estereótipos e nos negam oportunidades. Não podemos ser autores da nossa própria história. Somos excluídos e eles, ilesos. Criminosos.

CHRISTIAN SANTOS

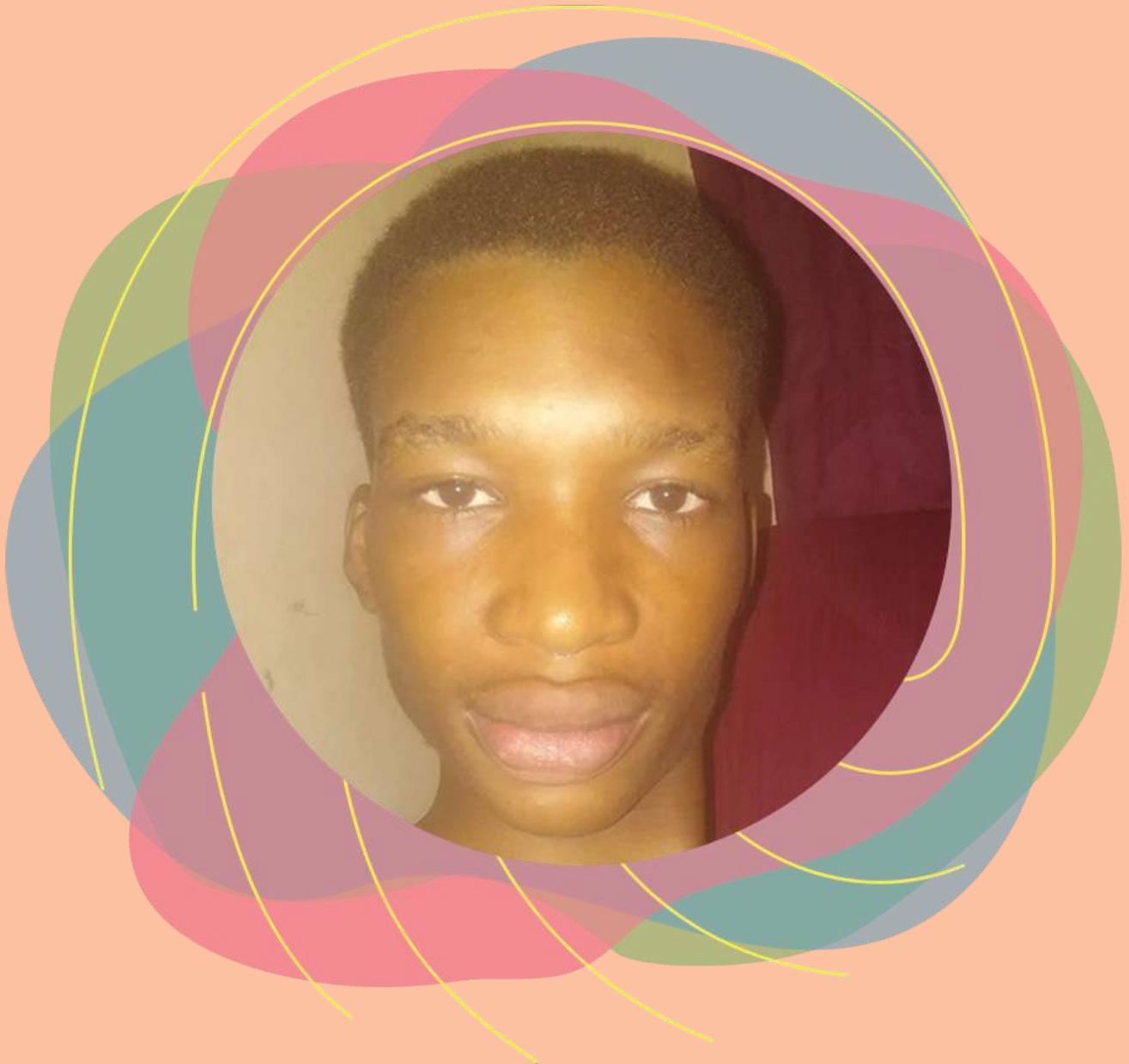
(@CHRISINJOB)



Sou baiano de Ipiaú-BA e cheguei no Rio no final de 1999. Desde os anos 2000 participo de projetos culturais na Maré e eles fazem parte da minha formação como pessoa e cidadão. O teatro me escolheu por suas diversas formas de abranger temas corriqueiros e de suma importância social. Me formei como ator na Martins Penna, escola centenária de Teatro e depois fui pra Unirio pra fazer licenciatura para ter ferramentas para difundir conhecimento e a arte no território que estou. Atualmente ou antes da pandemia, lecionava no Centro de Artes da Maré como professor de Teatro do projeto de extensão da UNIRIO chamado Teatro em comunidades. Atualmente não posso exercer a arte como gostaria e ela passou a ser feita de forma remota.

ELMER

(@ELMERPERES)



Ator, cantor, compositor e percussionista. Arte-educador musical e teatral. 20 anos.

GEANDRA NOBRE DO NASCIMENTO ²³

(@GEANDRANOBRE)



Geandra Nobre, preta, favelada, mestre de bateria do Bloco se Benze Que Dá. Cria da Maré. Tem participado de uma diversidade de processos de mobilização comunitária nas favelas da Maré, muitas vezes junto ao coletivo Roçal, do qual foi co-fundadora em 2010 e que hoje atua na produção coletiva e artesanal de alimentos e mantém um espaço comunitário no Timbau/Maré onde realiza atividades culturais com adultos e crianças, como o Sarau Cultural e o Cineminha (www.roca-rio.com). É atriz e fundadora da Cia Marginal, grupo de teatro da Maré que existe desde 2005, compondo os elencos dos espetáculos “Você Faz Parte de Uma Guerra?” (2005), “Qual é a Nossa Cara?” (2007), “Ô,Lili” (2010), “In_Trânsito” (2013), “Eles Não Usam Tênis Naique” (2015) e “Hoje Não Saio Daqui” (2019) (<https://www.facebook.com/ciamarginal>). Em trabalhos audiovisuais integrou o elenco de apoio do filme “Tropa de Elite II” (2014); atuou no curta metragem “Rosália Marginal” (2016), no filme “Das Nuvens Pra Baixo” (2015); Atuou e produziu participou do filme “Relatos de Exílios” (2016). Protagonizou o curta-metragem “A Mulher do Fim do Mundo” (2018). Atualmente integra o elenco do filme “Breves Miragens do Sol” (2019). Além de sua atuação comunitária e como atriz, muitas vezes articulando as duas atuações, também exerceu a função de educadora de teatro no projeto Rede de Adolescentes Promotores de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde e no Centro de Referência Maré Mulher - UFRJ e foi pesquisadora do projeto Musicultura-UFRJ. Recentemente foi pesquisadora do projeto NutriCidades (2018-2019) que buscou refletir sobre a questão da luta pela soberania alimentar na periferia urbana (www.soberania-alimentar-mare.home.blog).

²³ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

JAQUELINE ANDRADE

(@JAQUEJSA)



É atriz e fundadora da Cia Marginal, integrando o grupo desde 2005, também fundadora do Coletivo Paralelas, em 2015. Pela Cia Marginal produziu e atuou nos espetáculos: Qual é a nossa cara? (2007), Ô, Lili! (2011), In_Trânsito (2013), Eles não usam tênis naique (2015), indicado para o Prêmio Questão de Crítica 2015 e que circulou por mais de 40 cidades em 15 estados brasileiros entre 2018 e 2019 e Hoje não saio daqui (2019), que foi apontado como um dos dez melhores espetáculos de 2019 pelo jornal O Globo e indicado ao Prêmio Faz Diferença de 2019. Em 2014 estreou o espetáculo UMDOUM pelo Coletivo Paralelas. É integrante do elenco do espetáculo “Corpo Minado” do Grupo Atiro. Atualmente trabalha como pesquisadora e produtora do projeto Entidade que tem como objetivo pensar uma escrita territorial a partir das trajetórias e memórias de pessoas LGBTQIA+ da Maré e também é roteirista do reality show online Canceladas, do Coletivo Arame Farpado.

JEFFERSON MELO

(@JEFFDMELO)

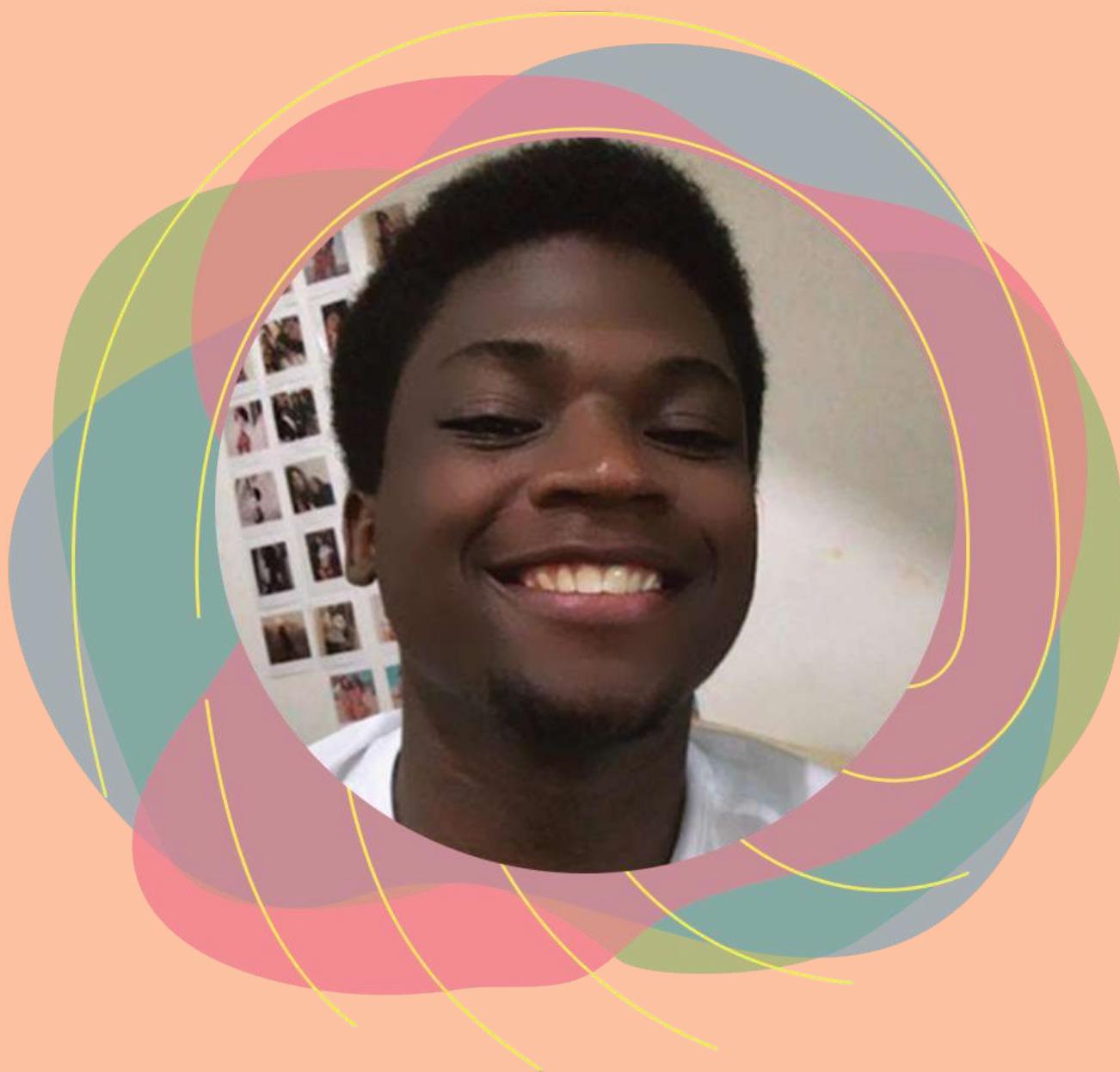


Contador de histórias do Museu da Maré, onde atua no projeto Entre lugares Maré desde 2016, somando três espetáculos, “Melhor ator 2017” no Festival. Integra o elenco do espetáculo “Favela- A comédia musical” e “Favela 2 - Musical”, indicação de ‘Ator revelação’ no FITA (Festival Internacional de Teatro em Angra dos Reis) 2018. Em 2019, vencedor de melhor esquete no FESTU (Festival de Teatro Universitário), indicado como melhor ator.

Atualmente desenvolve escritas de monólogos com narrativas faveladas. Produtor e dramaturgo do curta-metragem “Vômito Induzido”, disponível nas plataformas IGTV e Youtube.

MATHEUS BENNY

(@EUBENNY_)



Ator do grupo de teatro “Teatro em comunidade”, sediado no Centro de Artes da Maré. É também aluno do Pré Vestibular Redes da Maré e mediador do Clube de Leitura Lima Barreto, mantido pela Biblioteca Lima Barreto e pelo Livro Labirinto, ao qual atribui grande importância na idealização e formatação do “Vamulê?”. Aos 21 anos, prepara-se para o vestibular em Pedagogia.

PRISCILLA MONTEIRO

(@PRISCILLAMONTEIROA)



Sou atriz a 20 anos, e graduada em psicologia na Puc-RJ. Desde 2003, trabalho na Cia Marginal como atriz no elenco de quatro espetáculos e nas propostas de criação coletiva da Cia. Atuo também na dramaturgia, produção e figurino. Recentemente fiz parte da mais nova obra da Cia Marginal, o espetáculo “Hoje Não Saio Daquí” com direção de Isabel Penoni e dramaturgia de Jô Bilac. Ao longo desse tempo também houve outros trabalhos como atriz como a participação no elenco de “Corpo Minado” do Grupo Atiro, Clip da Banda Levante e o como dançarina no espetáculo “Divas da Maré” do grupo Maré Sobre Saltos, Direção e Coreografia Marcos Aprigio.

SOL TARGINO

(@ASOLTARGINO)



Atriz, graduanda em Atuação Cênica pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. É co-fundadora do Coletivo Arame Farpado, ganhador do 8º Prêmio Questão de Crítica. Atuou nos espetáculos “Auto da Compadecida” (2011, direção Marina Henriques). Foi membra do Grupo Atiro e participou dos seguintes espetáculos produzidos pelo Grupo Atiro: “Ela pode está em você” (2012, direção Wallace Lino); “VAI” (2013, direção Wallace Lino); Agora sei o chão que piso (2015, direção Wallace Lino); Arame Farpado (2017, direção Phellipe Azevedo); “O Clássico Êxodo” (2020, direção Phellipe Azevedo); “Correria - Dança Contemporânea” (2018, direção Marllon Araújo) apresentada em University of Michigan; “Dança das Cadeiras” (2017, direção Bruna Christine) com premiação do Especial do Júri no Festival de Teatro Adulto Tijuca Tênis Clube. Nos curtas metragens “Pop Kamikaze” (2013, direção Marcos Nauer); e “Atravessador” (2018, Iury de Carvalho) e também no vídeo clipe “Febril” do cantor Beto Larubia (2015). Foi protagonista na Websérie “Placa Mãe” em 2020 com direção de Laís Lages e Peterson Oliveira.

VANU RODRIGUES

(@VANU__)



19 anos, atriz desde os 11, percussionista desde os 12, artista desde nascida, preta, favelada, filha de angolanos e angolana de coração, cria da Maré desde sempre. Como percussionista participou do projeto “Percussão Na Maré”, coordenado por Abel Duêre junto com a “Maracatu Brasil” com apresentações e Shows em locais públicos e privados. Atua no projeto “Entre Lugares Maré”, com participação nos espetáculos “Santa Maré” (2014); “Será” (2015); “Gente” (2016 - 2017); “Parte de Nós” (2018); “Quebra-Cabeça” (2019); “Ela não se Lembra Mais” (2019 - 2020). Em 2019 participou como atriz e criadora do espetáculo “Hoje não saio daqui”, ganhador do edital Rumos do Itaú Cultural e considerado um dos 10 melhores espetáculos de 2019 segundo o Jornal O Globo. É um espetáculo que leva o público a vivenciar uma dramaturgia no Parque ecológico da Maré. O trabalho celebra a africanidade da Maré, onde se situa a 2ª maior comunidade angolana do país. É Brasil e Angola, churrasco e mufete, funk e kuduro, um mar de caixas d’água e as árvores centenárias da Mata, tudo ao mesmo tempo.

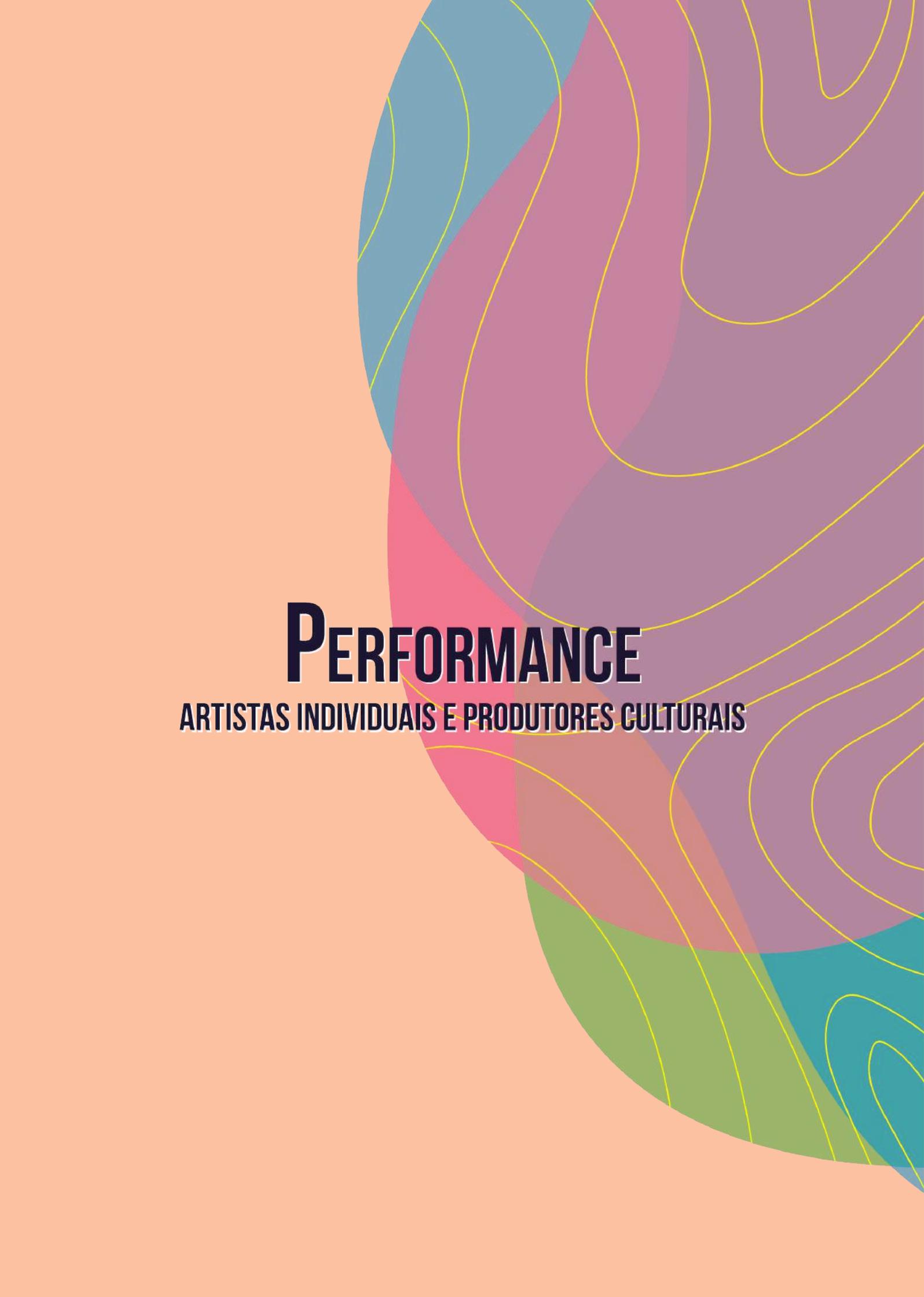
WALLACE LINO²⁴

(@LINO.WALLACE)



Pesquisador, Ator, Diretor, Dramaturgo e Educador. Formado em licenciatura do teatro pela UNIRIO. Cofundador e integrante da Cia Marginal desde 2005. Atuando como ator nos espetáculos Qual é a nossa cara? 2006, Ô Lili 2012, In-transito 2013, Eles não usam tênis naique, 2015, Hoje não saio daqui 2019. Cofundador do Grupo Atiro 2016, atuando como Diretor dos espetáculos Família 2017, Obedeça 2017, Ant Corpo 2018, Corpo Minado 2018, Corpo Minado em Quarentena 2020, e Família Virtual 2020. Atuando nos espetáculos do Grupo. Colaborando em 2020 com a dramaturgia do espetáculo O Clássico Êxodo. Dramaturgo a Além de dramaturgo. Cocriador do Projeto Entidade 2020. Curta Entidade 2020, Quintal C11 2020 e Rádio no lance 2020 onde dirigiu e escreveu.

²⁴ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.



PERFORMANCE

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

DAVID ALMEIDA

(@DAVIDDMAGALHAES)



David Almeida, estudou no conservatório brasileiro de dança onde permaneceu por 8 anos. Viajou e participou de diversos festivais, inclusive um dos maiores festivais de dança do Brasil em Joinville - SC. Atualmente é professor de dança no espaço Tijolinho na Maré, Drag Queen no projeto EER e faz parte do curso de formação de professores em Hatha Yoga através do projeto Yoga na Maré.

É aluno do projeto Padê - danças negras - do curso de extensão em dança da UFRJ. No ano de 2020 durante a pandemia foi um momento em que tudo parou. Os trabalhos de dança, cursos e aulas. Foi quando eu percebi que tínhamos que nos reinventar como artistas. Comecei a fazer vídeos de dança, gravar performances em casa, refiz minha rede social para ser voltada à dança.

Posso dizer que ter essa atitude foi bom, mas também foi difícil. Eu não tinha material e espaço na minha casa adequado para essas produções e eu passei a correr mais atrás quando vi alguns editais que contemplavam artistas independentes. Percebi que era o meu momento, era minha oportunidade então comecei a escrever todas as minhas ideias. Não foi fácil transmitir tudo que tínhamos só no corpo para a escrita, porém foi importante e hoje eu faço isso. Crio conteúdos de dança, escrevo projetos e pesquiso.



PRODUÇÃO CULTURAL

ARTISTAS INDIVIDUAIS E PRODUTORES CULTURAIS

MATHEUS AFFONSO

(@AFFONSODALUA)



Matheus Affonso, fotógrafo, designer gráfico, videomaker. Artista multilinguagem, ativista LGBTQI+ e técnico em Comunicação visual pelo SENAI-Maracanã. Atuou como professor de Designer Gráfico e Fotografia do Instituto Vida Real e de teatro na Escola Municipal Bahia, na Maré. É co-fundador e integrante do Grupo Atiro, FAVELAMONA, Projeto Eeer e do Grupo Pantera de Teatro do Oprimido.

Já expôs seus trabalhos na Mostra Transcendências do Galpão Bela Maré, no Museu do Amanhã em parceria com a ONU Brasil e Imagens do Povo, e produziu a 10ª Parada LGBTQIA+ da Maré em parceria com o Grupo Conexão G onde lançou o projeto Entidade.

CARLOS MARRA

(@MARRAPRETA)



Carlos Marra, 32 anos, bixa preta, favelada. Produtor cultural, arte educador, visual merchandising, design de moda, artista, MC, entusiasta da comunicação e performer. É produtor e cocriador do Projeto Maré Sobre Saltos; apresentador e co-idealizador do Karaokê das Bixas Pretas, produtor e coordenador assistente da Lona Cultural da Maré e Conselheiro Tutelar.

GEISA LINO²⁵

(@GEISALINO)



Geisa Lino trabalha como gestora e ativadora cultural. Nascida e criada na Maré, desenvolveu projetos como AMARÉFUNK e Coletivo Maré, no qual coordenou a iniciativa de ocupação e requalificação do espaço Pontilhão Cultural, vencedora do Prêmio DBUA 2013. Atua como gerente de produção na Redes da Maré, promovendo eventos culturais como Mostra Maré de Música, Maré Sem Fronteiras, além de editais e oficinas de educação, cultura e arte por todo o território do Complexo, que abriga 16 favelas e 140 mil habitantes.

²⁵ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

LEKITA²⁶

(@LEKITA1995)



Maria Lethícia Barcellos, também conhecida como Lekita é preta, favelada, tem 24 anos e cria do Complexo da Maré. Atua em diversas frentes, enquanto produtora cultural, audiovisual, produtora de moda, figurinista e diretora de arte. É graduanda em Marketing, pelo Instituto Infnet. É assistente de produção no Centro de Artes da Maré, na Redes da Maré desde 2018.

²⁶ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

PÂMELA CARVALHO

(@APAMELACARVALHO)



Educadora, Historiadora, Gestora cultural, pesquisadora ativista das relações raciais e de gênero e dos direitos de populações de favelas. É pesquisadora-brincante das culturas populares afrobrasileiras. É Mestre em Educação pelo PPGE/UFRJ onde defendeu a dissertação “Eu piso na Matamba”: Epistemologia jongueira e reeducação das relações raciais”. Foi bolsista do Projeto Personagens do Pós Abolição e faz parte do grupo de pesquisa Intelectuais Negras/UFRJ. É coordenadora do eixo “Arte, Cultura, Memórias e Identidades” na Redes de Desenvolvimento da Maré. É fundadora do Quilombo Etu, coletivo que trabalha a cultura popular a partir de uma perspectiva de educação antirracista. É moradora do Parque União (Conjunto de Favelas da Maré).

PAULO VICTOR LINO

(@PVLINO)



Paulo Victor Lino. Graduando em História na UFRJ. Vice-presidente do Grupo Conexão G de Cidadania LGBT de Favelas. Integrante do Grupo Atiro e do Grupo Pantera. Co-idealizador dos projetos FavelaMona e Entidade. Em 2020 atuou no espetáculo Família Virtual pelo Grupo Atiro. No mesmo ano assumiu a assistência de direção do espetáculo Clássico Êxodo do coletivo Arame Farpado. Produziu o espetáculo Questão de Gosto pelo Grupo Pantera. Trabalhou na assistência de direção do espetáculo Corpo Minado, também pelo Grupo Atiro.

RAYANNE FELIX

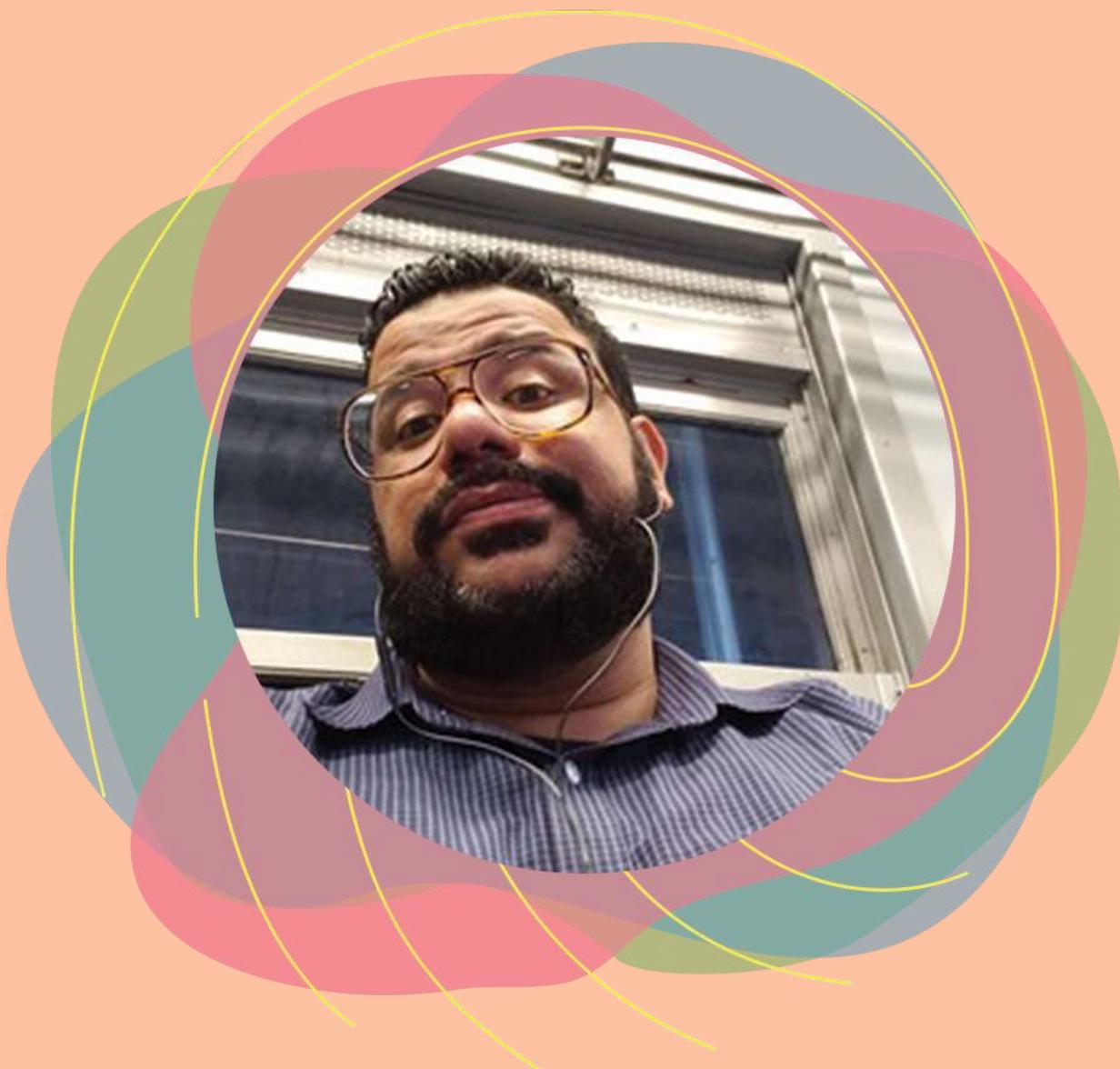
(@RAYXNNE)



Meu nome é Rayanne, tenho 19 anos, sou cria da Maré, atualmente moro na Nova Holanda. Sou técnica em segurança do trabalho de formação, escritora, pesquisadora, comunicadora e produtora cultural por amor. Minha história com a escrita começou muito cedo. Sempre gostei de ler na escola e isso me incentivou a começar a escrever. Sou proprietária e idealizadora da marca Sociedade Das Poetisas Vivas, que nasceu com a ideia de divulgar meus textos para que mulheres e meninas que se identificassem pudessem se sentir acolhidas. A produção cultural apareceu na minha vida em 2018, quando participei do festival WOW e nos anos seguintes, dos esquentas WOW e da Mostra Maré de música. Atualmente sou pesquisadora na coletiva Maré De Nós.

WILLIAN OLIVEIRA

(@WILLIANOLIVEIRA_RJ)



Sou produtor cultural há 18 anos. Comecei organizando eventos no segundo grau do Colégio Pedro II e assim, inconscientemente, iniciava uma carreira que nem eu sabia que poderia existir. Depois disso passei a organizar festas e eventos menores até enveredar pro samba de raiz, onde constitui uma “Produtora de eventos e gestão de artistas”. E a partir daí realizando produções não só no RJ como em todo Brasil de artistas como Jorge Aragão, Reinaldo, Almir

Guineto, Fundo de Quintal, Dona Ivone Lara, Dudu Nobre, Luiz Melodia entre outros e inclusive a gestão artística de carreiras de artistas da “nova geração” do samba carioca como João Martins, Renato Milagres, Juninho Thybau, Renato da Rocinha entre outros. Hoje sou Gestor do Grupo No Lance, oriundo também do Complexo da Maré e ainda trabalho como produtor de eventos na cidade.

II COLETIVOS ARTÍSTICOS E GRUPOS

O Conjunto de Favelas da Maré possui diversos coletivos e grupos, que desenvolvem atividades artísticas e culturais. Doze coletivos e grupos informaram seus dados quantitativos no formulário de pesquisa, mas outros cinco constam aqui com suas apresentações (minibiografias e fotos), por serem movimentos de extrema relevância para a produção artística no Conjunto de Favelas da Maré.



ARTES PLÁSTICAS

COLETIVOS ARTÍSTICOS E GRUPOS

MARÉ CREW

(@MARE.CREW)



O grupo foi formado em 2017, com jovens de 18 a 22 anos, todos moradores da Maré. Inicialmente eram 7 membros. O grupo começou quando ocorreu uma oficina de stencil na Lona cultural da Maré, com o grupo Nata Família.

Os alunos se interessaram pela aula do Nata, e com a ajuda deles, formou-se o grupo. O primeiro trabalho do grupo foi junto ao Nata, aqui mesmo na Maré. Pintamos em uma parede com um stencil grande. Começamos a produzir camisas para vender, e divulgar mais o grupo.



CULTURA POPULAR

COLETIVOS ARTÍSTICOS E GRUPOS

QUILOMBO ETU

(@QUILOMBOETU)



O Quilombo Etu é um coletivo-projeto criado e protagonizado por jovens negros moradores de favela. Entendendo que a favela pode ser lida como Quilombo contemporâneo, onde a população preta resiste, se reinventa e se fortalece, o grupo pretende trazer a noção de “Etu” - palavra que em kikongo significa “nós” para dentro deste Quilombo. Um Quilombo construído a partir da coletividade e unidade preta e favelada. Nosso Quilombo promove ações como oficinas de danças populares afrobrasileiras, percussão, rodas de conversa, entendendo corpo e mente como um só, e como chaves para a construção do indivíduo preto. Criado por Pâmela Carvalho, Pablo Carvalho e Rodrigo Maré Souza, o Quilombo Etu tem a negritude como foco e a favela como centro.

MARÉ DE CAPOEIRA

(@LUCAS.CAPOEIRA)



Atualmente nós somos bem poucos. O coletivo hoje é composto por Lucas Henrique Ferreira, Rudson Adriano ambos jovens negros do complexo da Maré, Mariana Reis e Luís Bicalito jovens residentes da região de Jacarepaguá, Bruna Rodrigues, Leandro Ferreira, Andreh Luiz da Ilha do Governador e Fabrício Rebelo residente da Tijuca. A ação do coletivo hoje é com capoeira, cultura popular no Complexo da Maré.



DANÇA
COLETIVOS ARTÍSTICOS E GRUPOS

ESPAÇO CASULO MARÉ

(@ESPAÇOCASULOMARE)



O Casulo é um espaço voltado à saúde, autogestão e coletividade de e para mulheres prioritariamente pretas e faveladas na Maré-RJ. Durante os últimos 6 anos nosso trabalho vem sendo realizado de maneira dedicada e comprometida em diversas atividades como: dança pélvica, salsa cubana, diletos - nossa roda de leitura de autoras pretas, atendimentos em psicologia, acupuntura, roda de gestantes, roda de fitoterapia, oficinas de ginecologia natural e defesa pessoal para mulheres.

MULHERES AO VENTO²⁷

(@MULHERESAVENTO)



Criado em 2016 o Mulheres ao Vento é um projeto de dança multilinguagem com inspiração afro-brasileira que percorre conteúdos que dialogam, através de uma metodologia teórico-prática, com o cotidiano de mulheres da Maré, temas como racismo, feminismos e suas lutas, violência de gênero, maternidade, ancestralidade, racismo religioso, entre outros.

²⁷ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

The background features a large, abstract graphic on the right side. It consists of several overlapping, semi-transparent shapes in shades of teal, purple, pink, and orange. Overlaid on these shapes are numerous thin, yellow, wavy lines that create a sense of movement and depth, resembling a stylized topographic map or a musical waveform. The overall aesthetic is modern and artistic.

MÚSICA

COLETIVOS ARTÍSTICOS E GRUPOS

BANDA DONA JUANITA

(@DONAJUANITA_BANDA)



A banda Juanita é formada por Filipe Maia Antunes (a.k.a. Panda) na guitarra e vocais, Luan Januário no violão e vocais, Felipe Cooper no baixo, Dio go Nascimento na bateria e vocais e Adriano “A. F.” Rodrigues na flauta transversa, sax alto e vocais. Todos moradores do Complexo da Maré. A banda começou com Panda, Cooper e Luan, amigos de infância e amantes da boa música, como um projeto acústico para reunir os amigos. Em poucos ensaios, o que era pra ser uma brincadeira, ganhou tons de seriedade e o motivo era o mais direto e sincero possível: o som ali produzido era agradável. Pelo menos pra nós, mas pra gente, isso já bastava. A princípio, o primeiro a se juntar a nós na bateria foi nosso amigo de Vigário Geral, Lucas Sá, mais conhecido como Beiquinho. Em seguida, nos vocais e também de Vigário Geral, a Excelentíssima Waleska Rodrigues. O projeto se dividiu em dois: um acústico, voz, violão e bateria com Waleska, Panda e Beiquinho, respectivamente, e outro sendo a banda Juanita com a chegada de Diogo Nascimento na bateria e AF Rodrigues na flauta. Nosso som mistura reggae, rock, jazz, pop, funk, MPB e tudo que estiver aí disponível no mundão, mas pra falar de algo que só se encontra por aqui: a favela e seus contornos.

BLACK OWL RECORDS

(@BLACKOWL_RECORDS)



Black Owl Records é um coletivo de artistas da Maré criado em 2018 que procura passar sua realidade através da música (Rap, Trap, Trap Funk & RnB) sempre priorizando mensagens claras, levando seu nome e da Maré por lugares por onde passa com seu som. Após ter participado de diversos coletivos, ter trabalho em alguns estúdios e por sentir vontade de falar mais sobre o lugar onde vive, a Maré, o fundador da Black Owl, Gui Coruja, buscou estudar sobre produção e teve a ideia de criar seu próprio coletivo. Daí surgiu a Black Owl Records. O próximo passo foi encontrar outros integrantes que tivessem a mesma vontade de falar sobre a Maré através do Rap. O nome surgiu porque o Gui já tinha o apelido de Coruja e queria incluir o adjetivo preto em seu apelido, ou seja, Coruja Negra. Mas, após reflexão, decidiu colocar o nome em inglês para poder diferenciar um pouco do próprio nome. Trabalhando em eventos de hip hop conheceu vários artistas na Maré e deu para alguns deles a oportunidade de mostrarem seu trabalho. Um deles foi o primeiro membro oficial da Black Owl, Madiba Mc. A primeira música de trabalho oficial foi Rosa do Guetto, baseada num poema homônimo de 2Pac. Foi lançada em abril de 2018 e teve a participação de Ashley, Gui Coruja e Madiba Mc. De lá pra cá muitos outros membros surgiram e atualmente a Black possui 11 membros, desde Cantores/Compositores até a Equipe Administrativa e Audiovisual.

Integrantes:

Gui Coruja (ADM/MC/Produtor)

Madiba Mc (MC)

Vick Amag (MC)

Nizaj (MC)

JoviJaque (MC)

Jack Foster (MC)

Loopey Beats (Produtor)

Deliima (ADM/audiovisual)

Pedro Costa (ADM/audiovisual)

Danilo (ADM)

Binho da Vila (MC)

GRUPO FUNDAMENTAL ²⁸

(@GRUPOFUNDAMENTALOFICIAL)



O grupo Fundamental surgiu no mês de abril do ano 2000 e é oriundo do Rio de Janeiro/RJ, especificamente do Complexo da Maré. A roda de samba era composta por um grupo de amigos que transbordava animação e musicalidade. Dessa forma, ganhou notoriedade e, assim, foram conquistados muitos convites para tocar em festas e eventos particulares. O grupo Fundamental cativou o carinho da “Cidade Maravilhosa” com seu pagode de mesa tipicamente carioca. Os frutos desse encantamento renderam, no decorrer dos anos, a realização de shows nas melhores casas noturnas, bem como convites para a abertura de grandes espetáculos. A história do grupo Fundamental é permeada por oportunidades incríveis, como, por exemplo, a participação em um festival de samba (organização da Rádio FM O Dia). O festival aconteceu em uma das maiores casas de show do bairro da Lapa e, entre os muitos grupos de excelente qualidade musical, o grupo Fundamental logrou-se vencedor. A cidade do Rio de Janeiro não foi a única a abrir os braços para a “pegada” especial do grupo Fundamental. Os Estados de Minas Gerais e de São Paulo também receberam a rapaziada que, honrosamente, foi convidada a participar de shows inesquecíveis.

No mês de agosto do ano 2007, sob direção e produção musical de Bira Haway, foi gravado o primeiro álbum do grupo Fundamental. O segundo álbum, gravado no ano de 2015, contou com a participação especial do cantor Anderson Leonardo (vocalista do Grupo Molejo) na faixa musical “De noite na cama” (composição de Caetano Veloso). O grupo Fundamental reverencia grandes nomes do samba, os quais são referência e fonte de inspiração para a construção de sua longa história. O farto repertório agrada e contagia ao público que gosta de pagode, partido alto, samba de raiz, samba enredo e de viver a experiência de trazer, para o samba, outros ritmos musicais.

²⁸ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

GRUPO NO LANCE ²⁹

(@GRUPONOLANCE)



O Grupo No Lance é um grupo de pagode formado em 2002, originado no Complexo da Maré. Atualmente, a banda é composta por Maurício Bryan (voz), Danilo Siqueira (pandeiro e voz), Anderson Barros (violão) e Nil Lima (reco reco e voz). Com objetivo de emocionar e divertir, o Grupo No Lance apresenta um show eclético que vai essencialmente do pagode romântico ao samba, passando ainda pelo pagode 90 e brincando com sertanejo, mpb e funk.

²⁹ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

GRUPO NOVA RAIZ DO SAMBA ³⁰

(@NOVA.RAIZ)



O Grupo Nova Raiz do Samba é um grupo musical brasileiro de Samba, formado no Complexo da Maré na cidade do Rio de Janeiro, por Alexandre Dão (cavaquinho e voz), Claudio Brito (Tan Tan), Marcelo (repique e voz), Luiz Henrique (surdo e voz), Fome (pandeiro e voz) e Beto Papai (violão 7 cordas e voz). O Grupo teve sua formação em 2006. Como peculiaridade o fato de ter sido fundado por pessoas que tem origem na própria Maré, que conseguiram através da arte pensar de maneira crítica a trajetória da comunidade, buscando transformá-la. A história do Grupo começa com o encontro de amigos músicos que decidem se unir para fazer rodas de samba informais pela comunidade da Maré. Ao longo do tempo, começam a aparecer convites para participar de eventos. Ao perceberem que a comunidade se espelhava em seus exemplos musicais e que alguns grupos surgem a partir de suas apresentações, decidem transformar as rodas informais em eventos culturais, como forma estratégica de preservação da tradição do Samba e de se consolidarem como palco referência de arte e lazer na região.

O Grupo Nova Raiz do Samba é um grupo musical brasileiro de Samba, formado no Complexo da Maré na cidade do Rio de Janeiro, por Alexandre Dão (cavaquinho e voz), Claudio Brito (Tan Tan), Marcelo (repique e voz), Luiz Henrique (surdo e voz), Fome (pandeiro e voz) e Beto Papai (violão 7 cordas e voz). O Grupo teve sua formação em 2006. Como peculiaridade o fato de ter sido fundado por pessoas que tem origem na própria Maré, que conseguiram através da arte pensar de maneira crítica a trajetória da comunidade, buscando transformá-la. A história do Grupo começa com o encontro de amigos músicos que decidem se unir para fazer rodas de samba informais pela comunidade da Maré. Ao longo do tempo, começam a aparecer convites para participar de eventos. Ao perceberem que a comunidade se espelhava em seus exemplos musicais e que alguns grupos surgem a partir de suas apresentações, decidem transformar as rodas informais em eventos culturais, como forma estratégica de preservação da tradição do Samba e de se consolidarem como palco referência de arte e lazer na região.

Em seus cerca de 12 anos de atividade, o Grupo Nova Raiz do Samba interage com atividades culturais no Complexo da Maré, um dos maiores conjuntos de favelas do Rio de Janeiro, onde vivem cerca de 130 mil habitantes de baixa renda que precisam reinventar suas condições de existência a cada dia.

Seu conteúdo musical valoriza a cultura tradicional brasileira e forma plateia para a cultura popular,

³⁰ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

ORQUESTRA MARÉ DO AMANHÃ

(@ORQUESTRAMAREDOAMANHA)



Criada há dez anos, a Orquestra Maré do Amanhã é formada por crianças, adolescentes e jovens do Complexo da Maré. Já se apresentou nos mais prestigiados palcos do Rio de Janeiro, tendo sido, inclusive, convidada pelo Papa Francisco a se apresentar na Sala Paulo VI, no Vaticano.

ROCK EM MOVIMENTO³¹

(@REM_ROCK_EM_MOVIMENTO)

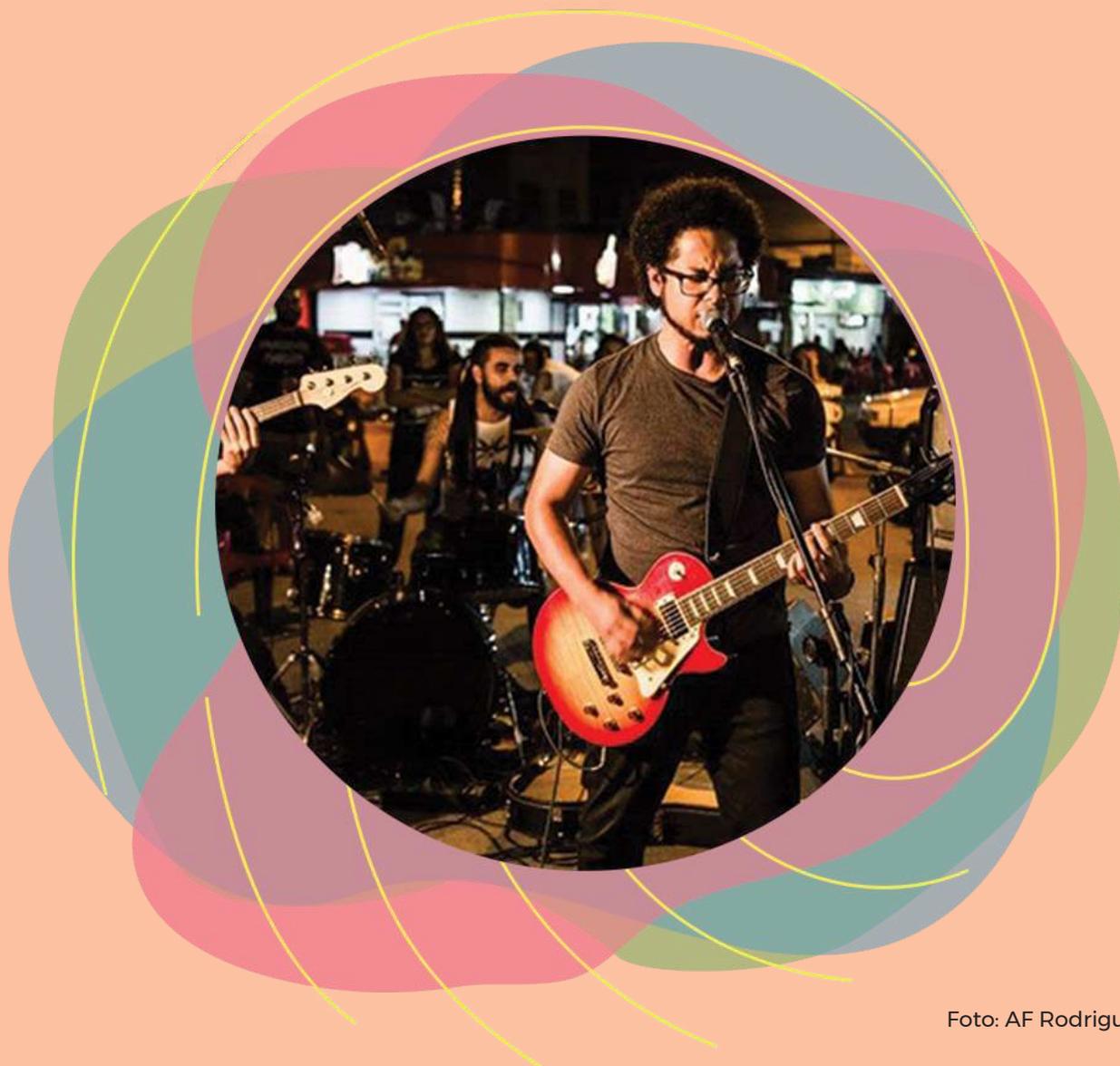


Foto: AF Rodrigues

Rock em Movimento é um coletivo criado em 2011 que tem por objetivo ocupar espaços públicos incentivando a produção de cultura voltada para o cenário de rock autoral, tendo como principal frente de atuação o bairro Maré. O coletivo surge a partir da construção do evento Maré de Rock (2008) que mobilizou ativistas e bandas para um manifesto em defesa dos direitos humanos. Assim, Diogo Nascimento, Klaus Grunwald e Reginaldo Costa formaram o Rock em Movimento.

³¹ Os dados do artista não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.



TEATRO
COLETIVOS ARTÍSTICOS E GRUPOS

CIA MARGINAL

(@CIAMARGINAL)



A companhia é formada por Geandra Nobre, Wallace Lino, Rodrigo Maré, Isabel Penoni, Phellipe Azevedo e Jaqueline Andrade. A maioria dos artistas componentes são favelados. Surge em 2005 a partir de oficinas teatrais e tem como base para seu trabalho os conceitos memória, território, pesquisa, trabalho físico e formação de público. Tem em seu currículo 5 espetáculos sendo o último chamado “Hoje não saio daqui”, apresentado no Parque Ecológico da Maré, a mata, e que também foi escolhido como um dos 10 melhores espetáculos de 2019, segundo o Jornal O Globo.

COLETIVO BUSINA

(@BUSINAOFICIAL)



Nós somos a Coletiva BUSina (com S de Usina) localizada na Maré/RJ e em Lauro de Freitas/BA. Nossa equipe é formada por integrantes favelades, periféricas, negres, mulheres e/ou LGBTQIA+. Em 2009 fundamos a Cia bUsina Teatral da Usina de Cidadania, que ficava localizada na Avenida Brasil, próxima à passarela 5, ao lado da Refinaria de Manguinhos, que era patrocinadora e mantenedora da Usina de Cidadania e da Cia bUsina Teatral. Em 2012, a Usina de Cidadania teve suas portas fechadas de forma arbitrária, em 2013 seguimos com a Cia bUsina Teatral de forma independente, voluntária, buscando formas de apoio e patrocínio, dentro da Maré, fazendo parcerias com diferentes espaços. Em 2014 fundamos a bUsina Social para buscarmos realizar atividades de outras áreas além da artística cultural, como a Usina de Cidadania também realizava diferentes áreas de conhecimento. Em 2020 passamos a nos chamar somente BUSina, unindo a Cia bUsina Teatral e a bUsina Social que seguiam como um Projeto Social e como Cia Teatral, passando a ser uma Coletiva, seguindo trabalhando com diferentes linguagens de conhecimento: Artística, Cultural, Educação, Saúde Mental, para todas idades.

Atuamos de forma virtual (Instagram, facebook, WhatsApp, Zoom), e presencial (RJ: Maré/RJ e Lauro de Freitas/BA) com atividades de arte, cultura, educação, saúde mental, principalmente na Zona Norte, Zona Oeste, Baixada Fluminense, São Gonçalo e Niterói, no Rio de Janeiro, em Lauro de Freitas na Bahia, assim como também com parceiros em favelas, periferias, regiões metropolitanas e interiores de outros estados do Brasil, atuando tanto de forma remunerada, como voluntária. Atuamos em espaços convencionais e alternativos. Temos alguns pilares como base, dentre eles dois como muito importantes: o fortalecimento individual e coletivo, tanto de cada integrante, como de toda coletiva, tanto o fortalecimento emocional, psicológico, assim como financeiro. Assim como buscamos impulsionar que nosso público também fortaleça esses dois pilares, tanto diretamente em atividades que desenvolvemos, quanto em atividades e espaços que buscamos ser pontes, que encaminhamos. Desenvolvemos nossas atividades em diferentes Núcleos: Apresentações Artísticas; Oficinas; Saúde mental, atendimentos Psicológicos; Passeios Culturais; Ações Sociais; Saraus; Rodas de Conversa; Lives; Canal BUSina com Vídeos no YouTube e Instagram; Comunicação, Redes Sociais (Facebook, Instagram, YouTube, WhatsApp, Telefone, Email); Produção; Trocas culturais, intercâmbios; Atuação em Festas; Colônia de Férias.

ENTIDADE

(@ENTIDADEMARE)



Entidade é um projeto de escrita territorial com foco nas narrativas de LGBTQIA+ da Maré com base na criação de um canal de comunicação virtual com histórias e imagens de LGBTQIA+ no processo de formação e vivência da Maré. O coletivo é formado por Jaqueline Andrade, Matheus Affonso, Paulo Victor Lino e Wallace Lino.

GRUPO ATIRO

(@BUSINAOFICIAL)



O Grupo Atiro é um coletivo teatral fundado em 2013 por artistas do conjunto de favelas da Maré. Originou-se a partir das oficinas de extensão da CIA Marginal em parceria com a Redes da Maré. Com 5 peças (Vai, Família, Obedeça, Ant Corpo e Corpo Minado) no repertório, o grupo já se apresentou em escolas, centros culturais, festivais, universidades, ONGs, ruas, praças e teatros. A aproximação do grupo com as entidades locais, principalmente no âmbito educacional, possibilita a criação do projeto Além dos Muros que oferece oficinas teatrais para professores de algumas redes de ensino na Maré.

Somos um grupo de 7 integrantes: Desireé Santos, João Paulo Rodrigues, Matheus Affonso, Paulo Victor Lino, Romário Mello, Wallace Lino e Wellington Oliveira.

MARÉ EM MOVIMENTO DO TEATRO DO OPRIMIDO - MARÉMOTO

(@MARE_MO_TO)



O coletivo Maré em Movimento do Teatro do Oprimido - MaréMoTO foi formado em 2014 pelo projeto TO na Maré no conjunto de favelas da Maré, onde atua até os dias atuais, por jovens de diversos lugares do bairro. Atua principalmente com o Teatro do Oprimido, sendo um dos grupos vinculados ao Centro de Teatro do Oprimido - CTO RIO.

Nessa trajetória de quase 7 anos, o coletivo construiu dois espetáculos de teatro fórum (“Marcha Borboleta” e “Cota Pra Vazá”, respectivamente), mais recentemente durante a quarentena o coletivo produziu a curta-metragem “As Margens do Isolamento”, além de algumas performances teatrais ao longo do tempo.

Além das apresentações e produtos artísticos produzidos, em 2017 o coletivo passou por um aprofundamento nas técnicas do TO e a partir desse estudo foram realizadas diversas oficinas de TO em escolas, universidades, ONG’s, etc. Atualmente o coletivo conta com 5 integrantes: Marcelo Heleno (curinga/diretor do grupo); Nlaysia; Lígia Monteiro; Manu Ferraz e Bárbara Assis.

III EQUIPAMENTOS CULTURAIS

O Conjunto de Favelas da Maré possui uma série de equipamentos culturais, que constitui um circuito de espaços promotores de cultura. Ainda assim, os investimentos para estes espaços são ínfimos, comparados com as dimensões do território e com o potencial cultural do Rio de Janeiro.

Quatro equipamentos culturais informaram seus dados quantitativos no formulário de pesquisa, mas outros 7 constam aqui com suas apresentações (sinopses e fotos), por serem locais de extrema relevância para a produção artística no Conjunto de Favelas da Maré.



EQUIPAMENTOS CULTURAIS

BIBLIOTECA POPULAR ESCRITOR LIMA BARRETO

32

(@REDESDAMARE)



Em 2005, a Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto foi criada para atender à demanda de jovens e adultos da Maré por um lugar onde pudessem ler e estudar. Em 2011, foi aberta a Sala de Leitura Maria Clara Machado, para o público infantil, ampliando ainda mais a atuação do espaço. Os números comprovam o sucesso da biblioteca que é referência na região: tem uma média anual de 12 mil atendimentos a crianças e adultos, entre empréstimos e consultas de um acervo de 14 mil livros, CDs, DVDs e participação em atividades.

A sala dos adultos é ponto de encontro de pessoas se preparando para provas do Ensino Médio e do vestibular. Uma turma concentrada que costuma trocar experiências e ensinamentos, contando com um ambiente propício, onde há livros didáticos, silêncio, wi-fi e ar condicionado.

Já na sala infantil, com 300 metros quadrados, há sempre uma dinamizadora para interagir com as crianças, contação de história, oficinas, material para desenho, pintura e uma variedade de brincadeiras e jogos. Tanto a construção quanto a manutenção da Biblioteca Popular Lima Barreto e da Sala Maria Clara Machado dependeram e ainda dependem de doações públicas e privadas. São aceitas doações de livros de literatura e poesia para todas as idades.

³² Os dados do equipamento não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

BIBLIOTECA POPULAR JORGE AMADO³³

(@LONADAMARE)



A Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado funciona como ponto de encontro de leitores, enquanto crianças e adultos têm a chance de fazer aulas ou oficinas variadas como letramento, música, robótica, dança, culinária, formação de mão de obra para eventos culturais ou até mesmo participar de um projeto de educação ambiental. A Biblioteca está situada no mesmo espaço que a Lona da Maré.

³³ Os dados do equipamento não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

CEASM - CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ³⁴

(@CEASMOFICIAL)



O Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré nasceu, em 1997, a partir de um coletivo de moradores e ex-moradores da Maré que teve como motivação a possibilidade de criar estratégias e ações integradas e de longo prazo na Maré que visam o desenvolvimento do bairro.

A ideia é aliar a inserção comunitária à condição de instituição de pesquisa e gestão de projetos de grande porte, elementos raros de serem encontrados nas organizações sociais oriundas da favela. O principal efeito desta ideia é que nela os moradores, em particular os adolescentes e jovens, encontram exemplos locais positivos na construção de suas trajetórias sociais, escolares e acadêmicas.

“Acreditamos que o exercício da cidadania no Bairro Maré deva sustentar-se em um projeto abrangente e processual. Sua finalidade maior é a constituição, fortalecimento e/ou articulação de redes sociais nas quais se valorize o papel-cidadão do morador, as ações solidárias, o respeito às diferenças e a crítica às desigualdades sociais existentes na realidade carioca e brasileira.”

³⁴ Os dados do equipamento não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

CENTRO CULTURAL YPIRANGA DE PASTINHA ³⁵



É um centro cultural voltado pra cultura popular no Morro do Timbau, na Maré. Fundado pelo Mestre Manoel, discípulo de Mestre Pastinha, oferece aulas de capoeira, maculelê e danças populares, além de debates e exibição de filmes.

O espaço funciona desde 1998 e atende cerca de 200 crianças regularmente.

³⁵ Os dados do equipamento não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

CENTRO DE ARTES DA MARÉ

(@REDESDAMARE)



Aberto em 2009, num galpão de 1,2 mil metros quadrados próximo à Avenida Brasil, na Nova Holanda, o Centro de Artes da Maré - CAM é um espaço de referência em arte e cultura para moradores da região e bairros vizinhos, atraindo também um público de diferentes partes do Rio de Janeiro, do Estado e até de outros países.

O Centro de Artes da Maré abriga a Escola Livre de Dança da Maré, é sede do grupo da coreógrafa Lia Rodrigues, parceira na criação do espaço, e oferece uma intensa programação de eventos artísticos, culturais e sócio-políticos. Há mostras de artes cênicas, oficinas, cineclube, exposições de arte, shows e espetáculos de dança e teatro.

É palco do projeto Teatro em Comunidades – uma parceria da Redes da Maré com a UNIRIO – e já recebeu atrações do festival Panorama, inclusive workshops com coreógrafos internacionais, como a portuguesa Vera Mantero (2015) e a belga Anne Teresa De Keersmaeker (2014). A agenda conta ainda com a galeria de arte Amarelo, lançamento de livros, saraus, cursos e debates envolvendo temas ligados à cidadania, como drogas, segurança pública e empreendedorismo. O CAM acolhe também projetos realizados pela Redes da Maré em todos os eixos de atuação. Anualmente, o espaço é frequentado por cerca de 3 mil pessoas e recentemente foi um local fundamental para ações da campanha Maré diz Não ao Coronavírus

ESPAÇO TIJOLINHO

(@ESPACOTIJOLINHO)



O Espaço Tijolinho vem com a proposta de ser um espaço de lazer para essas crianças e jovens através do esporte e do Papo de Cria que são pequenos momentos para conversar e falar sobre a nossa vivência a fim de abrir os olhos dos atendidos

GALPÃO BELA MARÉ

(@GALPAOBELAMARE)



Espaço cultural do Observatório de Favelas, desenvolvido em parceria com a Produtora Automática, é voltado à democratização e difusão das múltiplas expressões artísticas, especialmente das artes visuais. Promove programações artístico-culturais e pedagógicas, indicando possibilidades de descentralizar tanto os equipamentos culturais quanto às possibilidades de fruição estética na cidade.

LONA CULTURAL MUNICIPAL HERBERT VIANNA - LONA DA MARÉ

(@LONADAMARE)



Em 2009, a Redes da Maré assumiu a cogestão da Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, numa parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, e desde então o espaço consolidou-se ainda mais como palco de referência em arte e lazer na região, enquanto foi se tornando também local de formação e aprendizagem.

No encontro das comunidades Baixa do Sapateiro, Nova Holanda e Nova Maré, a Lona Herbert Vianna pulsa mais viva do que nunca, atraindo moradores de diferentes áreas e derrubando barreiras invisíveis, porém concretas de circulação. A programação gratuita, que atrai cerca de 5 mil pessoas por ano, é variada: há os tradicionais shows, que vão do rock ao metal, mas também roda de samba, forró, bloco de carnaval, mostra de cinema, cineclube, espetáculos infantis, de teatro e musicais. A Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado funciona como ponto de encontro de leitores, enquanto crianças e adultos têm a chance de fazer aulas ou oficinas variadas como letramento, música, robótica, dança, culinária, formação de mão de obra para eventos culturais ou até mesmo participar de um projeto de educação ambiental.

MUSEU DA MARÉ³⁶

(@MUSEUDAMARE)



O Museu da Maré foi criado em 2006 pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). Ele está localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, entre a Avenida Brasil e a Linha Vermelha, próximo à Cidade Universitária e ao Aeroporto Internacional.

O Museu foi concebido por moradores da favela da Maré, que é formada por 16 comunidades onde moram cerca de 140 mil pessoas. O espaço está aberto às ações desenvolvidas pelos moradores e por grupos e coletivos de outros locais da cidade. Atualmente, os projetos desenvolvidos atendem cerca de 400 moradores. As escolas públicas do entorno são as principais parceiras do Museu.

A exposição de longa duração, Os Tempos da Maré, já recebeu mais de 70 mil visitantes. Nela, nada está totalmente acabado. Os visitantes podem interferir e sugerir mudanças. A exposição simula um grande calendário onde passado, presente e futuro convivem nos tempos da água, da casa, da migração, do trabalho, da resistência, da festa... São 12 temas (“tempos/meses”) cuja museografia é construída a partir do lugar e da vida, sempre em diálogo com a diversidade cultural do país.

O Museu trabalha para a superação dos estigmas em relação às favelas e seus moradores, colaborando com o processo de alargamento da perspectiva do papel do museu na realidade contemporânea. Na favela da Maré, onde as visões preconceituosas só conseguem enxergar as ausências, o Museu é um convite ao diálogo, à troca e à construção de novos saberes.

³⁶ Os dados do equipamento não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS³⁷

(@DEFAVELAS)



Fundado em 2001, o Observatório de Favelas é uma organização da sociedade civil sediada no Conjunto de Favelas da Maré, dedicada à produção de conhecimento e metodologias visando incidir em políticas públicas sobre as favelas e promover o direito à cidade. Tem como missão construir experiências que contribuam para a superação das desigualdades e o fortalecimento da democracia a partir da afirmação das favelas e periferias como territórios de potências e direitos. Desenvolve programas e projetos nos seguintes eixos: Arte e Território, Comunicação, Direito à Vida e Segurança Pública, Educação e Políticas Urbanas.

³⁷ Os dados do equipamento não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

PONTILHÃO CULTURA ³⁷

(@MUSEUDAMARE)



O Espaço Cultural do Pontilhão fica localizado embaixo da linha amarela na altura do Fundão, lá é um lugar aberto ao público e nele são feitas várias atividades esportivas e intervenções artísticas.

³⁷ Os dados do equipamento não constam nos gráficos apresentados no início da publicação.

CONCLUSÕES E REFLEXÕES

O fazer artístico passa por subjetividades e construções das formas de ser e experienciar o mundo. Aqui, não nos cabe definir através de dados “o que é” ou “quem são” as artes e artistas produzidas na Maré. O impacto dos dados está em identificar as potências e vulnerabilidades coletivas desencadeadas por processos históricos e excludentes que apartam determinados perfis populacionais.

Durante a pesquisa identificamos que o acesso à internet foi um fator determinante para contato e conexão com os artistas. Constatamos também que mais da metade dos entrevistados relataram “acesso limitado”, e conseguimos entrar em contato com um artista sem acesso à internet.

De acordo com dados coletados pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC) em 2019, uma em cada quatro pessoas não têm acesso à internet. Uma a cada cinco pessoas não tem internet própria, compartilha rede do vizinho e a principal causa para o não-acesso são os altos preços do serviço no Brasil.

As ausências são marcadas pelas adaptações e exclusões geradas pelo “novo normal”. O fato de 80% dos artistas declarar ter sido afetado por um quadro de ansiedade e depressão também devem ser levadas em consideração quando falamos sobre essas ausências ocasionadas pelo cenário pandêmico, pois, outro dado que surgiu durante a pesquisa, foram de produtores culturais e mobilizadores de artes da Maré que não responderam por não se considerarem artistas.

Se entender enquanto artista em um território atravessado por violência e violações do Estado, se sustentar em um território com altos índices de pobreza e vulnerabilidade social e se constituir em um país onde o sucateamento, desvalorização e desmonte da arte são pautas recorrentes, é desempenhar um papel de luta e enfrentamento diário. É um movimento que rompe com barreiras históricas, individuais e coletivas.

Citando a escritora e ativista Audre Lorde:

“...a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria a qualidade da luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível.” (LORDE, 1983).

Os dados apresentados durante essa “Marégrafia” nos permitem fazer várias perguntas sobre a realidade do cenário artístico na Maré. Vimos a predominância da população preta, parda, afro indígena e negra no fazer artístico no território. Esse grupo representa 80,2% dos artistas e das artistas mareenses. Podemos inferir que no grupo dos artistas que preencheram o formulário de pesquisa, há um predomínio de populações racializadas ou não brancas. Assim, podemos começar a pensar a Maré como um território de artes negras, indígenas, afroindígenas. Esta reflexão conversa com dados do Censo Maré, (Redes, 2012) que aponta que o Conjunto de Favelas da Maré tem 62,1% de população negra (pretos e pardos).

Olhando para as respostas obtidas com o grupo focal, vemos uma recorrência de relatos sobre a arte como mecanismo de sobrevivência, de manutenção da saúde mental e de forma de expressar uma indignação com situações do cotidiano.

É muito significativo que as pessoas “de cor” (pretos, pardos, indígenas, afro indígenas) sejam justamente esses sujeitos que lutam para ressignificar situações de violência sofridas no território através da arte.

Outro dado que também merece destaque é de que 40,3% do público entrevistado não tem ou renda ou recebe até meio salário mínimo. Segundo o IBGE (2019) pretos e pardos são 76,7% entre os que vivem na extrema pobreza no Brasil. Esses dados refletem a urgência de políticas públicas que visem uma melhor distribuição de renda e políticas de ações afirmativas a fim de erradicar ou reduzir a diferença gigantesca entre pessoas brancas e negras no Brasil.

Pâmela Carvalho, em artigo³⁹ para o jornal Maré de Notícias (2020) fala sobre a importância de criar ferramentas de distribuição de renda para esses artistas periféricos, em especial no Conjunto de Favelas da Maré. Como vimos nessa publicação, há uma população historicamente marginalizada e com direitos negados que continuam alvo das violências do cotidiano. Sobre isso, a autora afirma:

“Mas é necessário dizer que para fazer arte é necessário estar de barriga cheia. E iniciativas de geração de renda para artistas (em especial oriundos de favelas e periferias), a meu ver, apontam para um caminho essencial, de distribuição de renda e valorização de setores trabalhistas historicamente marginalizados como artistas e produtores de cultura.”

Ações como a “Chamada pública: novas formas de fazer arte, cultura e comunicação nas favelas - promovida pela Redes da Maré em 2020” contribuíram muito para que vários artistas e coletivos não parassem de produzir durante a pandemia. Porém, é importante nos atentarmos para o fato de que esta ainda é uma ação pontual, realizada pela sociedade civil organizada. E os dados mostram que precisamos de políticas públicas permanentes com o objetivo de garantir direitos básicos como à moradia, alimentação, educação, lazer.

A pesquisa também apresenta dados sobre as principais fontes de financiamento dos fazeres artísticos e culturais na Maré. Entre os entrevistados, 61,4% financiam seus projetos através de editais e chamadas públicas. Os demais financiam seus projetos a partir dos seus trabalhos formais ou informais.

O apoio familiar também é uma questão importante. Apenas 4,3% do público entrevistado relatou se sentir totalmente apoiado pela família. Isso pode ocorrer por vários fatores. Vimos que quase 46% dos artistas tiram de seus orçamentos próprios, os recursos para financiar seus projetos. E quando perguntados sobre o retorno do investimento em formação, estudo, pesquisa, apresentação, tempo e energia, 44,3% consideram ser inviável manter suas famílias a partir de seus trabalhos artísticos.

Estes dados expõem uma realidade desafiadora, que pode contribuir para a descontinuação de uma série de projetos e iniciativas no campo da arte e da cultura.

Com relação aos dados sobre orientação sexual e identidade de gênero, podemos perceber que a maioria dos artistas entrevistados são homens cis e heterossexuais, mostrando que ainda há, especialmente em espaços favelados, uma dificuldade de alcançar e visibilizar pessoas LGBTQI+ no território. Por isso é necessário pontuar mais uma vez que os dados coletados não representam a totalidade de artistas da Maré.

Assim como para pessoas pretas, é importante ressaltar que a arte criada por pessoas LGBTQI+ cumpre o importante papel de muitas vezes tocar, debater e tratar de assuntos dentro deste universo. Vivemos uma onda de conservadorismo e nos depararmos com a existência e resistência desses artistas é de suma importância. Esses artistas, mesmo com todos os obstáculos, continuam se reinventando, não só falando sobre suas vivências, mas também expandindo o seu trabalho para diversas áreas.

Mesmo nossos dados mostrando que a grande maioria dos artistas entrevistados são pessoas cisgêneras e heterossexuais, nosso território está inundado de práticas iniciadas por pessoas LGBTQI+. Mulheres trans, lésbicas, pessoas bissexuais entre outros estão imprimindo seus olhares e nos possibilitando a vivência das artes sob uma nova ótica. Seja trazendo elementos novos associados à cultura atualmente, seja buscando no passado referências para afirmar seu espaço dentro do universo artístico, como as Ballrooms e os Shows das estrelas.

Diante de tantos desafios, afirmamos que é essencial que sejam pensadas políticas públicas ligadas à arte e cultura. Em especial para as que são produzidas em favelas. Ainda assim, entendemos que a arte ressignifica vivências, desejos e possibilidades de narrativa. Concluimos essa Marégrafia, afirmando que não nos cabe definir quem são os artistas da Maré, mas entendemos que ser artista na Maré é um movimento político.

³⁹ Disponível em <https://mareonline.com.br/de-maria-angu-a-novas-formas-de-fazer-arte-a-mare-e-solo-fertil/>

ÍNDICE ARTISTAS, COLETIVOS E EQUIPAMENTOS

Larissa	69	Rodrigo Maré	142
Arcasi	71	Sabiá Forrozeiro	143
Cruz	72	Victor Mendes	144
Didi Star	73	Anderson Oli	146
Douglas Lopes	74	Bárbara Assis	147
Felipe Bacelar	75	Camila Moura	148
Gabriel Affonso	76	Christian Santos	149
Jean Carlos Azuos	77	Elmer	150
Oscar Rack	78	Geandra Nobre do Nascimento	151
Pedro Pereira	79	Jaqueline Andrade	152
Rdoisó	80	Jefferson Melo	153
Tiago Mala	81	Matheus Benny	154
André Souza	83	Priscilla Monteiro	155
Andrezza Jorge	84	Sol Targino	156
Beatris Bonatti	85	Vanu Rodrigues	157
Iná	86	Wallace Lino	158
João Paulo Rodrigues	87	David Almeida	160
Kamyla Galdeano	88	Matheus Affonso	162
Matheus Frazão	89	Carlos Marra	163
Vinícius Ribeiro	90	Geisa Lino	164
Bhega	92	Lekita	165
Amanda Baroni	94	Pâmela Carvalho	166
Ana Helena Pisonelly	95	Paulo Victor Lino	167
Jonatan Peixoto	97	Rayanne Felix	168
Lucas Buda Capoeira	99	William Oliveira	169
Mestre Manoel	100	Maré Crew	172
Brainer Lua	102	Quilombo Etu	174
Jeniffer Rodrigues	104	Maré de Capoeira	175
Marcos Aprigio	105	Espaço Casulo Maré	177
Mayra Lima	106	Mulheres ao Vento	178
Nessa Azevedo	107	Banda Dona Juanita	180
Ricardo Xavier	108	Black Owl Records	181
Suellem Carvalho	109	Grupo Fundamental	182
AF Rodrigues	111	Grupo no Lance	183
Elisângela Leite	112	Grupo Nova Raiza do Samba	184
Jonas Willame	113	Orquestra Maré do Amanhã	186
Jucemar	114	Rock em Movimento	187
Kamila Camillo	115	Cia Marginal	189
Marcelo Wance	116	Coletivo Busina	190
Marinho	117	Entidade	191
DJ Renan Valle	119	Grupo Atiro	192
Marcos Diniz	121	Maré em Movimento do Teatro do Oprimido	193
Math de Araujo	122	Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto	196
MC Martina	123	Biblioteca Popular Jorge Amado	198
Rainha do Verso	124	CEASM	199
Sara Alves	125	Centro Cultural Ypiranga de Pastinha	200
Tom Braga	126	Centro de Artes da Maré	201
Vitor Felix	127	Espaço Tijolinho	202
Jhon	129	Galpão Bela Maré	203
Anderson Barros	131	Lona Cultural Municipal Herbert Vianna	204
Diego Nascimento	132	Museu da Maré	206
DJ Viajante	133	Pontilhão Cultural	208
Gui Coruja	134		
Jonathan Panta	135		
MC Jessi	138		
Nizaj	139		
Panda	140		

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

ALBUQUERQUE, João. "Quem são os trabalhadores essenciais?". Outras palavras, 23 abril, 2020. Disponível em: outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/quem-sao-os-trabalhadores-essenciais/

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Educação – USP, São Paulo, 2005.

CARVALHO, Pâmela. De Maria angu a novas formas de fazer arte: a Maré é solo fértil. Disponível em: <https://mareonline.com.br/de-maria-angu-a-novas-formas-de-fazer-arte-a-mare-e-solo-fertil/> Acesso em: 25/02/2021.

DE MENEZES BITTENCOURT, João Batista. A etnocartografia como experimento antropológico ou da arte de mapear territórios subjetivos. Disponível em: http://evento.abant.org.br/rba/30rba/files/1466476833_ARQUIVO_Paper_finalizado_RBA_JB.pdf. Acesso em: FEV 2021.

FIOCRUZ. 3 Boletim socioepidemiológicos Covid 19 nas favelas. Ed. Número 3 FEV/2021. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021.

FIOCRUZ. Boletim socioepidemiológicos Covid 19 nas favelas. Ed. 01/2020. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

IBGE. Síntese de indicadores sociais: em 2019, proporção de pobres cai para 24,7% e extrema pobreza se mantém em 6,5% da população. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao> Acesso em: 25/02/2021.

LORDE, Audre. Irmã outsider; tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. Guia de ruas maré, 2014. Nova edição. Rio de Janeiro: Redes da maré, 2014.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. "Rekhet: Um exercício que transcende o ato de filosofar." Ítaca 36: 43-78. 2020

CETIC. TIC nos domicílios. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf Acessado em 29/04/2021

REDES, 2012. Censo Populacional da Maré - <https://apublica.org/wp-content/uploads/2020/07/censomare-web-04mai.pdf> Acessado em 19/03/2021

APOIO



FORD
FOUNDATION

REALIZAÇÃO

re^{da}desmqré